

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

ANDREA LANGBECKER

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE OS SISTEMAS PÚBLICOS DE SAÚDE
NO BRASIL E NA ESPANHA — UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

Salvador

2017

ANDREA LANGBECKER

**A COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE OS SISTEMAS PÚBLICOS NO
BRASIL E NA ESPANHA — UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade
Federal da Bahia, como requisito parcial para
obtenção do Título de Doutora em Saúde Pública

Área de concentração: Ciências Sociais em Saúde

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Eduardo Pfeiffer Castellanos — ISC/UFBA

Co-orientador: Prof. Dr. Daniel Catalán Matamoros — UC3M

Salvador

2017

Ficha Catalográfica
Elaboração Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA

Langbecker, Andrea.

A cobertura jornalística sobre os sistemas públicos de saúde no Brasil e na Espanha: uma análise comparativa / Andrea Langbecker. -- Salvador, 2017.

113 f.

Orientador: Marcelo Eduardo Pfeiffer Castellanos.
Coorientador: Daniel Catalán Matamoros.

Tese (Doutorado - Pós-graduação em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia.

1. Sistemas públicos de saúde. 2. Notícias. 3. Sistema Nacional de Salud. 4. Sistema Único de Saúde. 5. Valores-notícia. I. Pfeiffer Castellanos, Marcelo Eduardo. II. Catalán Matamoros, Daniel . III. Título.



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva – ISC
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

ANDREA LANGBECKER

A cobertura jornalística sobre os sistemas públicos de saúde no Brasil e na Espanha – uma análise comparativa.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova a tese, apresentada em sessão pública ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Saúde da Universidade Federal da Bahia.

Data de defesa: 06 de setembro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Marcelo Eduardo Pfeiffer Castellanos - Orientador - ISC/UFBA

Prof. Litza Andrade Cunha – ISC/UFBA

Prof. Carmen Fontes de Souza Teixeira – IHAC/UFBA

Prof. Antonio de Padua Pithon Cyrino – FMB/ UNESP

Prof. José Luis Terrón Blanco - UAB

Salvador
2017

Dedico esta tese às pessoas mais importantes da minha vida: as minhas estrelinhas Sofia e Olga, e ao meu companheiro de jornada, Guido, e porque, sem vocês, eu não teria conseguido!

Everybody hurts, sometimes (...)
Take comfort in your friends
If you feel like you're alone
no, no, no, you're not alone (...)
So hold on, hold on, hold on... (REM)

AGRADECIMENTOS

Como canta o poeta João Cabral de Melo Neto, “um galo sozinho não tece uma manhã”... E este trabalho foi tecido por muitas e diversas mãos: algumas foram mãos instruídas e acadêmicas; outras foram as do afago e do conforto. E foi exatamente esse entrelaçamento que fez com que nós chegássemos até aqui... Agradeço:

- em especial, ao meu orientador prof. Marcelo Eduardo Pfeiffer Castellanos por ter me acolhido e aceitado me orientar em um estudo totalmente diverso de sua área de formação e investigação. Por ter paciência comigo e entender os meus mais variados processos acadêmicos e pessoais. Meu muito obrigada ainda por ter me proporcionado fazer o doutorado sanduíche que foi um divisor de água na minha vida acadêmica e pessoal.
- ao meu tutor espanhol, prof. Daniel Catalán Matamoros, pela acolhida na Espanha, pelos incentivos recebidos, pelo companheirismo, por confiar em mim e por me ensinar a “sacar adelante”.
- ao Antonio de Padua Cyrino, Toninho, meu eterno orientador, porque “tudo isso começou contigo”, por me trazer para a Saúde Coletiva e por ser sempre para mim uma referência acadêmica e profissional.
- ao prof. José Luis Terron pelos bons ensinamentos na área da comunicação e saúde, pelas sugestões e orientações que serviram de guia para o trabalho realizado.
- à coordenação da Pós-graduação por ter sido sempre sensível e respeitosa em relação às minhas demandas.
- ao colega Robson Neves pela sua extrema generosidade, pelo ombro acadêmico e amigo que me ajudaram a transpor barreiras.
- em especial a minha família pelo suporte emocional e por acreditar em mim: minha mãe Ester por todas as orações e pensamentos positivos, minhas irmãs mais velhas, Ulana e Paula, por todas as mensagens de apoio recebidas! Ao meu

irmão mais novo, Dejalma Junior, por me lembrar sobre o orgulho... e ao meu pai (*in memoriam*) porque sei que estás comigo...

- à minha segunda família, a Castagnino, em especial a minha sogra mãe Ercia por todas as orações e as minhas cunhadas Maria Auxiliadora (Doda) e Angela (Chica) pelas palavras encorajadoras!
- às minhas queridas amigas, a carioca Olga Helena Revelles e a baiana Maria de Fatima Cardoso, que foram companheiras de todas as horas e de todos os momentos! Gurias, vocês me tiraram do abismo muitas vezes. Sem palavras...
- aos servidores (em especial à secretaria da PG) do ISC por toda ajuda prática e técnica recebida e pela paciência comigo.
- a Andrea Magnoni e Gilson dos Santos por todo o apoio e orientação recebidos.
- e, acima de tudo, a Deus e a toda a espiritualidade!

Feeling Good

Birds flying high you know how I feel
Sun in the sky you know how I feel
Breeze driftin' on by you know how I feel
It's a new dawn
It's a new day
It's a new life
For me
And I'm feeling good

Fish in the sea you know how I feel
River running free you know how I feel
Blossom on the tree you know how I feel
Dragonfly out in the sun you know what I mean
Don't you know
Butterflies all havin' fun you know what I mean
Sleep in peace when day is done
That's what I mean
And this old world is a new world
And a bold world
For me

Stars when you shine you know how I feel
Scent of the pine you know how I feel
Oh freedom is mine

(Nina Simone)

BREVES REFLEXÕES

- Este trabalho é fruto de um processo de ir e vir: de um devir. Na defesa do meu mestrado, o professor da USP, Ricardo Teixeira, me disse que eu estava no meio do caminho entre deixar de ser jornalista e estar me tornando uma pesquisadora, estava em devir. Ao olhar minha trajetória no ISC, ainda me vejo em um intenso devir...
- As incertezas acompanharam todo o processo de produção de dados: e esta tese foi pautada pelo desapego. Mais de uma vez, dados foram produzidos e reproduzidos, algumas vezes descartados, assim como categorias de análise que foram deixadas pelo caminho. O que sobrou de tudo isso foi aprendizagem... Então, quando assumo as limitações deste trabalho, me agarro ao fato de também haver beleza e qualidade na simplicidade, mas, mais ainda: nunca significou tanto para mim — no meu processo de amadurecimento acadêmico — os erros e as imperfeições que foram abraçados, acolhidos como filhos tristes e rebeldes que precisavam de carinho.

RESUMO

Os sistemas públicos de saúde brasileiro e espanhol apresentam similaridades em termos de princípios e de organização dos serviços. Enfrentam também desafios parecidos, como o de garantir a universalidade do sistema, sobreviver aos cortes no financiamento e concorrer com a expansão dos seguros privados. Nesse contexto, considerando que a mídia ocupa um lugar de destaque nas sociedades contemporâneas, este trabalho teve como objetivo analisar, de forma comparativa, a cobertura jornalística da Folha de São Paulo sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) e do El País sobre o Sistema Nacional de Salud (SNS). A tese foi desenvolvida em três artigos que se complementam. O primeiro manuscrito se propôs a apresentar e discutir as bases teórico-conceituais sobre a notícia que podem sustentar possíveis escolhas analíticas adotadas para estudar a cobertura jornalística sobre temas do campo da Saúde Coletiva. Baseando-se em autores como Silva, Traquina e Gomis, o trabalho discutiu tipificações de valores-notícia com destaque para os valores permanentes como interessante e importante por abranger todo o campo da noticiabilidade. Essas variáveis - por dizer muito sobre a realidade social em que vivemos - mostraram-se categorias potentes de análise. O segundo artigo teve como objetivo mapear a produção científica na área da saúde, publicada no período de 2000 a 2015, que analisou a cobertura jornalística sobre a saúde pública brasileira. O trabalho nos propiciou compreender qual foi o lugar e quais foram os enfoques adotados sobre o Sistema Único de Saúde, visto dentro de uma gama mais ampla de temas de saúde pública. Dos 64 artigos analisados, oito tinham como objeto analisar a cobertura jornalística sobre alguma das dimensões do sistema público. Apesar do número baixo, foi o segundo tema mais investigado, atrás de doenças com 31 artigos. O manuscrito trouxe ainda um olhar sobre os métodos de análise, o que nos possibilitou constatar a predominância da análise do discurso e de conteúdo nas abordagens adotadas. Foi possível também identificar algumas lacunas, como o fato de não haver estudos relacionados à produção de notícia sobre a cobertura do SUS. O terceiro manuscrito trouxe a produção de dados da tese analisados em uma perspectiva comparativa sobre a cobertura no El País e na Folha de São Paulo sobre os sistemas públicos da Espanha e do Brasil, respectivamente. O trabalho investigou o que esses jornais consideraram como notícia relevante, referente ao tema estudado, para compor suas capas no ano de 2013. A Folha trouxe 88 capas, com 100 chamadas no total e, no El País, foram 37 capas e 39 chamadas durante o ano de 2013. A cobertura da Folha centrou-se no programa Mais Médicos; e, no El País, a maioria das notícias enfocou a privatização da saúde pública espanhola. Das nove categorias de valores-notícia de seleção, os jornais compartilharam oito delas, entretanto com frequências diversas. O valor-notícia mais presente nos dois foi **governo**, com destaque para as ações e medidas governamentais. Como segunda categoria, na Folha, prevaleceu a **polêmica**, enfocando precisamente o embate que se formou entre os conselhos federais de medicina e o Ministério da Saúde. No caso do diário espanhol, a segunda categoria mais presente foi o **impacto** em que as chamadas destacaram fatos embasados em números expressivos. Em relação aos valores-notícia de construção, constatamos que os jornais utilizaram recursos diversos. A Folha recorreu à **simplificação** em relação à abordagem adotada e o El País investiu na **personalização** e na **dramatização** para sensibilizar os leitores ao trazer relatos dos usuários e dos profissionais de saúde em que, em muitos casos, o pano de fundo era o processo de privatização da saúde.

Palavras-chave: critérios de noticiabilidade, sistemas públicos de saúde, notícias.

ABSTRACT

Public health systems in Brazil and Spain present similarities in terms of principles and organization of services. They also face similar challenges such as ensuring the universality of the system, surviving funding cuts and competing with the expansion of private insurance. In this context, considering that it is the media who selects what should or should not become public, this study undertakes a comparative analysis of the journalistic coverage of the National Health System by *Folha de São Paulo*, and the National Health System by *El País*. The thesis was developed in three articles that complement each other. The first manuscript proposed to present and discuss the theoretical-conceptual bases on the news that can support possible analytical choices adopted to study journalistic coverage of topics in the field of public health. The second article proposed to map the scientific production on Brazilian public health from 2000 to 2015. The work allowed us to understand the place and what were the adopted approaches on the Unified Health System, within a broader range of Public health issues. Of the 64 articles analyzed, eight were aimed at evaluating the journalistic coverage of some of the dimensions of the public system. Despite the low number, that was the second most researched subject, after diseases, with 31 articles. The manuscript also addressed the methods of analysis, which revealed the predominance of discourse analysis and content in the adopted approaches. Some gaps were also identified, such as the inexistence of studies related to the production of news coverage of SUS. The third manuscript brought the production of thesis data analyzed in a comparative perspective on the coverage of the public systems of Spain and Brazil by *El País* and *Folha de São Paulo*, respectively. In the study, we investigated what these newspapers considered relevant news, referring to the subject studied, to compose their covers in the year 2013. This work was anchored in the theory of news, specifically in the criteria of newsworthiness, conceiving the news as a social construction. *Folha* brought 88 covers, with 100 calls in total, and in *El País*, there were 37 covers and 39 calls during the year 2013. *Folha's* coverage was focused on the *Mais Médicos* Program; in *El País*, in turn, most of the news focused on the privatization of Spanish public health. Of the nine categories of selection-news news, the newspapers shared eight of them, though with varying frequencies. The most important news value in both was the government, with emphasis on government actions and measures. As a second category, in *Folha*, the controversy prevailed, focusing precisely on the conflict that formed between the federal councils of medicine and the Ministry of Health. In the case of the Spanish daily, the second most present category was the impact. In relation to the news values of construction, we find that the newspapers used different resources. We consider, in this study, what was possible to grasp in the text already published and what was most highlighted in terms of strategies used. *Folha* took advantage of the simplification. *El País* invested in personalization and dramatization to sensitize the readers.

Key words: newsworthiness criteria, public health systems, news.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. ARTIGO 1: “Notícia: discutindo as bases teórico-metodológicas do objeto em questão”.....	22
3. ARTIGO 2: “A saúde pública nos meios de comunicação brasileiros: uma revisão de literatura”.....	45
4. ARTIGO 3: “Quando e como os sistemas públicos de saúde são notícia: uma análise comparativa da cobertura jornalística no El País e na Folha de São Paulo”.....	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99

1. INTRODUÇÃO

Quando entrei no doutorado em Saúde Pública, me sentia motivada pela possibilidade de compreender melhor os processos que envolvem a cobertura jornalística sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), mas especificamente aqueles relacionados à produção de notícias. Nas aulas e nas conversas com colegas, havia a predominância de uma fala bastante homogênea sobre o quanto os meios de comunicação manipulam e desqualificam o sistema público. A pergunta que vinha em minha cabeça era: o que faz do SUS uma notícia?

Como sou da área de comunicação e saúde, me senti instigada a tentar contribuir, de forma modesta, para compreender esse fenômeno bastante complexo. Ao fazer doutorado sanduíche na Universidad Carlos III de Madrid, na Espanha, abriu a possibilidade de também estudar a cobertura jornalística sobre o Sistema Nacional de Salud espanhol.

Pensar a cobertura jornalística em uma perspectiva comparativa se mostrou um desafio por estarmos falando de sistemas públicos com suas especificidades e de países distintos. Apesar das diferenças socioeconômicas, históricas e culturais entre Brasil e Espanha, os dois países apresentam similaridades em relação aos seus sistemas públicos de saúde em termos de princípios e de organização dos serviços. Enfrentam também desafios parecidos, como o de garantir a universalidade do sistema, sobreviver aos cortes no financiamento e concorrer com a expansão dos seguros privados, retrocessos que vêm ocorrendo em outros países, como Itália, Grécia e Portugal em decorrência da crise econômica ou política (Paim, 2012).

No Brasil, com a Constituição da República de 1988, a saúde passa a ser reconhecida como um direito social, vinculada à noção de cidadania, cabendo ao Estado a garantia desse direito (Noronha, Lima & Machado, 2012). Criava-se, assim, o Sistema Único de Saúde (SUS), “um conjunto de ações e serviços públicos de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo Poder Público” (Lei 8080/90).

O SUS resulta de longas lutas sociais articuladas pela Reforma Sanitária Brasileira (RBS): um movimento social, que começou na década de 70, organizado pela própria sociedade (Paim, 2009). Destaca-se, como um marco nesse processo, a realização da 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, que versava sobre temas da saúde como direito de cidadania, reformulação do sistema nacional de saúde e o financiamento do setor, questões que subsidiaram um intenso debate público. Essa grande pressão social garantiu um capítulo específico sobre a seguridade social — que caracteriza o tipo de intervenção adotada pelo Estado na área social. No caso da Constituição brasileira, abrange a previdência, a saúde e a assistência social (Noronha, Lima & Machado, 2012).

O SUS tem como um dos seus princípios balizadores a universalidade, o que garante que todos os brasileiros possam usufruir do sistema público de saúde sem ter nenhuma dificuldade de acesso, tanto legal, econômica, física ou cultural (Paim, 2009). Contém, portanto, princípios muito diferentes do que até então havia vigorado no país, opondo-se a um modelo médico assistencial privatista predominante na época. Antes, só tinham direito à assistência médica os trabalhadores com carteira assinada (Paim, 2009; Oliveira, 2000). O SUS rompeu com essa “separação entre os incluídos e os não incluídos economicamente” (Conass, 2006, p. 26). Como seu financiamento procede de receitas arrecadadas pelo Estado, é oferecido de forma gratuita (Noronha, Lima & Machado, 2012).

Os outros dois princípios são a igualdade de assistência à saúde e a integralidade da assistência. O primeiro garante que não pode haver qualquer tipo de discriminação ou privilégios — que podem estar relacionados à cor, renda, gênero ou religião — no acesso aos serviços ou ações de saúde; o segundo pode ser entendido “nos termos da lei, como um conjunto articulado e contínuo de ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema” (Noronha, Lima & Machado, 2012, p. 439).

Olhando para sua trajetória, é possível perceber que o SUS está em processo de permanente construção: avançou muito e transformou-se no maior projeto público de inclusão social. Em 2007, foram 610 milhões de consultas e cerca de 12 mil transplantes

entre vários outros procedimentos com números igualmente expressivos (Santos, 2009). São milhões de brasileiros beneficiados. Mesmo aqueles que acreditam que não utilizam diretamente o SUS, porque pagam planos de saúde, e são, na verdade, usuários desse sistema por usufruírem de ações epidemiológicas, sanitárias e ambientais realizadas pelos serviços públicos de saúde (Teixeira, Souza e Paim, 2014).

No caso da Espanha, na década de 40, a saúde era regida por um sistema de previdência social, que oferecia cobertura para a população contribuinte e seus beneficiários. Na década de 50, havia diferentes órgãos de previdência, que foram unificados no Instituto Nacional de Provisões. Esse regime estava baseado na rede privada, uma vez que os serviços de saúde pública eram escassos. Em 1975, com a morte do general Francisco Franco, houve a mudança de um governo autoritário para uma monarquia constitucional. Uma nova constituição entrou em vigência em 1978, garantindo o direito à saúde.

O artigo 43 estabelece que a proteção da saúde é um direito fundamental do cidadão, e a Lei nº 14, de 1986 — Lei Geral da Saúde — define os princípios e diretrizes relacionados ao direito à saúde, tais como: o financiamento público, universalidade e gratuidade; direito e deveres definidos pelos cidadãos e pelos poderes públicos; atenção integral; integração entre as diferentes estruturas e serviços públicos ao Sistema Nacional de Saúde (SNS) (Quiles, 2013; Conill, Giovanella & Almeida, 2011; Añon, 2014). O SNS é constituído pelo conjunto de serviços de saúde do governo central e pelos serviços de saúde das 17 Comunidades Autônomas (CCAA) (Repullo e Freire, 2008).

Em julho de 2013, a Espanha tinha 46,6 milhões de habitantes, com 95% da população coberta pelo SNS. A esperança de vida ao nascer alcançava os 82,3 anos (79,3 anos para os homens e 85,2 anos para as mulheres). O Sistema Nacional de Saúde contava com 3 mil centros de saúde e cerca de 10 mil consultórios de atenção primária. Foram realizadas 375 milhões de consultas nesse ano. Contava ainda com uma rede de 453 hospitais, dos quais 325 eram de dependência pública (MSSSI, 2014).

Em relação à avaliação dos cidadãos sobre o sistema de saúde, 65,9% consideraram que o sistema funcionava bem apesar da necessidade de algumas mudanças. O grau de satisfação com o funcionamento do sistema sanitário público na Espanha ficou em 6,4 pontos em uma escala até 10, e os cidadãos continuavam preferindo, como em anos anteriores, os serviços públicos em maior proporção que os privados (MSSSI, 2014).

Apesar dos números promissores, o endividamento da saúde pública e a situação de crise econômica na Espanha desencadearam algumas mudanças, em 2012, em seu sistema público. Segundo o *Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad*, essas medidas tiveram como objetivo garantir a sustentabilidade e preservar a qualidade do sistema sanitário público espanhol (BOE, 2012). A publicação do “*Real Decreto-Ley de medidas urgentes para la sostenibilidad del Sistema Nacional de Salud y mejora de la calidad y la seguridad*” trouxe modificações substantivas em relação ao sistema de saúde espanhol, estabelecendo critérios para acesso aos serviços de saúde (BOE, 2012).

Conhecido como o ‘*apartheid* sanitário’, a nova redação estabeleceu os requisitos para ter acesso à assistência, sendo necessária a condição de assegurado ou de beneficiário de algum assegurado. Para Legido-Quigley *et al.* (2013), a reforma sanitária espanhola provocou uma erosão na cobertura universal, indo contra as recomendações da Organização das Nações Unidas (ONU). Depois de décadas de trabalho de integração e de ampliação progressiva da cobertura até alcançar a universalidade do sistema, tal normativa representou um passo atrás, no que se refere à titularidade do direito à saúde, com perdas graves de direitos (López-Fernández *et al.*, 2012; Añon, 2014). O decreto abriu a possibilidade — conforme destacam López-Fernández *et al.* (2012) — para a expansão dos seguros privados de saúde. Atuaram como uma alternativa para aqueles que não se enquadrassem como assegurados ou mesmo para aqueles que quisessem buscar uma complementação na área privada de serviços que sofreram cortes em decorrência dessa nova norma.

Essas investidas consecutivas contra os sistemas públicos nesses dois países têm representado um impacto social significativo de perda de direitos à saúde e representam um alerta para o fato de que princípios tão caros de serem conquistados

percam cada vez mais espaço. Nesse contexto, buscamos refletir sobre a cobertura jornalística sobre os sistemas de saúde brasileiro e espanhol, considerando que a mídia é um ator importante no processo de seleção dos fatos entre uma série de acontecimentos que ocorrem diariamente. E é exatamente esse processo de seleção de notícias nosso foco de interesse: o que leva determinado fato a ser selecionado entre uma infinidade de acontecimentos diários.

É possível abordar toda a complexidade que envolve a seleção de notícias? Os estudos do jornalismo ao longo do século XX até os dias atuais têm procurado compreender esses processos, trazendo abordagens variadas e demonstrando a complexidade desse fenômeno. A teoria do espelho, por exemplo, parte do pressuposto que as notícias espelham a realidade; já outras teorias, como a interacionista, analisam a notícia a partir das rotinas jornalísticas assumindo que esta é uma construção social, envolvendo vários atores (Silva, Silva e Fernandes, 2014; Traquina, 2012; Ponte, 2005).

A notícia é, para Tuchman (1978, p. 1), uma construção social, uma das “janelas no mundo”, entre outras janelas que o leitor utiliza para compreender a realidade social. Não consideramos que os meios sozinhos constroem a realidade, em uma perspectiva determinista, mas o fazem junto com outros atores.

Nosso interesse específico volta-se sobre uma das dimensões da noticiabilidade: os critérios que contribuem para que determinados fatos recebam “uma valoração jornalística diferenciada no amplo conjunto dos acontecimentos” (Silva, Silva e Fernandes, 2014). Essa valoração são os valores-notícia, características intrínsecas dos acontecimentos que os potencializam a alcançar o *status* de notícia (Traquina, 2012). Para Sousa (2004, p. 40-41), embora o caráter noticiável de um evento — o seu valor como notícia — não conceda automaticamente a ele o espaço nas pautas dos meios de comunicação, considerando que há outros fatores que compõem essa dinâmica, é possível dizer que: “se um fato for enquadrado e percebido como sendo notável e potencialmente noticiável devido à obediência a um ou vários critérios de noticiabilidade, então poderá mais facilmente vir a tornar-se notícia”. Traquina (2012) — em uma conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos meios de comunicação — constata

que as notícias apresentam um “padrão” bastante estável que está relacionado à presença desses critérios.

Destacamos no decorrer desta tese pesquisas consideradas clássicas como a dos noruegueses Johan Galtung e Marie Ruge (1964) cujo estudo foi o primeiro a sistematizar e trazer uma reflexão teórica sobre os fatores que influenciam o processo de seleção de notícias. Foi um dos trabalhos mais citados na literatura consultada, sendo uma referência para as investigações que ocorreram posteriormente com essa perspectiva. Se sobressaem ainda as contribuições dos canadenses Ericson, Baranek e Chan (1987) e dos americanos Gans (2004)¹ e Gaye Tuchman (1978). Na Europa, destacam-se as contribuições sobre a noticiabilidade do italiano Mauro Wolf (1987), dos portugueses Nelson Traquina (2012, 2013) e Jorge Pedro Sousa (2012) e dos espanhóis Miquel Rodrigo Alsina (1993), Lorenzo Gomis (2002) e Mar de Fontcuberta (1993).

No Brasil, Gislaine Silva vem se dedicando ao tema (2005, 2014a) e produziu, a partir de vários outros autores, uma tipificação de valores-notícia, que foram utilizados como base para a análise dos dados apresentados no terceiro capítulo. É uma das organizadoras do livro **Crítérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**, publicado em 2014, que sintetizou a produção científica brasileira de 2002 a 2013, garimpada de artigos, dissertações, teses e de trabalhos apresentados em eventos.

Além de discussões teóricas, traz alguns estudos aplicados: Fernandes (2014), ao estudar jornais locais, constatou que a proximidade (o acontecimento terá mais impacto quanto maior for a proximidade com a audiência em termos geográficos e culturais²) foi o critério de noticiabilidade mais relevante, mostrando a força da notícia local; Moreira (2014), ao analisar valores-notícia nos três jornais diários de maior repercussão no país, O Estado de São Paulo, O Globo e Folha de São Paulo, verificou que — independente do recorte utilizado — os valores-notícia que se destacaram nesses

¹ Estudo originalmente publicado em 1979, recebendo uma edição comemorativa em 2004, cuja versão é a utilizada aqui.

² Para Van Dick (1990, p. 180), que se refere a valores jornalísticos, ao explicar sobre o valor da proximidade: “esa noticia puede ser más relevante debido a que puede proporcionar información necesaria para la interacción directa o para otras actividades cognitivas y sociales. Los acontecimientos cercanos también proporcionan mejores temas para contar historias en la conversación cotidiana”.

jornais foram os mesmos: importância (referente ao comunitário, coletivo³), atualidade (ligada ao fator tempo, indicando que a notícia é recente, nova), excepcionalidade (fatos incomuns, que representam algo diferente do habitual, isto é, uma ruptura) e proximidade.

É relevante destacar que esses estudos analisaram os valores-notícia utilizados por esses meios em um sentido amplo, sem investigar um tema específico, o que difere do que nos propomos neste trabalho. Não foram encontrados estudos específicos sobre os critérios de noticiabilidade em relação ao tema investigado, o que motivou a realização desta pesquisa.

A seguir, detalhamos os objetivos geral e específicos desta pesquisa:

- Analisar, de forma comparativa, a cobertura jornalística da Folha de São Paulo e o El País sobre o Sistema Único de Saúde e o Sistema Nacional de Salud, respectivamente.
- Identificar os critérios de noticiabilidade (valores-notícia) utilizados no processo de seleção e produção de notícias sobre os sistemas públicos de saúde nos jornais estudados.
- Analisar se os jornais investigados compartilham dos mesmos valores-notícia em relação à cobertura sobre os sistemas públicos de saúde.

Para dar conta desses objetivos, a tese foi desenvolvida em três artigos. No primeiro manuscrito, intitulado “**Conceituando a notícia: discutindo as bases teórico-metodológicas do objeto em questão**”, apresentamos as correntes teóricas que vêm se debruçando sobre a questão da noticiabilidade ao longo do tempo. Sintetizamos alguns estudos mais representativos que buscaram responder “por que as notícias são como são”, trazendo suas contribuições e limitações. Discutimos ainda, comparativamente, as tipificações desenvolvidas pelos autores Traquina (2013) e Silva (2014a) sobre os valores-notícia, que subsidiaram as escolhas adotadas para a análise da produção de dados desta tese, desenvolvidas no terceiro manuscrito.

³ A autora englobou neste valor os seguintes subvalores: as consequências, amplitude e/ou “impacto” junto ao leitor, a intensidade ou gravidade expressa por altas ou baixas quantidades (excesso/exagero), como a quantidade de pessoas ou os valores monetários envolvidos.

No segundo artigo, **“A saúde nos meios de comunicação brasileiros: uma revisão de literatura”**, realizamos uma *scoping review* com o objetivo de sintetizar a produção científica — publicada no período de 2000 a 2015 — que analisa a cobertura jornalística sobre temas pertinentes à saúde coletiva brasileira, mapeando a quantidade, enfoque e natureza desses estudos. O manuscrito trouxe ainda um olhar sobre os métodos de análise predominantes e os meios de comunicação mais investigados. Foi possível assim traçar um panorama amplo sobre a temática e identificar as lacunas existentes. Nos possibilitou também compreender qual foi o lugar e quais foram os enfoques adotados sobre o Sistema Único de Saúde, visto dentro de uma gama mais ampla de temas do campo da saúde coletiva.

O terceiro artigo, intitulado **“Quando e como os sistemas públicos de saúde são notícia: uma análise comparativa da cobertura jornalística no El País e na Folha de São Paulo”**, investigou o que esses jornais consideraram como notícia relevante, referente ao tema estudado, para compor suas capas no ano de 2013. Analisamos se os jornais Folha de São Paulo e El País compartilharam dos mesmos critérios de noticiabilidade na seleção de notícias sobre os sistemas públicos de saúde de seus respectivos países.

Para finalizar, a questão que se coloca, neste momento, é por que interessa a uma tese na Saúde Coletiva trazer essas dimensões da produção das notícias? Partimos aqui do pressuposto que só se pode entrar em uma arena de disputas quando se conhece as regras do jogo. Conforme apontam alguns autores, apesar do papel conservador do jornalismo, este pode ser um recurso para os agentes sociais que buscam contestar o *status quo* e os valores dominantes ao mobilizarem as notícias como um recurso a favor dos seus interesses.

ARTIGO 1

A notícia é aquilo que recebemos e aquilo que desejamos.

Robert Park

Notícia: discutindo as bases teórico-metodológicas do objeto em questão

Resumo — Vários autores da área de jornalismo partem do pressuposto que existem critérios que norteiam o processo de seleção de notícias. Denominados como valores-notícia, são atributos intrínsecos aos fatos que os potencializam como candidatos à notícia. Como são poucos os estudos no campo da saúde coletiva sobre questões teóricas da noticiabilidade, este trabalho propõe-se a apresentar e discutir as bases teórico-conceituais sobre a notícia que podem sustentar possíveis escolhas analíticas adotadas para estudar a cobertura jornalística sobre temas desse campo. Discute ainda, comparativamente, as tipificações desenvolvidas pelos autores Traquina e Silva sobre os valores-notícia de seleção na origem dos fatos. Silva atualiza a classificação de Traquina ao acrescentar os valores-notícia 'conhecimento', 'entretenimento/curiosidade', 'governo' e 'justiça'. A autora considera ainda que alguns valores apontados por Traquina são, na verdade, pré-requisitos para qualquer seleção noticiosa, sendo identificados então como macrovalores-notícia. Dentre eles, destacamos os valores-notícia 'interessante' e 'importante', considerados como valores permanentes, abrangendo todo o campo da noticiabilidade. Essas variáveis podem dizer muito sobre a realidade social em que vivemos, mostrando-se categorias potentes de análise.

Palavras-chave: critérios de noticiabilidade, valores-notícia, sistemas públicos de saúde, importante, interessante.

News: discussing the theoretical-methodological bases of the object in question

Abstract - Several authors in the area of journalism assume that there are criteria that guide the news selection process. Termed 'news-values', they are attributes intrinsic to the facts that render them potential candidates for news. In view of the limited number of studies in the field of collective health on theoretical issues of newsworthiness, this paper proposes to present and discuss the theoretical-conceptual bases on the news that can support possible analytical choices adopted to study journalistic coverage of topics in this field. It also comparatively discusses, the typifications developed by the authors Traquina and Silva on the news-values of selection in the origin of facts. Silva updates the classification of Traquina by adding the news-values 'knowledge', 'entertainment/curiosity', 'govern' and 'justice'. The author also considers that some values pointed out by Traquina are, in fact, prerequisites for any news selection, identified then as macro-news-values. Among them, we highlight the 'interesting' and 'important' news values, considered permanent values encompassing the entire field of newsworthiness. These variables can tell much about the social reality in which we live, showing to be powerful categories of analysis.

Key words: newsworthiness criteria, journalism theories, news-values, public health systems.

1. Introdução

Os meios de comunicação ocupam um lugar de destaque nas sociedades contemporâneas (Baccega, 2013). Desempenham ainda, apesar da expansão das redes sociais, um papel relevante no processo de seleção do que vai ou não tornar-se público, entre uma série de acontecimentos que ocorrem todos os dias (Moreira, 2014), além de atuarem como formadores de opinião (Silva, 2011). Esse ponto reveste-se ainda mais de relevância quando os meios cobrem fatos que podem ter um alto impacto social como, por exemplo, aqueles relacionados às dimensões do direito à saúde. É o caso da cobertura jornalística sobre sistemas públicos de saúde, englobando, nesse aspecto, questões relacionadas ao funcionamento, os profissionais de saúde, os usuários, a prestação de serviços, a gestão, financiamento e sobre as políticas de saúde.

Segundo aponta Silva (2011), entretanto, há poucos estudos no mundo que trazem esse enfoque⁴. Na Europa, Best, Dennis & Draper investigaram, em 1970, a cobertura jornalística sobre o *National Health Service* britânico (NHS) (Silva, 2011). Em Portugal, Lopes *et al.* (2012) constataram que as políticas de saúde, entre 2008 e 2010, foram a temática mais frequente, com 28,6% das notícias publicadas pelos jornais Público, Jornal de Notícias e Expresso. O estudo de Silva (2011) analisou as representações do sistema de saúde e das políticas públicas na imprensa escrita desse país. O autor constatou que os enquadramentos escolhidos contribuíram para uma imagem mais negativa do Serviço Nacional de Saúde português.

Na Espanha, Revuelta e Oliveira (2008) analisaram a cobertura de quatro jornais espanhóis, pelo período de 10 anos, sobre temas relacionados à medicina e saúde. Os principais resultados mostraram que a temática prioritária relacionava-se ao sistema sanitário (listas de espera, negligências, hospitais, gasto farmacêutico, reforma sanitária, gestão e política de saúde e coletivo de saúde), seguido de enfermidades, entre outros.

Em contraste com a situação da maioria dos outros países latino-americanos, destaca-se o Brasil, em termos de direito à saúde, garantido na constituição federal de 1988, que deu as bases legais para a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) (Conceição, 2012). Em relação à cobertura midiática, assim como em outros países,

⁴ O autor toma como base estudos que analisam a cobertura jornalística de sistemas públicos de saúde com o perfil do *National Health Service* britânico (NHS).

também há poucos trabalhos (Menegon, 2008; Cavalcante, 2014; Silva e Rasesa, 2013a; Silva e Rasesa, 2013b). Apesar das especificidades dos meios investigados e recortes teórico-metodológicos empregados, foi possível constatar, em uma conclusão geral sobre esses estudos, que a cobertura jornalística priorizou as notícias relacionadas às crises e dificuldades enfrentadas pelo sistema público de saúde brasileiro.

Tomando como parâmetro os que analisaram alguma dimensão sobre a produção de notícias — assumindo aqui ser esse nosso foco de interesse — verificamos que alguns dos estudos citados fizeram referência e/ou analisaram os critérios de noticiabilidade, em específico os valores-notícia, presentes na cobertura sobre esses sistemas de saúde. Esses valores referem-se às características ou atributos presentes nos próprios fatos que os potencializariam a candidatos à notícia. Para Silva (2014a, p. 56), “esse grupo de critérios cerca a noticiabilidade do acontecimento considerando a origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos dos acontecimentos”.

Best, Dennis & Draper, por exemplo, verificaram que os valores-notícia podiam ser traduzidos na escolha do tipo de “estórias” veiculadas pela mídia. As mais frequentes estavam relacionadas à inauguração de novas unidades de saúde ou à disponibilização de mais equipamentos e recursos técnicos; à descoberta de novos tratamentos ou o sucesso da aplicação de intervenções clínicas tecnicamente mais recentes (Silva, 2011). Já Silva (2011) considerou que a informação sobre saúde obedeceu essencialmente aos “valores-notícia” dominantes — como a “espetacularidade⁵”, a “negatividade⁶”, a “controvérsia⁷”, a “proximidade⁸” e a “novidade⁹” —, explorando o lado emocional do público e as suas preocupações mais imediatas, o que, segundo o autor, poderia dar uma imagem fortemente negativa sobre o sistema público português.

Em relação ao SNS espanhol, García-Latorre e Gobantes-Bilbao (2014) constataram que as notícias relacionadas com a saúde pública têm peso como valor-

⁵ Caráter espetacular, o acontecimento como algo extraordinário.

⁶ Trabalha com a carga negativa do evento: “*bad news is good News*”.

⁷ Relacionado a acontecimentos envolvendo polêmicas e escândalos.

⁸ Quanto mais próximo um acontecimento estiver do seu público, em termos geográficos e culturais, mais fácil de ser publicado.

⁹ A notícia é recente, nova, atual.

notícia no contexto do Estado de Bem-Estar Social espanhol. No caso brasileiro, não encontramos pesquisas que enfocassem essa perspectiva.

Quando consideramos especificamente a questão dos valores-notícia, dos critérios de noticiabilidade e da seleção noticiosa, os trabalhos citados não trouxeram, em geral, uma conceituação sobre esses termos, como também não apresentaram um embasamento teórico. Apesar de serem, com frequência, utilizados como sinônimos, conforme aponta Silva (2014a), esses conceitos comportam especificidades. A partir dessas questões levantadas, este estudo propõe-se a apresentar e discutir as bases conceituais e teóricas sobre a noticiabilidade que podem sustentar possíveis escolhas analíticas adotadas para estudar a cobertura jornalística sobre temas de interesse da saúde pública. Começamos contextualizando sobre a configuração do produto notícia no século XIX, que, a partir daí, se tornou o centro da produção jornalística no mundo, conforme veremos a seguir.

2. O surgimento da notícia

A publicação de notícias como conhecemos — com estilo imparcial e objetivo — foi uma invenção que começou com a imprensa popular americana (imprensa *penny*) a partir de 1830 (Schudson, 2010). Até esse período, predominava a imprensa política, opinativa ou ‘de partido’ e esperava-se que os jornais americanos apresentassem um ponto de vista partidário, em vez de uma posição neutra (Sousa, 2008). Na verdade, não havia a publicação de notícias com o perfil atual, contendo mais textos opinativos e editoriais, estes considerados o gênero de ouro na era popular da imprensa americana desse período (Ponte, 2005).

Com a mudança na manutenção financeira dos jornais, que deixaram de depender diretamente de partidos políticos, a fonte de recursos passou a ser a publicidade. E os jornais passaram a afirmar sua independência partidária, diferentemente do que acontecia até então (Schudson, 2010, p. 34).

As mudanças que ocorreram a partir desse momento contribuíram para o êxito da notícia sobre o editorial e dos fatos sobre a opinião, fazendo com que o editorial perdesse

espaço. A notícia tornou-se o centro do jornal diário, o ponto de rivalidade entre os jornais, ocupando o espaço que era antes dos editoriais, que entraram em declínio. Ocorreu, a partir desse momento, uma separação entre opinião e notícia (Ponte, 2005; Schudson, 2010). Para Ponte (2005, p. 93):

Ao crescimento da dimensão empresarial dos jornais norte-americanos associa-se uma ideologia profissional que privilegia a informação objectiva e que colocará a reportagem no lugar central do jornalismo.

Surgia um novo jornalismo que privilegiava a informação, distinção relacionada a um conceito de notícia em que existiria a separação entre fatos e opiniões: uma mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação. A partir do momento que as notícias começaram a ser tratadas como um produto, ocorreu uma padronização na forma de escrever a notícia, o que chamamos hoje de “pirâmide invertida”, enfatizando o parágrafo de abertura, o *lead*¹⁰ (Traquina, 2012). Para Shudson (2010, p. 43), essas inovações no jornalismo estavam “intimamente ligadas a uma ampla mudança social, econômica e política, relacionada à ascensão de uma sociedade democrática de mercado”. Para o autor,

Até os anos 1830, os jornais forneciam um serviço para partidos políticos e comerciantes; com a imprensa penny, um jornal vendia um produto ao leitor em geral, e vendia o leitor ao anunciante. O produto vendido aos leitores era a “notícia”, e esse era um produto original em vários aspectos. Primeiro, pretendia representar, realisticamente, mas sem cor partidária, os acontecimentos no mundo. Assim, o produto “notícia” de um jornal poderia ser comparado ao de outro nos critérios exatidão, integridade, vivacidade e atualidade (Schudson 2010, p. 37).

Embora na Europa e na América Latina o cenário jornalístico fosse dominado pela imprensa política durante toda a primeira metade do século XIX, o jeito americano de fazer jornalismo (*penny press*) atravessou fronteiras e logo teve sucessores no Velho Continente, influenciando o jornalismo em todo o mundo (Sousa, 2008).

Para esse autor (Sousa, 2008, p. 106):

¹⁰ O *lead* ocupa o primeiro parágrafo da notícia trazendo um resumo conciso das informações mais novas e principais do texto, respondendo às perguntas: quem, o quê, onde, quando, como, por quê (Hohlfeldt e Valles, 2008).

Na Europa também se começaram a propor jornais predominantemente noticiosos e populares a um mercado crescentemente ávido de informações, como prova o surgimento do primeiro jornal popular europeu que seguiu o receituário discursivo e funcional da primeira geração da penny press norte-americana: o periódico francês La Presse, nascido em 1836 (o seu preço elevado e a sua atenção à grande política o afastaram um pouco do modelo da primeira geração da imprensa popular norte-americana).

Essa incorporação lenta do estilo americano também se deve, além da larga tradição política no jornalismo europeu, à grande influência da literatura, principalmente nos jornais franceses (Traquina, 2012). No Brasil, até a Segunda Guerra Mundial, a principal referência do jornalismo brasileiro era francesa (Jobim, 1992), intensificando-se depois a influência americana (Silva, 1991). Entretanto, é importante destacar que trazemos aqui os modelos mais significativos, o anglo-saxônico e o francês, por representarem modos de produção distintos que influenciaram, no decorrer dos séculos XIX e primeira metade do século XX, o jornalismo em muitos países. Nos referimos a influências, que podem inclusive se entrecruzar, não de algo homogêneo, considerando que foram incorporadas de forma distinta, dependendo das características de cada país.

3. As teorias sobre a noticiabilidade

O estudo do jornalismo ao longo do século XX até os dias atuais tem se debruçado em compreender os processos que envolvem a notícia. Trazemos aqui as tendências teóricas elencadas por Traquina (2012) e Gans (2004) que buscaram responder à pergunta por que as notícias são como são. São elas: a teoria do espelho; a teoria do gatekeeper; a teoria organizacional; a teoria da ação política; e as teorias da notícia como construção social (teoria estruturalista e teoria interacionista).

A **teoria do espelho** fundamenta-se no paradigma da imparcialidade e parte da premissa de que as notícias refletem a realidade. Seria a “projeção da metáfora do jornal como espelho do mundo” (Pontes, 2005, p. 171). Embora a ‘realidade’ não possa deixar de ser um fator determinante do conteúdo noticioso, essa teoria mostra-se ineficiente, caindo progressivamente em desuso (Silva, 2014b; Traquina, 2012; Ponte, 2005). Por exemplo, o estudo de Davis (1952) comparou a cobertura jornalística de crimes nos jornais do Colorado com as estatísticas oficiais sobre criminalidade nesse estado. O autor constatou que a quantidade de notícias sobre crimes nos jornais estudados variou

independentemente da quantidade de crimes no estado e da quantidade de notícias sobre crimes nos outros jornais.

Já as **teorias de ação política** explicitam o processo de seleção de notícias a partir de forças que provêm do exterior das organizações jornalísticas. Veem os meios de comunicação de uma forma instrumentalista, servindo a certos interesses políticos: na versão da esquerda, os *media* são vistos como instrumentos que ajudam a manter o sistema capitalista; na versão da direita, servem como instrumentos que põem em causa o capitalismo. Em ambos os lados, o olhar é que as notícias são distorções sistemáticas que servem a interesses políticos de agentes sociais específicos (Traquina, 2012).

A partir desses enfoques teóricos, Schudson (1988, p. 17) comenta:

As explicações para as notícias serem o que são só têm interesse se pressupomos que não é óbvio as notícias serem o que são. (...) Se estivermos convencidos de que as notícias apenas espelham o mundo exterior ou que elas simplesmente imprimem os pontos de vista da classe dominante, nesse caso não é necessária mais nenhuma explicação.

A teoria da ação pessoal ou a **teoria do gatekeeper** sustenta-se na premissa de que a formatação do conteúdo noticioso resulta essencialmente do julgamento subjetivo dos próprios profissionais da área (Gans, 2004). O processo de produção da informação é entendido como uma série de escolhas que o jornalista (gatekeeper) precisa tomar na seleção das notícias que serão ou não veiculadas: elas são um produto das pessoas e suas intenções. O termo gatekeeper refere-se à pessoa que toma uma decisão em uma sequência de decisões, sendo introduzido pelo psicólogo social Kurt Lewin em 1947 (Traquina, 2012). Por esse ponto de vista teórico, portanto, as notícias submetem-se e decorrem necessariamente dos vieses — ideológicos e políticos, entre outros — de cada um dos integrantes das salas de redação (Gans, 2004). Traquina (2012) chama atenção para o fato de ser uma abordagem microssociológica, que analisa quem produz a notícia, desconsiderando quaisquer outros fatores e dimensões importantes que compõem esse processo.

A **teoria organizacional** sai do âmbito individual para focar a organização jornalística, enfatizando as rotinas de produção das organizações noticiosas. Procura

revelar como o processo de seleção de notícias é influenciado por requisitos de ordem eminentemente organizacional (Gans, 2004; Traquina, 2012).

Já as **teorias construcionistas (estruturalista e interacionista)**, opondo-se à perspectiva das notícias como espelho da realidade, partem da premissa que a notícia é uma construção social: os *media* não refletem a realidade porque as notícias fazem parte da construção da própria realidade. Resulta de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação¹¹; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização.

Para Tuchman (1978, p.1), considerada uma referência nos estudos interacionistas, a notícia é “uma janela no mundo” e, através dessa janela (*frame*), as pessoas aprendem sobre elas e sobre os outros, sobre as instituições, os líderes, e os estilos de vida, e ainda sobre outras nações e sua gente. A notícia é um quadro (*frame*) e que nos conta “o que nós queremos saber, precisamos saber e deveríamos saber”. Todavia, a autora chama atenção para o fato de que a visão que se tem através “da janela” depende de se a janela é grande ou pequena, se o vidro é opaco ou claro, e ainda onde a pessoa que vê está situada, entre outras possibilidades. E ainda admite que existem outras janelas nas quais o mundo é observado, dentre as quais está a experiência da vida cotidiana. As pesquisas com base interacionista aproximaram-se de métodos da antropologia nos trabalhos de campo, permitindo uma observação mais informada sobre as ideologias e as práticas profissionais dos produtores de notícias e de suas rotinas (Ponte, 2005).

A teoria estruturalista, de herança marxista, enfatiza o papel dos meios de comunicação como reprodutores da ideologia dominante, entretanto considera que o jornalista pode ter alguma autonomia relativa. Nessa perspectiva, as notícias são um produto social que resultam de fatores, por exemplo, como a organização burocrática da mídia e a estrutura dos valores-notícia (guiados pela ideia do negativo; que foge da regra, valorizando as pessoas da elite).

¹¹ Uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações para compor a notícia (Traquina, 2012).

Dessa forma, o processo de produção da notícia não só pressupõe a natureza consensual da sociedade como sublinha o papel das notícias no reforço da construção da sociedade como consensual, contribuindo para uma hegemonia ideológica. Esta se constrói a partir da relação da mídia com as fontes, relacionadas ao poder, ao reproduzir as definições daqueles que têm acesso privilegiado, na condição de fontes acreditadas. Uma das formas que garante a confiabilidade da mídia é recorrer a porta-vozes de instituições que sejam consideradas relevantes para a sociedade. Hall *et al.* (1999) destacam que, ao lançar mão dessa estratégia, a mídia tende a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade. As fontes oficiais são entendidas como um bloco unido e uniforme, sem margem para a possibilidade de disputa nessa relação de fontes com os profissionais do campo jornalístico.

Pelo universo multifacetado do assunto, todavia, tais teorias nem sempre concedem explicações passíveis de esgotar as possibilidades interpretativas da questão, conforme atesta Traquina (2012). Essas teorias não se excluem mutuamente, ou seja, não são puras ou necessariamente independentes umas das outras (Traquina, 2012) e devem, portanto, ser vistas de forma complementar (Gans, 2004).

4. Critérios de noticiabilidade e valores-notícia

Debruçamo-nos aqui especificamente sobre os critérios de noticiabilidade e dos valores-notícia, trazendo os estudos clássicos que, a nosso ver, apresentam mais robustez teórico-metodológica. Concordamos com Silva (2014a; 2014b) ao afirmar que critérios de noticiabilidade e valores-notícia não devem ser entendidos como sinônimos e que se devem trazer à tona as especificidades que compreendem esses conceitos. A ideia de noticiabilidade parte do “reconhecimento de que existem parâmetros que levam determinados fatos a receber uma valoração jornalística diferenciada no amplo conjunto dos acontecimentos cotidianos” (Silva, Silva e Fernandes, 2014). Para Silva (2014a, p. 52), a noticiabilidade é todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo de produção das notícias. Esse conceito abarca vários fatores, “desde características e atributos dos fatos (valores-notícia), julgamentos pessoais dos jornalistas, cultura

profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais”.

Nessa perspectiva, os valores-notícia são um dos critérios de noticiabilidade utilizados nesse processo. São valores considerados intrínsecos aos fatos que os potencializam como candidatos à notícia, influenciando o processo de seleção, sendo reconhecidos por diferentes profissionais e meios de comunicação (Silva, 2014a). São “um mapa, código, perspectiva ou esquema que orienta o trabalho do jornalista, que os auxilia no campo do saber de reconhecimento. Esse saber de reconhecimento é a capacidade de identificar quais os acontecimentos que possuem valor como notícia” (Silva, 2014a, p. 59).

Traquina (2013, p. 61) — em uma conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos meios de comunicação — constata que as notícias apresentam um “padrão” bastante estável, ou seja, valores-notícia: que determinam se um acontecimento, ou um assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia. Dessa forma, não são critérios abstratos ou pontuais, mas, sim, fazem parte de um quadro de avaliação racionalizado e interiorizado pelos jornalistas.

Um conceito considerado clássico para compreender a seleção de notícias é o de desvio: seriam os fatos que se desviam das normas com mais propensão de se tornarem notícia. Como exemplo, a definição¹² que se tornou emblemática no meio jornalístico: “Quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia. Mas quando uma pessoa morde um cachorro, isso sim é notícia” (Silva, 2014b). Para esse autor,

A concepção de desvio mostra-se (...) uma faceta fundamental no processo de seleção de notícias, ressaltando a importância das características do inaudito como dimensão clássica da noticiabilidade ao mesmo passo em que lançam luz sobre a presença de possíveis “qualidades duradouras” na prática jornalista (Silva, 2014b, p. 37).

Essas “qualidades duradouras” às quais o autor se refere são valores intrínsecos aos fatos que os potencializam como candidatos à notícia, influenciando o processo de

¹² Silva (2014b) atribui a frase anedótica a Charles Dana, no século XIX; Diezhandino (1994) atribui a John B. Bogart; e Cabral (2009) a Amus Cummings, todos jornalistas americanos que atuaram no New York Sun.

seleção (Silva, 2014b). Como chama atenção Sousa (2004, 40-41), embora o caráter noticiável de um evento — o seu valor como notícia — não conceda automaticamente a ele o espaço nas pautas dos meios de comunicação, considerando que há outros fatores que compõem essa dinâmica, é possível dizer que “se um fato for enquadrado e percebido como sendo notável e potencialmente noticiável devido à obediência a um ou vários critérios de noticiabilidade, então poderá mais facilmente vir a tornar-se notícia”.

É necessário reconhecer, entretanto, que os valores-notícia, assim como também destaca Pontes (2005), são uma construção social e cultural. Hartley (1988) considera que os valores-notícia não são nem naturais nem neutros porque formam um código que vê o mundo de uma forma bastante particular. São, na verdade, um código ideológico. Para Hall (1984), são um mapa cultural, que orienta os jornalistas, guiando-os a estabelecer as fronteiras entre o que é considerado ou não desviante do normal, de acordo com o que faz sentido para a sua audiência. Esses mapas assumem que a sociedade é consensual por natureza, sendo, para o autor, uma noção basilar para a produção de notícias.

5. Estudos sobre a noticiabilidade: de Tobias Peucer a Traquina

A primeira tese acadêmica no mundo ocidental, considerada um embrião sobre os estudos de noticiabilidade, foi a do pesquisador alemão Tobias Peucer — defendida na Universidade de Leipzig, no final do século XVII (Peucer, 2004¹³; Silva, 2014a; Silva, 2014b; Sousa, 2004), que colocou, na época, a Alemanha como vanguarda nos estudos da área. O trabalho reveste-se de atualidade por trazer alguns elementos que compõem a seleção de notícias. Para o autor, como os fatos são “infinitos”, é necessário selecionar aqueles que “merecem ser recordados ou conhecidos”. Seriam eles:

Em primeiro lugar, os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes que nunca neste século. Depois, as diferentes formas dos impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, os sínodos celebrados por motivos religiosos, os decretos, os escritos mais notáveis dos sábios e doutos, as

¹³ O estudo de Tobias Peucer foi traduzido para a Língua Portuguesa por Paulo da Rocha Dias e publicado na Revista Comunicação & Sociedade, em 2000. Depois foi republicado, em 2004, pela revista Estudos em Jornalismo e Mídia, que é a versão referenciada neste artigo.

disputas literárias, as obras novas dos homens eruditos, as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da Igreja ou da literatura: tudo isto costuma ser narrado de forma embaralhada nos periódicos, como uma história confusa, para que a alma do leitor receba o impacto de uma amena variedade (Peucer, 2004, p. 21).

O autor também chamava atenção para o fato de que os leitores estavam interessados pela novidade, o que se deveria levar em conta como um elemento das notícias. Estas, quando destinadas a um público leitor erudito, seriam mais agradáveis se se referissem a pessoas notáveis, mostrando já a importância atribuída às elites.

Dando um pulo geográfico e de tempo, essa longa tradição dos estudos de jornalismo na Alemanha foi que levou o jornalista e sociólogo norte-americano Robert Ezra Park a esse país para sua tese de doutorado no final do século XIX. Park chegou “à sociologia com o objetivo de definir conceitualmente a natureza e a função das notícias e a sua influência no comportamento das pessoas” (Machado, 2005, p. 25). É considerado um pioneiro na pesquisa em jornalismo no mundo e um dos expoentes da escola de Chicago (Machado, 2005; Ponte, 2005), que se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX¹⁴. No seu artigo mais conhecido, “A notícia como uma forma de conhecimento”, publicado em 1940, Park estabeleceu uma diferenciação entre o conhecimento científico e o conhecimento jornalístico, considerando-o similar ao conhecimento do senso comum. Para o autor, a notícia:

Na verdade, a notícia funciona para o público de certa forma como a percepção para o indivíduo: quer dizer: orienta mais que informa (...). Fá-lo sem qualquer esforço do repórter para interpretar os eventos, excepto o de os tornar compreensíveis e interessantes. A primeira reacção típica de um indivíduo perante as notícias é o desejo de contar a alguém. (...) Uma vez começada a discussão, o evento que se discute depressa deixa de ser a notícia (...) passando para as problemáticas que as baseiam. O confronto de opiniões e de sentimentos que a discussão inevitavelmente provoca termina numa espécie de consenso ou opinião colectiva — o que chamamos de opinião pública. É a partir da interpretação dos eventos apresentados, isto é, das notícias, que a opinião pública se constrói (Park, 1940, p. 675 *apud* Ponte, 2005, p. 95).

Na concepção de Park, não é o jornalista que interpreta o fato para transformá-lo, e, sim, cabe o leitor fazê-lo. Para Ponte (2005), o olhar sobre o trabalho de Park não

¹⁴ Um dos pilares do estudo das ciências sociais e do jornalismo, introduziu a investigação no terreno, aberta e do tipo qualitativo sobre os meios de comunicação com enfoque sobre a dimensão social do jornalismo (Ponte, 2005).

pode ser visto sem considerar o contexto de sua produção: recém estava se construindo uma sociologia do jornalismo, e os meios de comunicação eram bastante restritos.

Algumas discussões mais críticas somente iriam ocorrer no jornalismo a partir da década de 60, o que não desmerece a contribuição do autor. As pesquisas de Park se anteciparam, por exemplo, aos estudos sobre os valores-notícia, a que o autor se referia como *valor da notícia*, conceito e tipificações que somente vão ganhar corpo posteriormente nos estudos da área. Para o autor, nem tudo o que é inesperado torna-se notícia, e há eventos que tanto foram notícia no passado como no presente. Nesse caso, são os eventos considerados esperados, simples e comuns, como os nascimentos e mortes, casamentos e funerais, condições das colheitas e dos negócios, guerra, política, o estado do tempo. Para Park (p. 680 *apud* Ponte, 2005, p. 96), “estas são coisas esperadas mas são em simultâneo coisas imprevisíveis (...); a notícia é aquilo que recebemos e aquilo que desejamos”.

A pesquisa dos noruegueses Johan Galtung e Marie Ruge, realizada em 1965, foi, entretanto, a que primeiro sistematizou, de forma mais consistente, os fatores¹⁵ que influenciam o processo de seleção de notícias. Foi um dos trabalhos mais citados na literatura consultada, influenciando as investigações que ocorreram posteriormente (Traquina, 2012; Moreira, 2014; Silva, 2014a; Silva, 2014b; Pontes, 2005).

Os autores analisaram o noticiário sobre a crise política nos países do Congo, Cuba e Chipre e identificaram 12 fatores que compõem a noticiabilidade: frequência ou duração do acontecimento (compatibilidade entre o ritmo do acontecimento e a periodicidade do meio); amplitude (dimensão do acontecimento, que vai desde o número de pessoas envolvidas até a carga dramática do fato); clareza (quanto menor a ambiguidade, maior a notabilidade); significância (diz respeito à proximidade cultural e/ou relevância); consonância (pré-imagem mental; facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça); inesperado (acontecimento raro); continuidade (o que já foi notícia tende a continuar sendo, mesmo que tenha reduzida a amplitude ou tornado familiar o inesperado); composição (o valor de cada acontecimento varia de acordo com o equilíbrio do produto jornalístico como um todo); referência a

¹⁵ Os autores não se referem ao termo valores-notícia.

nações de elite; referência a pessoas de elite (relevância do ator do acontecimento); personalização (possibilidade de ser visto em termos pessoais); negatividade (“*bad news is good News*”) (Galtung e Ruge, 1965).

Os autores trazem como metáfora o sinal de um rádio para explicar esses fatores, e quanto maior a amplitude do sinal, mais provável será a audição dessa frequência. Quanto mais claro foi o sinal, mais provável será a audição dessa frequência. Para os autores, quanto menos ambíguo um acontecimento, mais este será notado. É preferível um acontecimento com uma interpretação clara, livre de ambiguidade no seu significado, ao que é altamente ambíguo. Os mesmos autores também consideraram que um acontecimento será tanto mais noticiável quanto maior número de valores possuir, embora não seja uma regra absoluta (Traquina, 2013).

Para Silva (2014a, p. 36), apesar de um certo reducionismo teórico-conceitual nesse estudo com o qual aborda a complexidade do fenômeno, a “pesquisa constitui uma referência para os estudos que adotam jornais como recorte empírico por configurar uma das primeiras experiências teóricas de elaboração de uma tipologia para os critérios envolvidos na seleção de notícias”. Para Hartley (1988), alguns dos valores apontados por esses autores são aplicáveis à seleção de notícias em todo o mundo. E outros já são mais ligados à cultura analisada.

Outro estudo bastante citado é o de Ericson, Baranek e Chan (1987), que vai ao encontro de alguns valores apresentados por Galtung e Ruge, tais como a simplificação (clareza para aqueles autores), consonância, continuidade e o inesperado, acrescentando ainda a dramatização (a possibilidade de ser reconhecido como um elemento que induz interesse emocional) e a infração (associado à norma e ao desvio). Os autores partem do pressuposto que esses valores não são imperativos, mas elementos que ajudam o jornalista a reconhecer a importância dos acontecimentos e a fazer sua escolha dentre as possibilidades existentes. Sua contribuição reside em chamar atenção para a diversidade conceitual dos valores-notícia: “São múltiplos, entrecruzados e difíceis de classificar” (Traquina, 2012, p. 182).

Gans (2004), considerado uma referência, nos Estados Unidos, nos estudos de jornalismo (Silva, 2014b), concluiu que os valores-notícia que dominaram a cobertura de telejornais e revistas americanas analisadas estavam ligados a notícias sobre o governo. Elas versavam sobre conflitos e desacordos; decisões e propostas governamentais e cerimônias; e mudanças de cadeiras nos cargos públicos. O presidente dos EUA, por exemplo, sempre foi notícia, independentemente de ter feito algo significativo ou não. Gans estabeleceu ainda uma relação entre os critérios utilizados na atividade noticiosa aos valores de natureza ideológica que são partilhados pelos jornalistas (Gans, 2004; Traquina, 2013; Silva, 2014b).

Na Europa, Wolf (1987) trouxe uma contribuição expressiva ao compreender que os valores-notícia estão presentes durante todo o processo de produção da notícia: desde a seleção dos eventos até a elaboração da notícia. Deriva dessa concepção a proposta de organizar os valores-notícia em duas categorias: os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Traquina, baseando-se então em Wolf, propõe uma categorização de valores-notícia a partir de um compilado de outros autores, que não fizeram esse tipo de distinção, como é o caso dos estudos de Galtung e Ruge (1964) e de Ericson, Baranek e Chan (1987), já anteriormente comentados. Para Silva (2014b), essa separação entre valores de seleção e de construção marca um novo modelo de classificação, desempenhando um papel essencial nos estudos da noticiabilidade.

Os valores-notícia de seleção estão relacionados aos critérios que os repórteres/editores adotam ao escolher se determinado fato será transformado em notícia ou deixado de lado. Eles são divididos em subgrupos: a) os critérios substantivos têm a ver com a avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia e b) os critérios contextuais dizem respeito ao contexto de produção da notícia (Wolf, 1987). Para Traquina (2013), os valores-notícia de seleção são: morte; notoriedade; proximidade; relevância; novidade; fator tempo; notabilidade (a qualidade de ser visível); inesperado; conflito ou controvérsia; a infração (de normas); e o escândalo (Quadro 1).

Os valores-notícia de seleção contextual são: a disponibilidade do acontecimento, ou seja, a facilidade com que é possível fazer a sua cobertura; o equilíbrio do noticiário (se um fato já foi amplamente divulgado há pouco tempo, tende a não ser noticiado); a visualidade (potencial de cobertura em imagem); concorrência (os jornalistas buscam o “furo” que o concorrente não tem); e o dia noticioso (dias em que são poucos acontecimentos com valores-notícia, e acontecimentos com pouco valor-notícia podem ganhar mais destaque).

Já os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como “linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (Traquina, 2013, p. 75). São eles: a simplificação, o potencial de amplificação do acontecimento por meio da notícia; a relevância, ou seja, a capacidade de se mostrar na notícia como o acontecimento é importante; o potencial de personalização da história; o potencial de dramatização da história; a consonância, isto é, a faculdade de enquadrar um acontecimento em enquadramentos previamente existentes (Traquina, 2013).

Trazendo como exemplo a utilização de valores das duas categorias, Traquina (2013) afirma que os critérios de simplificação (valor de construção) e conflito (valor de seleção), quando juntos, privilegiam uma visão bipolar de mundo estruturado em polos opostos: o bem e o mal, o pró e contra, entre outros. As regras de objetividade, bem como a vontade de simplificar e/ou estruturar o acontecimento de forma dramática, explicam essa visão do jornalismo (Traquina, 2013).

No Brasil, Silva (2014a) — que vem se dedicando ao tema da noticiabilidade — elaborou uma categorização dos valores-notícia de seleção primária dos fatos (para Traquina, seriam os valores substantivos) também a partir de um compilado de vários autores, como Lippman, Mauro Wolf, Michael Hunczik, Manuel Carlos Chaparro, Mario Erbolato e Nilson Lage Shoemaker, Galtung e Ruge, Bond, e inclusive considerando as contribuições de Peucer, além de acréscimos próprios para aprimorar tal tipificação. A autora apresenta 12 valores-notícia na origem dos fatos: conflito, conhecimento, entretenimento/curiosidade, governo, impacto, justiça, polêmica, proeminência, proximidade, raridade, surpresa, tragédia/drama (Quadro 1).

A seguir, comparamos as classificações de Traquina e Silva sobre os valores de seleção, apontando as similaridades e ausências. Em alguns casos, o vocábulo que designa o valor não é o mesmo, mas o conceito sim, como em “escândalo” para Traquina e “polêmica” para Silva; “inesperado e “surpresa” e “notoriedade” e “proeminência”, respectivamente. No caso de Silva, “tragédia/drama” englobam uma série de características que, para Traquina, foram desmembradas em “morte” e “infração”. O mesmo ocorre com notabilidade que, para esse autor, engloba um leque de características e, na avaliação de Silva, são desmembradas em raridade e impacto.

Silva, ao se basear em um leque mais amplo de autores, atualiza os valores-notícia ao acrescentar conhecimento, entretenimento/curiosidade, governo e justiça, que não aparecem na listagem de Traquina. O acréscimo de alguns valores parece pertinente, como é o caso de governo, sinalizando que é um fator que influencia na hora da seleção noticiosa, conforme já destacado no estudo de Gans (2004).

Quadro 1 - Demonstrativo comparativo dos valores-notícia de Traquina (2013) e Silva (2014a) (ordem alfabética)

Valores substantivos - TRAQUINA	Valores na origem dos fatos - SILVA
Conflito Agrega fatos relacionados a guerras, rivalidades, disputas, brigas, greves e reivindicações.	Conflito Idem
Ausente	Conhecimento Relacionado a descobertas, invenções e pesquisas: bastante utilizado nas seções de ciência e de saúde que centram sua linha editorial na cobertura científica valorizando a descoberta de um novo medicamento e/ou tratamento de determinada doença.
Ausente	Entretenimento/Curiosidade Fatos relacionados à aventura, divertimento, esporte e comemorações.
Escândalo Este valor está relacionado a acontecimentos envolvendo escândalos e controvérsias. É, dependendo do veículo, um critério também bastante valorizado na hora de decidir o que será notícia. Em alguns casos, a própria mídia estimula controvérsias ainda não existentes. Como exemplo, o caso de contrapor depoimentos de personalidades para estimular uma controvérsia.	Polêmica Idem no conceito
Ausente	Governo Concentra fatos relacionados a temas de interesse nacional, decisões e medidas governamentais, inaugurações de instituições públicas, eleições, viagens e pronunciamentos de representantes do governo.
Inesperado Compreende nesta categoria fatos que são considerados inesperados. Aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa: o mega-acontecimento, um acontecimento com enorme noticiabilidade que subverte a rotina e provoca um caos na sala de redação. Ex.: ataques em 11 de setembro.	Surpresa Idem no conceito
Infração Aqui compreendem acidentes, violência/crime.	Tragédia/Drama Além de acidentes, violência/crime, também considera as catástrofes, acidentes, risco de morte e morte, violência/crime, suspense, emoção e interesse humano, conforme descrito na categoria morte.
Ausente	Justiça Compreende acontecimentos relacionados a julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais e crimes. Este critério pode ter mais força se estiver relacionado, por exemplo, ao critério de proeminência, considerando a notoriedade da pessoa envolvida.
Morte Aqui compreende os fatos que envolvem morte.	Tragédia/Drama Aqui compreendem as catástrofes, acidentes, risco de morte e morte, violência/crime, suspense, emoção e interesse humano.
Notabilidade Traz a dimensão numérica como um fator que impacta na hora de selecionar um fato para se tornar notícia: quanto mais pessoas são afetadas por determinado acontecimento, mais chances há de esse fato ser noticiado. Também faz parte dessa categoria o número de pessoas envolvidas no fato; e grandes quantias de dinheiro. Há mais chances de ser veiculado determinado roubo, por exemplo, se for de uma cifra expressiva.	Impacto Idem no conceito
Notoriedade Está relacionada com a notoriedade do ator envolvido, sua importância social: se é alguém da elite e/ou uma celebridade. Às vezes, não há nenhuma informação relevante na notícia, mas o fato de um político, por exemplo, estar de passagem por determinada cidade já é notícia.	Proeminência Idem no conceito
Novidade O que é inédito ou fatos novos referentes a algo já conhecido.	Ausente
Proximidade Geográfica ou cultural. Quanto mais próximo um acontecimento estiver do seu público, mais fácil de ser publicado.	Proximidade Idem no conceito
Relevância Preocupação de informar o público sobre algo que tem impacto sobre a vida das pessoas. Decisões governamentais, mudanças na legislação,	Ausente

notícias de guerras, eleições, entre outros, representam critérios de relevância.	
Tempo Atua de formas diferentes: 1) quanto mais recente um fato, mais ele terá chances de ser noticiado; 2) o tempo no sentido em que uma data pode servir de pretexto para originar uma notícia, por exemplo, a cada 11 de setembro, desde o ataque às Torres Gêmeas, a cobertura jornalística relembra e/ou repercute esse fato.	Ausente
Notabilidade Fazem parte dessa categoria os fatos considerados incomuns, originais ou inusitados. Aqueles que fogem à regra estabelecida socialmente. É um dos critérios considerados clássicos do jornalismo cuja premissa é que quanto mais um acontecimento se desvia do padrão, mais chances tem de se tornar notícia.	Raridade Idem no conceito .

Alguns fatores que não coincidem entre os dois autores estão relacionados àqueles considerados por Silva como sendo pré-requisitos para qualquer seleção noticiosa. Por esse motivo, a autora os considera como macrovalores-notícia, como no caso do “tempo” (no sentido do fato ser recente), “novidade” e “relevância” (importância), apresentados por Traquina.

Silva, ao referir-se aos valores-notícia “tempo” e “novidade”, avalia: “Ser um fato atual ou um acontecimento portador de algum dado novo é o princípio primeiro do jornalismo” (2014a, p. 63). E, por este motivo, não constam na sua tipificação. Outros valores englobados como macrovalores, segundo a autora, são: interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão. Sem esses valores antecedendo os demais, chamados de microvalores, estes nem seriam acionados para a seleção. Os microvalores são todos aqueles do Quadro 1, com exceção dos já mencionados, como, no caso, do “tempo”, “novidade” e “relevância”.

Nesse sentido, é possível considerar que os macrovalores-notícia podem ser mais facilmente compartilhados pela cultura jornalística, como demonstra o estudo de Moreira (2014). Ao analisar valores-notícia nos três jornais diários de maior repercussão no Brasil, a autora verificou que, independentemente do recorte utilizado, os valores-notícia que se destacaram nesses jornais foram os mesmos: importância, atualidade, excepcionalidade e proximidade. Na perspectiva de Silva, os três primeiros seriam macrovalores, que permeiam toda a prática jornalística, o que justificaria o seu compartilhamento entre esses jornais, e o último (proximidade) classifica-se como um microvalor-notícia.

Vamos nos deter aqui em dois macrovalores, o interesse e a importância por serem, segundo aponta Gomis (2002, p. 226), “valores permanentes da noticiabilidade”, abrangendo todo o campo de valores-notícia. Seria a indagação primeira feita pelos jornalistas: “é interessante?”, “é importante?”. Segundo o autor, o interessante é o termo mais frequente, o mais usado nas definições da notícia porque, se um fato não interessa ao público, “tampouco convém ao meio incluí-lo em seu menu informativo” (p. 226).

Em geral, as pautas se enquadram mais na categoria “interessante” para preencher a falta de fatos importantes e/ou para atender ao gosto do público. Os fatos que se classificam com esse valor (interessante) têm a capacidade de provocar comentários e podem ser produzidos com facilidade. Podem ser pseudoeventos, como no caso das declarações. Para Gomis (2002, p. 233):

As aparições são presenças eloquentes e, geralmente, públicas de personagens conhecidos que dizem algo curioso ou significativo. É o comentário convertido em notícia, a palavra considerada como fato: declarações, discursos, conferências, respostas ocasionais, frases intencionadas.

O importante, por sua vez, refere-se a acontecimentos que podem afetar a população. Para o autor, o importante é um fato que demora mais para ocorrer, porque implica ter resultados e consequências em decorrência desse acontecimento. Como, por exemplo, a realização de uma eleição porque os resultados podem mudar a vida de um país, mas é um acontecimento que ocorre de quatro em quatro anos. Já as declarações de políticos podem ocorrer semanalmente e provocam muito comentários, sendo a seleção desses pseudofatos regida pelo valor-notícia “interessante”.

Para Hughes¹⁶ (1940, p. 103 *apud* Rotter e Pontes, 2016), analisar as mudanças pelas quais os jornais americanos passaram a partir do século XIX levou à constatação de que o interesse humano começou a ter valor como notícia. Para a autora,

É o que causa sensação nas pessoas. Elas transformam pessoas distantes em seres humanos comuns, com problemas semelhantes aos dos leitores (...). As ideias criadas sobre estes personagens envolvem valores e sensações que estão enraizadas na sociedade,

¹⁶ Orientanda de Park.

como por exemplo, um homem humilde que vence na vida, o jovem pobre que se forma em uma grande universidade.

Hughes, já na década de 40, nos Estados Unidos, percebeu que esse valor foi rapidamente incorporado na linha editorial dos jornais quando os empresários se deram conta que era mais lucrativo oferecer ao leitor o que ele queria (Hughes, 1940, *apud* Rotter e Pontes, 2016). A autora constatou ainda que o conceito de noticiabilidade estava mudando: o valor-notícia importância estava perdendo espaço para o valor-notícia interesse, mostrando, assim, o caráter mutável dos valores-notícia (Machado, 2005).

Considerações Finais

Partimos do pressuposto — com base no referencial teórico apresentado — que os fatos contêm atributos ou características, denominados valores-notícia, que os lançam a candidatos à notícia. Os meios de comunicação precisam que o processo de produção das notícias seja rápido, o que faz com que os jornalistas utilizem esses critérios na hora de selecionar os acontecimentos que são noticiáveis, incorporando essa prática em sua rotina produtiva. Esses atributos são reconhecidos por diferentes profissionais e meios de comunicação, fazendo parte da cultura noticiosa.

Abrimos esta frente de discussão motivados pelo fato de haver poucos estudos no campo da Saúde Coletiva, no que tange especificamente à análise de critérios de noticiabilidade nos estudos sobre os sistemas públicos de saúde. Este manuscrito buscou trazer contribuições que nos auxiliam a refletir sobre o fazer jornalístico, as especificidades dessa prática e do processo de produção da notícia, ampliando, assim, as possibilidades teórico-metodológicas que podem ser utilizadas em futuras pesquisas sobre a cobertura jornalística em saúde.

É relevante ainda que se invista nas diferenças conceituais em relação às categorias de valores-notícia escolhidas em futuros estudos empíricos. Assim, torna-se possível avançar, apoiando-se nessa dupla relação de macro e microvalores-notícia. Uma possibilidade seria analisar os fatos que são notícias sobre os sistemas públicos, considerando essa combinação de valores. Seria possível assim aprofundar quais

microvalores poderiam estar relacionados com o macrovalor-notícia “negatividade”, considerando que alguns autores constataram que a abordagem da mídia tende a ser negativa, por exemplo, em relação ao sistema público de saúde brasileiro.

Outra possibilidade seria analisar de forma comparativa se diferentes veículos, ou mesmo de diferentes países, compartilham critérios na hora de selecionar os fatos relacionados ao tema investigado. Caberia ainda estabelecer conexões entre a cultura noticiosa e o contexto social de produção dessas notícias.

Outro ponto a ser explorado refere-se aos macrovalores-notícia “importante” e “interessante”. São duas categorias potentes de análise porque podem dizer muito sobre a realidade social em que vivemos. É possível considerar que, na atualidade, cada vez mais o valor “interessante” seja recorrente no processo de seleção noticiosa por estar mais alinhado ao gosto do público, e, por isso, as notícias tendem a ter mais receptividade e suscitar muitos comentários por parte dos leitores. Fornece, assim, o material que alimenta os bate-papos diários, os *posts* nas redes sociais, permitindo que as pessoas possam falar de suas ideias e emitir suas opiniões. Nesse sentido, se poderia questionar se o “importante” se reveste de “interessante” nas pautas sobre saúde para se adequar mais ao gosto do público. É uma questão que merece ser explorada em futuros estudos. O valor interessante também atende mais à necessidade dos meios, que precisam cada vez mais produzir notícias com rapidez e em grande quantidade, imbuídos pela instantaneidade e para dar conta dos novos formatos *on-line*. O que nos leva a crer que o valor “importante”, que se relaciona a fatos que podem afetar a população e que necessitam de um *labour* mais intenso — tendam a ficar em segundo plano no *frenesi* da produção jornalística.

Salientamos ainda que os valores-notícia, entretanto, são um dos critérios que cercam a noticiabilidade, entre vários outros fatores, durante o processo de seleção de notícia. Para compreender essas outras instâncias, seria necessário analisar, além dos valores-notícia, fatores como a própria rotina jornalística, questões organizacionais, relações com as fontes e os públicos, e questões econômicas, políticas e sociais. Para tanto, seria importante lançar mão de outras estratégias de produção de dados, como entrevistas e observação participante.

ARTIGO 2

Há muito tempo, sim, não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci...
(Carta, Carlos Drummond de Andrade)

A saúde nos meios de comunicação brasileiros: uma revisão de literatura

Resumo — São escassos os estudos de revisão que analisam a produção científica sobre a cobertura jornalística de temas de interesse para a saúde coletiva brasileira. A *scoping review* objetiva mapear os principais conceitos sobre determinado tema, possibilitando incluir estudos com diferentes desenhos e metodologias. O presente estudo teve como objetivo sintetizar a produção científica, publicada no período de 2000 a 2015, que analisou a cobertura jornalística sobre temas pertinentes ao campo da saúde coletiva brasileira, mapeando a quantidade, enfoque e natureza desses estudos. A busca na base de dados produziu 567 artigos dos quais 64 atenderam aos critérios de inclusão. Foi possível assim traçar um panorama amplo sobre essa produção científica, apontando seus temas mais frequentes, os meios de comunicação mais investigados e as metodologias mais utilizadas. Todavia, nos indicou a existência de várias lacunas: houve poucos estudos sobre as doenças crônicas e as doenças negligenciadas, que impactam significativamente a saúde da população. Referente à metodologia, houve baixa diversidade de técnicas de produção de dados, e poucos trabalhos contemplaram outros aspectos que também estão relacionados à cobertura jornalística, como a produção de notícias e a percepção dos usuários sobre seus conteúdos.

Palavras-chave: *scoping review*, saúde pública, cobertura jornalística em saúde.

Health in the Brazilian media: a literature review

Abstract - There are few review studies analyzing the scientific production on the coverage of topics of interest to the Brazilian public health. The *scoping review* is aimed at mapping the main concepts about a given theme, making it possible to include studies with different designs and methodologies. The objective of this study was to synthesize the scientific production, published between 2000 and 2015, which analyzed journalistic coverage of the Brazilian public health, mapping the quantity, focus and nature of these studies. The database search produced 567 articles of which 64 met the inclusion criteria. It was thus possible to draw a broad picture of the scientific production on the Brazilian public health, pointing out its most frequent themes and the most used methodologies. However, it indicated several gaps: there were few studies on chronic diseases and neglected diseases, which have a significant impact on the health of the population. Regarding the methodology, there was a low diversity of data production techniques, and few papers considered other aspects that are also related to journalistic coverage such as the production of news and the perception of users about their contents.

Key words: *scoping review*, health, journalistic coverage in health.

1. Introdução

Ao se refletir sobre a sociedade atual, a mídia mostra-se como parte importante da construção da realidade social (Charaudeau, 2010). Entre os vários acontecimentos, é ela quem escolhe o que deve ou não se tornar público (Moreira, 2014). Para Oliveira (2013), o papel da mídia pode ser entendido como laço tanto social — à medida que pulveriza valores simbólicos que podem ser compartilhados — quanto comportamental, enquanto referência a padrões e comportamentos que as pessoas podem ou não incorporar a sua vida.

Entretanto, não é possível falar da mídia em um sentido amplo ou considerar que todos os meios sejam igualmente determinantes e impositores de conceitos e comportamentos. Composta por jornal, televisão, rádio e *internet*, cada uma dessas mídias tem um *ethos* e uma espécie de relação com os diversos públicos e mercados (Xavier, 2006). Há também diferenças entre os diversos enunciadores: canais de televisão privados x públicos, revistas femininas, telejornais, programas de entretenimento, entre outros (Sampaio, 2011). Neste estudo, nos interessam os meios de comunicação jornalísticos pelo papel crescente que vêm desempenhando na divulgação de conteúdos sobre saúde: notícias relacionadas ao tema são cada vez mais frequentes (Oliveira, 2013).

A maioria dos grandes jornais de maior circulação no país, como Folha de São Paulo, Globo, O Estado de São Paulo e Zero Hora (ANJ, 2014) têm editorias ou cadernos fixos destinados à saúde, publicando notícias com periodicidade. O mesmo ocorre com as revistas semanais Veja, Isto É e Época; além de programas televisivos, como o matinal Bem Estar, cujo enfoque prioritário é a saúde e qualidade de vida, e o semanal Globo Repórter, que, com frequência, veicula reportagens com essa temática, ambos da TV Globo (Langbecker e Catalán-Matamoros, 2017). Conforme Kuscinsky (2002), as capas de Veja trazem, a cada três ou quatro edições, manchetes relacionadas à saúde por ser um assunto que “vende” e desperta o interesse dos leitores.

Todavia, a linha editorial dessas seções fixas está mais relacionada a uma abordagem individual, centrando em orientações e sugestões de cuidados que as

pessoas devem ter com sua saúde, ou em uma abordagem mais voltada para a divulgação científica (Oliveira, 2013; Godoi, 2006). Para Godoi (2006, p. 64), a cobertura midiática, em geral, não parte de uma compreensão de que a saúde deve ser entendida como uma política pública, universal e voltada para toda a população, o que deveria ser, segundo o autor, o “caminho natural da cobertura sobre a temática”.

Pensar a saúde, nessa perspectiva, é considerá-la como um direito de todos. No Brasil, esse direito foi garantido pela Constituição Federal, em 1988, dando as condições legais para a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), o que representou um impacto tanto na reestruturação das políticas de saúde quanto na organização dos serviços.

Como é, entretanto, a cobertura jornalística quando trata de temas de interesse para a saúde coletiva brasileira? Aqui compreendida como um campo interdisciplinar — que congrega produção de conhecimentos e de práticas — voltando-se para a compreensão da saúde e a explicação dos determinantes sociais do processo saúde-doença. Seu olhar não é apenas para o indivíduo, mas para a coletividade, com enfoque prioritário na promoção da saúde, mas também contemplando a prevenção e o cuidado a agravos e doenças (Silva, Paim & Schraiber, 2014).

Apesar da relevância dessa pergunta, é escassa a produção de artigos ou revisões de literatura que tragam subsídios para iluminar tal questão. A possibilidade de realizar esse tipo de estudo poderia afinar nossa compreensão, ampliando a visão sobre a diversidade na cobertura dos meios de comunicação e também nos enfoques apresentados: quando falamos em saúde coletiva, estamos falando de um emaranhado complexo de objetos e temas. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi sintetizar a literatura científica na área da saúde — publicada no período de 2000 a 2015 — que analisa a produção midiática sobre temas do campo da saúde coletiva brasileira, mapeando a quantidade, enfoque e natureza desses estudos. Foi possível assim traçar um panorama amplo sobre a temática e ainda identificar as lacunas existentes.

Estratégia metodológica

A *scoping review* — opção metodológica do presente trabalho — objetiva mapear os principais conceitos sobre determinado tema. Caracteriza-se por não partir de uma

pergunta específica, e como se propõe a trazer um panorama geral, não faz uma análise qualitativa do material. Possibilita também incluir estudos com diferentes desenhos e metodologias. Tem ainda como principal função apontar os hiatos no conhecimento do objeto em questão (Arksey e O'Malley, 2005). Na América do Norte, especificamente no Canadá, é forte a tradição em desenvolver a *scoping review*; no Brasil, entretanto, ainda é escassa a utilização desse método.

Para a produção de dados, foi realizada uma busca sistemática nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que reúne bases nacionais e internacionais, de artigos em Português, Inglês e Espanhol. A partir da utilização de descritores (Quadro 1), houve sucesso na busca nas seguintes bases de dados: Lilacs, Index-Psicologia, BDENF Enfermagem, Coleção SUS, HISA — História da Saúde, Medline, Sec. Est. Saúde SP, HomeoIndex e BBO — Odontologia, conforme sistematização apresentada na Figura 1.

O período investigado foi de 2000 a 2015 por ser mais representativo da produção científica do campo da comunicação e saúde no Brasil, pois sua estruturação é recente e suas primeiras iniciativas datam do final dos anos 90, o que possibilitou a ampliação da produção científica nessa área nos anos seguintes (Araújo e Cardoso, 2007). O primeiro periódico científico no Brasil e América Latina com esse enfoque, a revista **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, por exemplo, foi lançada em 1997 (Cyrino *et al.*, 2015).

Neste estudo, entendemos a cobertura jornalística não só como o ato de cobrir uma série de fatos ou eventos, que resultam na notícia publicada, transmitida ou postada dependendo do suporte midiático, mas também como uma “estratégia de apuração e angulação” (Silva e Soares, 2013), o que inclui uma perspectiva do processo de produção de notícias. Ainda, quando pensamos em cobertura, estamos também considerando a perspectiva que os próprios leitores, ouvintes, telespectadores ou mesmo internautas podem ter em relação à cobertura jornalística de determinado tema.

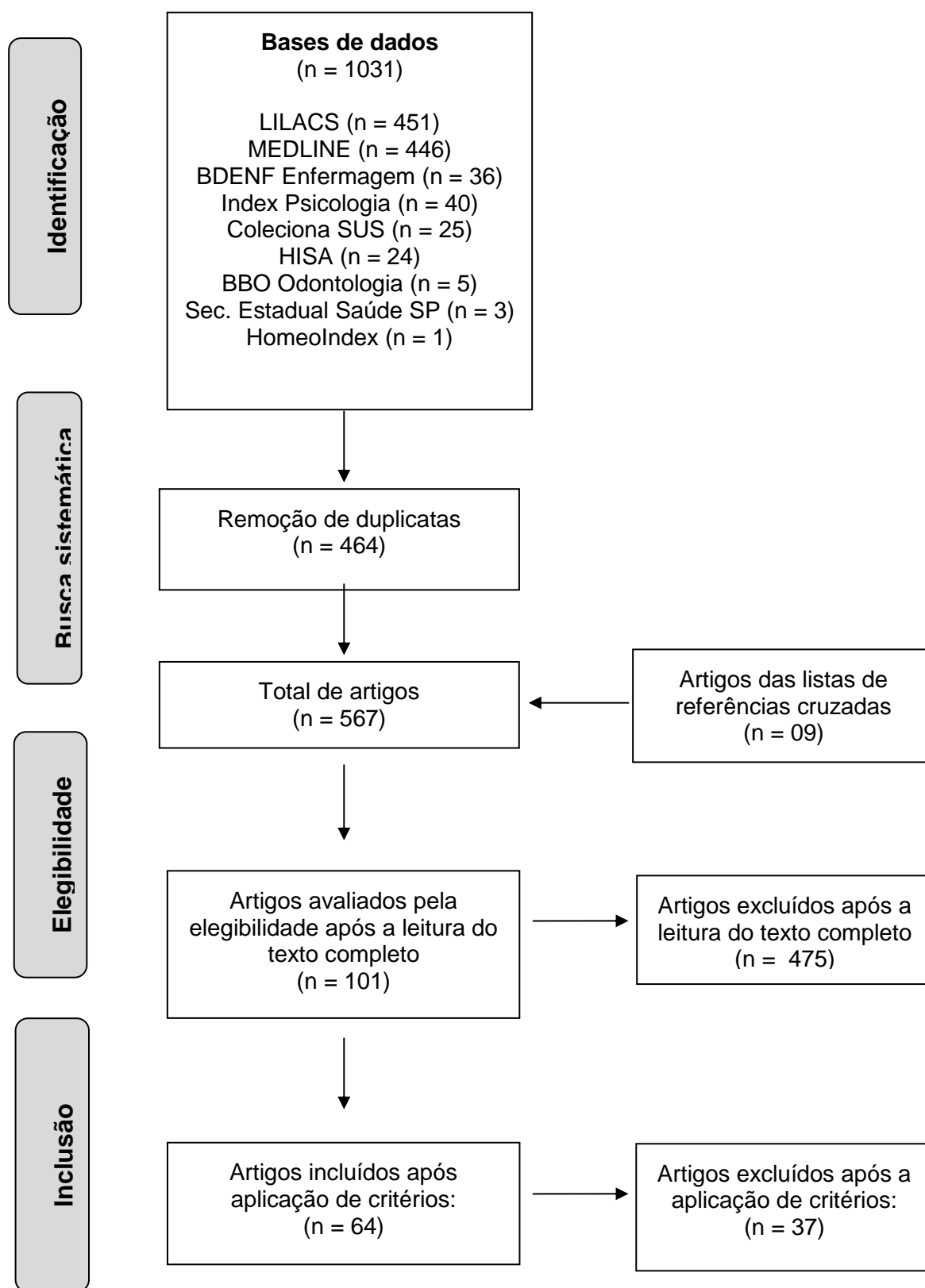
Foram adotados como critérios de inclusão: estudos empíricos cujo objetivo foi investigar a cobertura jornalística brasileira sobre questões, problemas ou temas pertinentes à Saúde Coletiva brasileira; estudos que analisaram os meios de

comunicação generalistas, salvo os estudos que analisaram concomitantemente mídia generalista e especializada.

Foram excluídos: artigos em que o enfoque da cobertura jornalística sobre a saúde individual não estabeleceu qualquer ligação com uma perspectiva coletiva; os estudos teóricos, ensaios e revisões de literatura; estudos empíricos que fizeram referência aos meios de comunicação sem apresentar dados relacionados à mídia (exemplo: a palavra mídia consta no título e no corpo do texto, mas os dados analisados estão, na verdade, relacionados a algum tema da saúde, mas sem produzir ou estabelecer uma correspondência comparativa com os dados da mídia); estudos que analisaram a mídia especializada; quando o enfoque do estudo não foi a cobertura jornalística (campanhas publicitárias, por exemplo).

As etapas do processo de obtenção dos artigos selecionados foram adaptadas do passo-a-passo do Prisma Flow Diagram, de 2009, que se propõe a estabelecer normas para melhorar a qualidade da sistematização dos dados. Apesar de se referir a revisões sistemáticas, mostrou-se uma ferramenta bastante útil em termos de rigor científico e, por esse motivo, foi adotada neste trabalho. Para ampliar a busca, foram incluídos os artigos das referências cruzadas, que são as referências capturadas a partir de artigos incluídos na revisão.

Figura 1 – Estratégia de busca e síntese do processo de obtenção dos artigos selecionados



Quadro 1 - Palavras-chave e estratégia de cruzamento das palavras-chave

MÍDIA	Mídia AND saúde pública; Mídia AND Sistema Único de Saúde; Mídia AND saúde; Mídia AND doença; Imprensa AND saúde; Imprensa AND doença.
JORNALISMO	Cobertura jornalística AND Sistema Único de Saúde; Cobertura jornalística AND saúde pública; Jornais AND saúde pública; Jornais AND Sistema Único de Saúde; Jornais AND doença; Notícias AND saúde pública; Notícias AND Sistema Único de Saúde; Jornalismo AND saúde; Jornalismo AND doença.

Resultados e Discussão

O total de artigos encontrados nas nove bases de dados mais a inclusão da lista de referência foi de 1.040 manuscritos. Depois de aplicar os critérios de inclusão e exclusão, conforme explicitado na metodologia (Figura 1), foram selecionados 64 artigos para análise. Os artigos foram agrupados nas seguintes categorias: temas, produção de dados, métodos de análise e meios de comunicação investigados.

As doenças como enfoque principal da produção científica

Entre os temas investigados, a produção científica centrou-se principalmente na cobertura jornalística sobre as doenças e sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) — aqui compreendido como ações, serviços e política de saúde —, ambos representando mais de 60% dos estudos. Esses foram os temas. É importante salientar, entretanto, que essa produção científica insere-se no âmbito da saúde. Não contemplamos bases de dados da comunicação, o que poderia trazer outra configuração a esses resultados, conforme nos alertam Terrón *et al.* (2016).

Os temas menos frequentes estavam relacionados ao envelhecimento, saúde da mulher e suicídio, conforme especificado no Quadro 2.

Quadro 2 - Frequência dos temas investigados sobre a saúde pública

Temas	Frequência
Doenças físicas e mentais	48,44%
Sistema Único de Saúde	12,50%
Drogas	9,38%
Medicamentos	7,80%
Violência	6,25%
Risco	4,69%
Saúde Bucal	3,13%
Aborto	3,13%
Envelhecimento	1,56%
Saúde da Mulher	1,56%
Suicídio	1,56%
Total	100%

Se olharmos especificamente sobre as enfermidades, a maioria investigou as de origem física (83,87%), sendo baixo o número de pesquisas que se debruçou sobre os transtornos mentais (16,13%), apesar de sua expressiva prevalência, atingindo entre 20% e 56% da população adulta brasileira, principalmente mulheres e trabalhadores (Santos e Siqueira, 2010). O impacto na qualidade de vida das pessoas atingidas e nas repercussões que têm no mundo do trabalho colocam os transtornos mentais como um sério problema de saúde pública (Gonçalves e Kapczinski, 2008; Neves *et al.*, 2015).

A visibilidade de notícias relacionadas ao tema pode ser central na compreensão e percepção que se tem sobre essas doenças. Entretanto, a baixa produção científica não nos dá muitos elementos para estabelecer um panorama em relação à cobertura, considerando a diversidade de transtornos existentes. Dos quatro manuscritos, podemos destacar um estudo, relacionado à esquizofrenia, que constatou que os meios investigados reforçaram o estigma em relação à doença. O estudo destacou ainda que as notícias não deram voz ao portador de esquizofrenia. Tal constatação vai ao encontro de uma tendência já demonstrada por diversos estudos da sociologia do jornalismo: os meios de comunicação priorizam as fontes¹⁷ oficiais em detrimento das vozes da sociedade. Hall *et al.* (1999) chamam atenção que, ao lançar mão dessa estratégia, a

¹⁷ Uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações para compor a notícia (Traquina, 2012).

mídia tende a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade. Sobre a depressão, houve um estudo que destacou que a mídia investigada enfatizou a medicalização como o tratamento prioritário, demonstrando que a concepção da cobertura noticiosa em relação à doença era biomédica.

Dentre as doenças de origem física, se destacaram as investigações sobre as infecciosas (Quadro 3), que receberam ampla cobertura da mídia, tais como: gripe H1N1 (28,57%), dengue (21,43%), Aids (14,28%), febre amarela (14,28%), encefalite (7,14%), meningite (7,14%) e leishmaniose visceral (7,14%). Exatamente por sua dimensão epidêmica, têm um valor-notícia para os meios de comunicação, ganhando maior visibilidade na cobertura.

Quadro 3 - Caracterização do perfil de doenças analisadas

Doenças	Frequência
Infecciosa	53,85
Crônica	30,76
Intoxicação	11,54
Genética	3,85
Total	100%

Apesar de características próprias de cada estudo, foi possível identificar elementos em comum referentes aos resultados obtidos sobre o enfoque, por exemplo, dado pela cobertura jornalística para a epidemia da gripe H1N1: os estudos convergiram sobre o fato de que a tônica das notícias centrou no pânico, risco e medo em relação à doença. Já em relação à dengue, as pesquisas apontaram para uma responsabilização e culpabilização da população sobre a ocorrência dessa enfermidade.

Tais achados nos fazem refletir o quanto as doenças tendem a ser mostradas pelos meios de comunicação de forma isolada, sem considerar os determinantes sociais, podendo mudar o foco da percepção da população quanto à origem do problema, bem como legitimar a desresponsabilização do Estado em relação a esse problema. Não se trata aqui de adotar uma atitude paternalista em relação à população e criminalista para com o Estado, mas sim oferecer oportunidade para que uma crítica mais abrangente seja

feita por meio do que é veiculado nos meios de comunicação (Fleury-Teixeira e Bronzo, 2010).

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) — que impactam significativamente a população e o próprio sistema de saúde — representaram cerca de 70% das mortes em 2007, tornando-se uma demanda de saúde prioritária no país (Schmidt *et al.*, 2011). Fazem parte deste rol as relacionadas ao sistema circulatório, o número um em causa de morte, seguidas pelo câncer, que ocupa o segundo lugar no *ranking*. Nesta revisão, não encontramos estudos sobre a cobertura jornalística sobre as doenças circulatórias.

Referente ao câncer, a enfermidade crônica mais investigada, encontramos sete estudos, sendo a maioria conduzida pelo mesmo pesquisador principal. Parte deles mostrou que os meios de comunicação até chegaram a abrir mais espaço para notícias sobre prevenção, mas o foco de interesse da cobertura jornalística ainda foram as pesquisas científicas sobre o tema. Encontramos somente um estudo sobre outra doença crônica que também impacta de forma significativa a saúde da população e do sistema público de saúde: a hipertensão. Todavia, não foram encontrados estudos sobre diabetes, por exemplo, considerando que houve um aumento na prevalência dessa doença no país (Schmidt *et al.*, 2011).

A segunda temática mais investigada foi sobre o Sistema Único de Saúde, com oito artigos (Quadro 1), sendo a maioria sobre políticas de saúde (62,5%) seguida de ações e serviços (37,5%).

Resultado de longas lutas sociais do movimento da Reforma Sanitária, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi implementado, há mais de 20 anos, por meio da Lei Orgânica da Saúde, de 1990, tendo como proposta ser um sistema de saúde de caráter universal, gratuito, descentralizado e democrático. Em processo de permanente construção, avançou muito e transformou-se no maior projeto público de inclusão social. Em 2007, foram 610 milhões de consultas e cerca de 12 mil transplantes entre vários outros procedimentos com números igualmente expressivos (Santos, 2009).

Para Paim (2009), os políticos, profissionais de saúde, meios de comunicação e população em geral conhecem pouco seu sistema de saúde e têm concepções distintas e distorcidas sobre ele. Oliveira (2000), em um estudo teórico, considerou que as principais imagens e informações publicamente divulgadas pela mídia sobre o SUS partem de uma suposta ineficiência do Estado, incompetência das autoridades ou dos profissionais da área, levando à construção de uma ordem simbólica pouco reflexiva sobre o campo da política de saúde representada pelo SUS.

Os estudos aqui analisados também identificaram uma tendência de crítica e desqualificação do sistema, mas também de reconhecimento do SUS. Para Araújo (2009), é importante ter em conta os diferentes interesses que estão em jogo, considerando que tanto o SUS quanto a mídia não são homogêneos:

Essa ideia de polarização mídia-SUS, ou da mídia contra o SUS, prejudica o entendimento real do processo de produção social dos sentidos (...) não é uma coisa tão homogênea assim, “a sociedade contra a mídia”, “o SUS contra a mídia” (Araújo, 2009. p. 69).

Abordagem metodológica: a predominância dos estudos qualitativos

A abordagem metodológica utilizada na maioria dos estudos foi a de cunho qualitativo, conforme foi possível constatar em 57 manuscritos (89,06%), apesar de 60,94% (39 artigos) não terem feito referência a essa informação. Seis artigos (9,38%) se identificaram como pesquisa quanti-qualitativa, todavia, constatamos que somente um se adequava a esse perfil. Houve apenas um estudo quantitativo.

A maioria dos estudos valeu-se somente de uma técnica de produção de dados: a pesquisa documental (textos, em 93,85%; imagens, em 6,15%). Foram poucos que a combinaram com outras técnicas, como entrevistas, grupos focais e aplicação de questionários (Quadro 4). Para Minayo (1992), a composição de vários recursos de produção de dados mostra-se útil no sentido de aferir o caminho escolhido no processo de investigação.

Quadro 4 - Identificação e frequência da produção de dados

Produção de dados	Frequência
Pesquisa documental (textos e imagens)	79,69%
Pesquisa documental combinada com outras técnicas (grupos focais e/ou aplicação de questionários)	15,63%
Entrevistas	3,12%
Grupos focais	1,56%
Total	100%

A observação não foi utilizada em nenhum estudo, apesar de ser um recurso possível para se analisar as rotinas jornalísticas e a produção de notícias. No campo do jornalismo, a teoria interacionista parte da premissa que a notícia é uma construção, resultante de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização. Orienta-se para a produção e os produtores da notícia, ao estudar a influência da rotina jornalística na representação dos acontecimentos. A produção noticiosa é pensada como rotina industrial, e a notícia é vista como resultado dos diversos fatores envolvidos no processo, isto é, a ação pessoal, social, ideológica, cultural, do meio físico e histórico (Traquina, 2012).

Os estudos conhecidos como *newsmaking* se enquadram nessa perspectiva e lançam mão da observação participante. Com tradição nos estudos americanos, mostra-se potente, principalmente se alinhado a outras técnicas de produção de dados, para compreender os processos internos da produção da notícia (acompanhamento das reuniões e discussão de pautas e acompanhamento da cobertura). A socióloga Gaye Tuchman (1978) é uma referência nesse tipo de estudo ao realizar uma pesquisa etnográfica (observação participante da rotina jornalística), entrevistas com repórteres e ativistas do movimento feminista e análise da cobertura sobre o tema.

Podemos considerar, entretanto, que há dificuldades e limitações para incluir a observação nas pesquisas no campo da comunicação e saúde tanto pela viabilidade

desse tipo de estudo — que demanda tempo e disponibilidade do pesquisador — como pela dificuldade de acesso aos meios de comunicação.

Sobre os estudos de noticiabilidade, Ponte (2005, p. 191) destaca:

A necessidade de articular a cultura profissional com a cultura e os valores da sociedade em que opera, as características metodológicas de estudos de redação com recurso à observação participante e a análise da cobertura informativa por períodos prolongados numa atenção a rotinas mais do que a acontecimentos pontuais.

Outro aspecto verificado é que os estudos se centraram mais na análise da mensagem (82,82%), indo ao encontro de uma tendência já identificada em pesquisas na área da comunicação (Silva e Maia, 2011). Foram poucas as investigações que incluíram alguma dimensão relacionada ao processo de produção jornalística (10,93%) ou mesmo no que se refere à percepção do público sobre a cobertura de determinado tema de saúde pública (6,25%). Um recurso que não foi utilizado nos estudos são as redes sociais, considerando o seu avanço e entrelaçamento à vida cotidiana. Os meios de comunicação estão cada vez mais valorizando esse tipo de plataforma, e essa poderia, por exemplo, ser uma possibilidade para acessar os diversos públicos em uma investigação sobre a audiência.

Tais constatações remetem à repetição de fórmulas metodológicas comumente utilizadas em estudos sobre os meios de comunicação e nos mostram certa fragilidade nos estudos no que se refere a esse tópico, considerando os diversos processos que compreendem a cobertura jornalística — a fim de cercar esse fenômeno tão complexo por diversos prismas.

Ausência de informações sobre os métodos de análise empregados

Os métodos de análise mais frequentes — considerando aqueles que especificaram essa informação — foram análise do discurso e de conteúdo, tendência também frequente em estudos sobre meios de comunicação (Silva, 2013). No primeiro caso, basearam-se em autores como Foucault, Orlandi, Charaudeau e Maingueneau. Todavia, em alguns manuscritos, não houve referência direta a uma determinada

corrente de análise de discurso ou mesmo quais autores haviam embasado essa escolha teórico-metodológica. Essas informações, entretanto, são relevantes se consideramos que há especificidades e nuances entre as diversas correntes, como a análise de discurso, de linha francesa, e análise crítica do discurso, de linha anglo-saxônica.

Houve um artigo que combinou métodos diversos de análise: discurso com agenda *setting* e *framing analysis*. Já em relação à análise de conteúdo, a referência majoritária foi a de Bardin. Em 53,33%, não foi especificado o referencial teórico adotado.

Outros referenciais teórico-metodológicos utilizados foram análise de enquadramento de notícias (*framing analysis*) e Representações Sociais (RS). No primeiro, nem todos os artigos fizeram uma referência a autores que embasassem essa opção, e os que o fizeram recorreram a Erving Goffman. No entanto, há uma diversidade de interpretações tanto em relação ao seu conceito bem como a sua aplicabilidade (Gutmann, 2006; Rosseto e Silva, 2012), por isso a relevância de que essa escolha deveria ser bastante clara e embasada na metodologia.

Em relação às representações, o autor de referência foi Serge Moscovici. Em três casos, as RS foram combinadas com outros métodos, como análise de conteúdo (2) e Discurso do Sujeito Coletivo (1), este último sendo um método desenvolvido por um autor brasileiro (Deslandes e Iriart, 2012).

Houve um número considerável de artigos em que a informação sobre o método de análise não estava disponível, mostrando a fragilidade de algumas dessas pesquisas no que se refere ao referencial teórico-metodológico utilizado. Os métodos que apareceram somente em um manuscrito ou que não foram combinados com outras metodologias foram agrupados na categoria Outros, conforme mostra o Quadro 5.

Quadro 5 - Métodos de análise utilizados

Métodos de análise	Número	Frequência
Análise de discurso	15	23,43%
Análise de conteúdo	15	23,43%
Informação não disponível	13	20,31%
Outros	8	12,53%
Enquadramento (<i>framing analysis</i>)	6	9,37%
Representações Sociais	4	6,25%
Representações Sociais combinado com outros métodos	2	3,12
Análise de discurso combinado com outros métodos	1	1,56
Total	64	100%

Jornais: o meio de comunicação mais investigado

Sobre os meios investigados, conforme o Quadro 6, o predomínio foram os jornais (forma impressa ou *on-line*). Houve somente três que investigaram programas de televisão, todos veiculados pela Rede Globo; um estudo analisou o conteúdo divulgado em um programa de rádio e outro investigou *sites* de notícias, entretanto, esse manuscrito não especificou, na metodologia, quais foram os *sites* investigados, sendo possível perceber tal informação durante a apresentação dos resultados.

É possível ainda inferir que essa tendência de escolher a análise de jornais pode estar relacionada à facilidade de viabilizar esse tipo de estudo: ter acesso ao objeto (jornal) é mais fácil (Terrón *et al.*, 2016) porque, em geral, principalmente nos jornais de circulação nacional, o conteúdo está disponível na *internet*.

Outros meios, como rádio e televisão, é necessário gravar o conteúdo, quando nos referimos à atualidade, ou recorrer ao banco de dados das emissoras, quando nos referimos a períodos anteriores, o que, em ambos os casos, pode representar um empecilho. Outro aspecto é o tempo curto de duração dos estudos que pode restringir o investigador limitando-o a estudar mídias que exigem menos disponibilidade e tempo (Silva e Maia, 2011).

Quadro 6 - Relação dos meios de comunicação mais investigados

Meios investigados	Frequência
Jornais	52,30%
Jornais e revistas	16,92%
Revistas	12,30%
Programas de televisão	7,69%
Programas de rádio	1,53%
Sites de notícias	1,53%

Não houve a análise das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, o que poderia ser interessante para se refletir sobre o importante papel que essas mídias vêm desempenhando na sociedade atual, além da possibilidade de analisar os seus públicos. Outro aspecto a ser considerado é que uma análise que contemplasse a diversidade de meios poderia nos oferecer mais possibilidades de compreensão de como efetivamente se mostra a cobertura jornalista sobre a saúde pública brasileira, considerando que, para Charaudeau (2005, p. 321),

no se pueden confundir los diferentes soportes mediáticos (prensa, radio y televisión) porque no obedecen a las mismas reglas de funcionamiento, no trabajan con el mismo material y no producen los mismos tipos de efecto sobre un público que además no es el mismo.

Sobre os jornais mais investigados, estavam aqueles relacionados à grande imprensa, como Folha de São Paulo, o Globo e Estado de São Paulo. Houve, entretanto, estudos de periódicos regionais, principalmente aqueles que contemplaram, em sua amostra, uma quantidade maior de publicações.

As análises de revistas foram menos frequentes, e os estudos centraram seu olhar sobre as mais tradicionais e de alcance nacional como *Veja*, *Isto É* e *Época*. A maioria dos estudos — que analisou jornais e revistas concomitantemente — não considerou algumas diferenças desses meios durante sua análise: os jornais são diários, tendem a focar notícias factuais, e as revistas são semanais e tendem a trazer reportagens mais aprofundadas, elementos que poderiam ter implicações durante a análise dos resultados.

Em relação aos estudos comparativos, houve poucos que se utilizaram desse recurso, mesmo aqueles que analisaram mais de um veículo não o fizeram, na maioria dos casos, em uma perspectiva comparativa. Houve dois estudos, por exemplo, que compararam a cobertura em jornais brasileiros e americanos, ambos relacionados ao câncer. Essa metodologia vem sendo utilizada em outras áreas do conhecimento, mas, na Comunicação, embora o volume de investigação seja alto em relação às notícias, poucas são comparativas, mostrando ser baixo o número de estudos em jornalismo com esse perfil (Traquina, 2012). Já na Saúde Coletiva, seu uso é relativamente novo (Conill *et al.*, 1991). Para essa autora (p. 564), “comparar é buscar semelhanças, diferenças ou relações entre fenômenos que podem ser contemporâneos ou não, que ocorram em espaços distintos ou não para melhor compreendê-los”. Por esse motivo, a utilização dessa metodologia mostra-se potente para identificar diferenças ou semelhanças na cobertura jornalística considerando os diferentes contextos sociais de produção das notícias.

Considerações finais

Esta revisão trouxe um amplo panorama sobre a produção científica sobre temas da saúde coletiva brasileira, apontando seus temas mais frequentes e as metodologias mais utilizadas. Todavia, nos indicou a existência de várias lacunas: houve poucos estudos sobre as doenças crônicas e as doenças negligenciadas, que impactam significativamente a saúde da população. Novos estudos poderiam oferecer um panorama sobre a frequência desses conteúdos, qual abordagem utilizada, se trazem alguma perspectiva sobre promoção de saúde, se centram na descoberta de novos medicamentos, na qualidade da informação ou mesmo, com outro enfoque teórico-metodológico, como são os sentidos e discursos produzidos sobre essas DCNT nos meios de comunicação.

Referente à metodologia, houve baixa diversidade de técnicas de produção de dados, não ocorrendo em nenhum estudo a utilização de observação. Em relação à análise, poucos trabalhos contemplaram outros aspectos que também estão relacionados à cobertura jornalística, como a produção de notícias e a percepção dos usuários sobre

seus conteúdos. Tais constatações nos levam a refletir sobre a importância de novos estudos que possam englobar esses outros processos.

Em relação ao método de análise, houve um número considerável de artigos que não especificou essa informação. Tais questões mostram a fragilidade de algumas dessas pesquisas no que se refere à apropriação de referenciais teórico-metodológicos, sendo um desafio para os novos estudos nessa área. É importante ainda destacar a baixa diversidade de meios de comunicação investigados, predominando a análise de jornais.

ARTIGO 3

Se um cachorro morde um homem, isso não é notícia. Se o homem morde o cachorro, também não é notícia. Se o homem estivesse pagando ao cachorro por seus favores sexuais, aí sim seria notícia. Mas não seria uma notícia de primeira página. Para ser manchete, o cachorro teria de ser menor de idade e o homem deveria ter um cargo importante no governo. (Júnia Nogueira de Sá, 1994 — à época *ombusman* da Folha)

Quando e como os sistemas públicos de saúde são notícia: uma análise comparativa da cobertura jornalística no El País e na Folha de São Paulo

Resumo — Este trabalho teve como objetivo analisar, de forma comparativa, a cobertura jornalística sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), na Folha de São Paulo, e sobre o Sistema Nacional de Salud (SNS), no El País. O presente estudo, de cunho qualitativo, ancorou-se na teoria da notícia com enfoque nos valores-notícia de seleção e de construção e em análise de conteúdo. Foram analisadas todas as capas publicadas no ano de 2013 de ambos os jornais. A Folha trouxe 88 capas, com 100 chamadas no total e, no El País, foram 37 capas e 39 chamadas. A cobertura da Folha centrou-se no programa Mais Médicos; e, no El País, a maioria das notícias enfocou a privatização da saúde pública espanhola. O valor-notícia mais presente nos dois foi **governo**. Como segunda categoria, na Folha, prevaleceu a **polêmica**, enfocando o embate que se formou entre os conselhos federais de medicina e o Ministério da Saúde. No caso do diário espanhol, a segunda categoria mais presente foi o **impacto**. Em relação aos valores-notícia de construção, constatamos que os jornais utilizaram recursos diversos. A Folha lançou mão da **simplificação** em relação à abordagem adotada, e o El País investiu na **personalização** e na **dramatização** para sensibilizar os leitores ao trazer relatos dos usuários e dos profissionais de saúde em que, em muitos casos, o pano de fundo era o processo de privatização da saúde.

Palavras-chave: Sistema Nacional de Salud, Sistema Único de Saúde, jornalismo em saúde, valores-notícia, critérios de noticiabilidade.

When and how public health systems are news: a comparative analysis of journalistic coverage in *El País* and *Folha de São Paulo*

Abstract - This study aimed to undertake a comparative analysis of the coverage of the National Health System (SUS) by *Folha de São Paulo*, and the National Health System (SNS) by *El País*. The present qualitative study was anchored in the theory of news focusing on news-values of selection and construction and on content analysis. All the covers published in the year 2013 of both newspapers were analyzed. *Folha* brought 88 covers, with 100 calls in total, and in *El País*, there were 37 covers and 39 calls. *Folha's* coverage focused on the *Mais Médicos* program, while in *El País* most of the news focused on the privatization of Spanish public health. The most important news value in both was government. As a second category, in *Folha*, the controversy prevailed, focusing on the clash that formed between the federal councils of medicine and the Ministry of Health. In the case of the Spanish daily, the second most present category was the impact. In relation to the news values of construction, we found that the newspapers used diverse resources. *Folha* adopted simplification in its approach, whereas *El País* invested in personalization and dramatization to sensitize readers with accounts of users and health professionals whose background was often the process of privatization of health.

Key words: National Health System, Unified Health System, health journalism, news-values, noticeability criteria.

1. Introdução

Apesar das diferenças socioeconômicas, históricas e culturais entre o Brasil e a Espanha, é possível identificar semelhanças entre os sistemas públicos de saúde desses dois países em termos de direitos e organização dos serviços. E ainda em relação aos desafios que se colocam: a garantia do princípio da universalidade e a convivência com a sombra dos seguros privados.

No caso brasileiro, com a Constituição da República de 1988, a saúde passa a ser reconhecida como um direito social, vinculada à noção de cidadania, cabendo ao Estado a garantia desse direito (Noronha, Lima & Machado, 2012). Criava-se, assim, o Sistema Único de Saúde (SUS).

Tem como um dos seus princípios balizadores a universalidade, o que garante que todos os brasileiros possam usufruir do sistema público de saúde sem ter nenhuma dificuldade de acesso, tanto legal, econômica, física ou cultural (Paim, 2009, p. 45). Contém, portanto, princípios muito diferentes do que até então havia vigorado no país, opondo-se a um modelo médico assistencial privatista predominante na época. Antes, só tinham direito à assistência médica os trabalhadores com carteira assinada (Paim, 2009; Oliveira, 2000). O SUS rompeu com essa “separação entre os incluídos e os não incluídos economicamente” (Conass, 2006, p. 26). Como seu financiamento procede de receitas arrecadadas pelo Estado, é oferecido de forma gratuita (Noronha, Lima & Machado, 2012).

Olhando para sua trajetória, é possível perceber que o SUS está em processo de permanente construção: avançou muito e transformou-se no maior projeto público de inclusão social, sendo milhões de beneficiados. Entretanto, como destacam Paim *et al.* (2011), o Sistema Único de Saúde enfrenta grandes desafios para que efetivamente possa ter uma cobertura universal e equitativa: a expansão do setor privado tem gerado resultados negativos na equidade, no acesso aos serviços de saúde e nas condições de saúde. Outro ponto nefrálgico que precisa ser enfrentado é “garantir ao SUS sua sustentabilidade política” (Paim *et al.*, 2011, p. 28).

No caso da Espanha, a nova constituição, que entrou em vigor em 1978, estabeleceu, em seu artigo 43, que a proteção da saúde é um direito fundamental do cidadão, cabendo aos poderes públicos organizar a saúde pública por meio de medidas preventivas e de prestação de serviços (Martín, 2017). A Lei nº 14, de 1986 — Lei Geral da Saúde — define os princípios e diretrizes relacionados ao direito à saúde, tais como: o financiamento público, universalidade e gratuidade; direito e deveres definidos pelos cidadãos e pelos poderes públicos; atenção integral; integração entre as diferentes estruturas e serviços públicos ao Sistema Nacional de Saúde (SNS) (Quiles, 2013; Conill, Giovanella & Almeida, 2011; Añon, 2014). O SNS é constituído pelo conjunto de serviços de saúde do governo central e pelos serviços de saúde das 17 Comunidades Autônomas (CCAA) (Repullo e Freire, 2008).

Em julho de 2013, a Espanha contava com 46,6 milhões de habitantes, com 95% da população coberta pelo SNS. A esperança de vida ao nascer alcançava os 82,3 anos (79,3 anos para os homens e 85,2 anos para as mulheres). O Sistema Nacional de Saúde dispunha de 3 mil centros de saúde e cerca de 10 mil consultórios de atenção primária. Foram realizadas 375 milhões de consultas nesse ano. Contava ainda com uma rede de 453 hospitais, dos quais 325 são de dependência pública (MSSSI, 2014).

Em relação à avaliação dos cidadãos sobre o sistema de saúde, 65,9% consideraram que o sistema funcionava bem apesar da necessidade de algumas mudanças. O grau de satisfação com o funcionamento do sistema sanitário público na Espanha ficou em 6,4 pontos em uma escala até 10, e os cidadãos continuavam preferindo — como em anos anteriores — os serviços públicos em maior proporção que os privados (Barómetro Sanitário anual, 2014).

Apesar dos números promissores, o endividamento da saúde pública e a situação de crise econômica na Espanha desencadearam algumas mudanças, em 2012, em seu sistema público. Segundo o Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad, essas medidas tiveram como objetivo garantir a sustentabilidade e preservar a qualidade do sistema sanitário público espanhol (BOE, 2012). A publicação do “Real Decreto-Ley de medidas urgentes para la sostenibilidad del Sistema Nacional de Salud y mejora de la calidad y la seguridad” trouxe modificações substantivas em relação ao sistema de saúde

espanhol, estabelecendo critérios para acesso aos serviços de saúde (decreto lei 16/2012).

Conhecido como o 'apartheid sanitário', a nova redação estabeleceu os requisitos para ter acesso à assistência, sendo necessária a condição de assegurado ou de beneficiário de algum assegurado. Tal normativa representou um passo atrás no que se refere à titularidade do direito à saúde, uma ruptura radical com a ideia de universalidade e igualdade (Añon, 2014). Para López-Fernández *et al.* (2012), depois de décadas de trabalho de integração e de ampliação progressiva da cobertura até alcançar a universalidade do sistema, o decreto provocou uma quebra no modelo baseado na universalidade, com perdas graves de direitos.

Essas investidas consecutivas contra os sistemas públicos nesses dois países têm representado a perda de direitos e servem como um alerta para o fato de que princípios tão caros de serem conquistados percam cada vez mais espaço. Nesse contexto, nos interessa refletir como tem sido a cobertura jornalística sobre esses sistemas públicos de saúde, considerando que ela pode contribuir para a mobilização a favor ou contra as escolhas políticas e as estratégias adotadas pelas autoridades governamentais em relação a esses sistemas. Consideramos que a cobertura jornalística não apenas reflete visões e representações sobre o objeto em questão, mas produz perspectivas, propõe questões, gera e/ou reforça tensionamentos.

Os estudos relacionados à cobertura jornalística sobre o SUS e o SNS, entretanto, são ainda uma lacuna no campo da comunicação e saúde em ambos os países, sendo que não foram encontrados estudos comparativos sobre esses dois sistemas. No caso espanhol, há poucos cujo sistema público seja o enfoque mais prioritário (Revuelta e Oliveira, 2008; Costa, 2008); em outros, o sistema é uma das variáveis investigadas entre outras relacionadas à saúde/saúde pública (Valdivieso, 2011; Muñoz, 2011; Ayestaran Yarza *et al.*, 2012). No caso brasileiro, há poucos trabalhos cujo objeto é o SUS, predominando investigações de cunho qualitativo interessadas na produção de sentidos e discursos sobre esse tema (Cavalcante, 2014; Silva e Rasesa, 2013a; Silva e Rasesa; 2013b; Menegon, 2008).

Que pese a contribuição dos estudos citados, nos interessa olhar para outra direção, mais relacionada à produção de notícias. O estudo do jornalismo ao longo do século XX até os dias atuais tem buscado compreender a complexidade dos processos que envolvem a noticiabilidade. Enfocamos aqui principalmente o reconhecimento por parte de autores como Sousa (2004), Traquina (2013), Silva (2014a), Silva (2014b), Wolf (1987), Silva, Silva e Fernandes (2014) de que existem critérios que são utilizados para selecionar as notícias, desde as características e atributos do próprio fato (chamados pelos autores de valores-notícia), que o potencializariam a candidato à notícia até “julgamentos dos jornalistas, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais” (Silva, 2014a, p. 52).

O processo de produção de notícia seria resultante desse caldo de elementos e fatores que envolvem a noticiabilidade e, por isso, torna-se um fenômeno complexo de apreender e analisar. Este trabalho centrou-se em uma dessas dimensões, que são os valores-notícia — por considerarmos, conforme aponta Silva (2014a, p. 59):

referências para a operacionalidade de análises de notícias, permitindo identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em diversos veículos da imprensa, possibilitando percepções históricas e culturais sobre o processo produtivo das notícias. Podem ter utilidade não só no estudo de fatos noticiáveis, mas também no que diz respeito a acontecimentos noticiados.

Sousa e Lima (2012) analisaram dois jornais portugueses do século XVII para identificar os valores-notícia utilizados. Os autores constataram que não houve muitas variações temáticas do que se encontra como notícias nos jornais atuais, considerando que os valores-notícia são historicamente estáveis. Eles concluíram que foi notícia naquela época o que ainda é notícia hoje: morte¹⁸, conflito¹⁹, notícias relacionadas a personalidades de elite²⁰, o insólito²¹, a proximidade²² e a atualidade²³. Para esses

¹⁸ Valor considerado fundamental para os jornalistas e umas das razões explicativas do negativismo das coberturas.

¹⁹ Fatos relacionados a guerras, rivalidades, disputas, brigas, greves e reivindicações.

²⁰ Está relacionada com a notoriedade do ator envolvido, sua importância social.

²¹ Acontecimentos que produzem espanto.

²² Quanto mais próximo um acontecimento estiver do seu público, em termos geográficos e culturais, mais fácil de ser publicado.

²³ A notícia é recente, nova, atual.

autores, isso está relacionado ao fato de que os jornalistas, nos diversos países, partilham de valores-notícia semelhantes, apontando para uma cultura noticiosa comum.

Traquina (2004), ao realizar uma análise de notícias sobre a problemática da Aids em cinco jornais de quatro países, situados em três continentes diferentes, constatou que a proximidade geográfica foi um valor-notícia predominante na cobertura desses meios de comunicação. Para o autor, isso está relacionado ao fato de que os jornalistas, nos diversos países, partilham de valores-notícia semelhantes, apontando para uma cultura noticiosa comum. Já o estudo desenvolvido por Campos *et al.* (2009) analisou os critérios de noticiabilidade referente à cobertura jornalística sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes em Belo Horizonte, mostrando que o valor-notícia da transgressão é o que justificaria a noticiabilidade sobre o tema. Os autores referiram-se à transgressão no sentido do desvio, conceito que vamos desenvolver à frente.

Não encontramos trabalhos que trouxessem a perspectiva de critérios de noticiabilidade sobre o SUS. Em relação ao SNS, também são poucos os estudos. García-Latorre e Gobantes-Bilbao (2014) chamam atenção para o fato de que questões relacionadas com a saúde pública espanhola contam com um alto valor-notícia no contexto do Estado de Bem-Estar Social. Segundo os autores, nas últimas décadas, os meios de comunicação na Espanha têm aumentado sua atenção a esse tipo de temática.

Desse modo, nos perguntamos: quando e como os sistemas públicos brasileiro e espanhol são notícia? É possível pensar que a cobertura jornalística realizada nesses países compartilha de critérios de noticiabilidade semelhantes na hora de selecionar — entre tantos fatos e acontecimentos relacionados ao SNS e SUS — os que efetivamente serão noticiados? Partindo desses questionamentos, este trabalho teve como objetivo analisar os critérios de noticiabilidade que orientam a cobertura jornalística da “Folha de São Paulo” e do “El País” sobre o Sistema Único de Saúde e o Sistema Nacional de Salud, respectivamente. Comparar poderia, nesse contexto, trazer à tona os elementos convergentes e divergentes da cobertura jornalística sobre o tema investigado. Poderia ampliar, dessa forma, a compreensão das especificidades culturais e sociais em que os meios de comunicações estão submersos, fugindo assim das generalizações.

2. Referencial teórico-metodológico

O presente estudo, de cunho qualitativo, realizou uma pesquisa documental cuja abordagem ancorou-se na teoria da notícia com enfoque nos critérios de noticiabilidade (Silva, 2014a) e em análise de conteúdo, baseando-se em Bardin (2009).

A notícia — matéria-prima do processo jornalístico e do trabalho do profissional da informação (Diezhandino, 1994) — é compreendida aqui como uma construção social (Van Dijk, 1990; Tuchman, 1978; Alsina, 1993; Silva, 2014a), um relato altamente selecionado da realidade, resultante de processos complexos de interação social entre os diversos agentes sociais imbricados nessa dinâmica (Traquina, 2013). É uma das “janelas no mundo” (Tuchman, 1978), entre outras janelas que o leitor utiliza para compreender a realidade social. Não consideramos que os meios de comunicação de massa sozinhos constroem a realidade, em uma perspectiva determinista, mas o fazem junto com outros atores sociais.

Os valores-notícia estudados neste trabalho se locomovem dentro dessa perspectiva de notícia apresentada. Alguns autores se referem ao termo valores-notícia (Traquina, 2013; Wolf, 1987), outros a fatores (Galtung e Ruge, 1965) ou valores jornalísticos (Van Dick, 1990), mas todos partem da premissa de que a produção jornalística se guia por determinados critérios na hora de selecionar, entre tantos acontecimentos, o que se tornará notícia: “se um fato for enquadrado e percebido como sendo notável e potencialmente noticiável devido à obediência a um ou vários critérios de noticiabilidade, então poderá mais facilmente vir a tornar-se notícia” (Sousa, 2004, p. 40-41). Para Osora e Santurum (2012), os valores-notícia são um dos principais filtros utilizados na produção jornalística.

Partimos da anedota que se tornou emblemática no meio jornalístico²⁴, “*quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia. Mas quando uma pessoa morde um cachorro, isso sim é notícia*”, que traz no seu cerne a concepção de desvio, para buscar compreender a seleção de notícias. Seriam os fatos que se desviam das normas, “uma

²⁴ Silva (2014b) atribui a frase anedótica a Charles Dana, no século XIX; Diezhandino (1994) atribui a John B. Bogart; e Cabral (2009) a Amos Cummings, todos jornalistas americanos que atuaram no New York Sun.

infracção, um desvio, uma ruptura do uso normal das coisas” (Wolf, 1987) com mais propensão de se tornarem notícia (Silva, 2014b).

Para Abril (1996), seriam as convicções, os acontecimentos e expectativas compartilhadas da vida diária que fundamentam nosso sentido de realidade. E seria esse marco de pressupostos e expectativas a que Schutz (1974) chama de atitude natural da vida cotidiana e que dão sentido à noticiabilidade da anedota citada. Porque, se tal fato realmente ocorresse, representaria uma quebra significativa das expectativas compartilhadas pelo comportamento humano. Rompimento que não ocorreria caso o cachorro mordesse um homem em relação ao comportamento canino. E é exatamente essa quebra de expectativas comumente sustentada que permite que a notícia tenha sentido. Entretanto, destaca o autor, uma notícia que trouxesse a metamorfose de um homem em cachorro se desviaria muito do marco de expectativas sociais aceitáveis.

Os valores-notícia se originam de regras práticas que incluem um *corpus* constituído de conhecimentos profissionais que, implícita e/ou explicitamente, orientam e dirigem os processos de trabalho no setor de redação dos veículos midiáticos (Wolf, 1987). Nesse sentido, o processo de rotinização faz com que os jornalistas internalizem o esquema de produção das notícias e estabeleçam critérios quanto à seleção e à apuração dos fatos que podem se tornar notícia. Não seria viável que a cada edição os jornalistas tivessem que parar para decidir como selecionar os fatos (Ferreira e Dalmonte, 2008). Para (Baccega, 2013), esse processo é metonímico — a parte pelo todo. O que os meios de comunicação nos oferecem é uma edição do mundo.

Para Diezhandino (1994), há uma convenção jornalística, um acordo tácito dos profissionais da informação em relação à prática jornalística, sendo, para Silva (2014a), os valores-notícia reconhecidos por diferentes profissionais e meios de comunicação. Para Galtung e Ruge (1965), um acontecimento será tanto mais noticiável quanto maior número de valores possuir, embora não seja uma regra absoluta.

Entretanto, como chama atenção Sousa (2004, 40-41), o carácter noticiável de um evento — o seu valor como notícia — não concede automaticamente a ele o espaço nas

pautas dos meios de comunicação, considerando que há outros fatores que compõem essa dinâmica.

2.1. Valores-notícia de seleção e de construção

O processo de produção de notícias compreende quatro etapas: apuração, produção, circulação e consumo (Machado e Palacios, 2010). Apresentamos aqui, de forma sucinta, as duas primeiras por serem nosso foco de interesse, tomando como referência o jornal impresso²⁵. A primeira etapa começa com a seleção das pautas. Nelas, são definidos os fatos que serão cobertos — que podem ser programados ou imprevistos —, sugeridas as fontes (humana, documental ou eletrônica) e orientada a angulação da notícia (enfoque); a partir daí começa a apuração propriamente dita (realização de entrevistas, observação de cenário, pesquisa de documentos, realização de fotos); parte-se para a produção do texto, que também pressupõe um processo de seleção das informações e das fontes entrevistadas que efetivamente vão compor o produto final.

Segundo Wolf (1987), os valores-notícia estão presentes durante todo esse processo, ou seja, tanto na seleção dos acontecimentos quanto na elaboração da notícia (Wolf, 1987). A partir dessa premissa, Traquina (2013) estabeleceu a distinção do que considerou ser os ‘valores-notícia de seleção’ e os ‘valores notícia de construção’. Os primeiros referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam no processo de seleção dos acontecimentos. Dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia. Para Gomis (2002), ambos os valores (importância e interesse) têm peso jornalístico. No primeiro caso, se acontece algo que pode afetar a população, o fato deve ser comunicado. No segundo, se um fato não interessa ao público, tampouco convém ao meio incluí-lo em seu menu informativo. A importância e o interesse encobririam, na avaliação desse autor, todo o campo de valores-notícia. Por isso, Silva (2014a) os considera como um pré-requisito para qualquer seleção noticiosa, denominando-os, dessa forma, como macrovalores-notícia. Somente a

²⁵ Outras mídias como a televisão, rádios ou redes têm suas especificidades na produção da notícia. O jornalismo passou por várias ondas tecnológicas no seu processo histórico. Entretanto, as reconfigurações desencadeadas pela *internet* impactaram fortemente as formas de fazer jornalismo com o surgimento de novos formatos.

partir da presença desses valores é que se pode pensar nos demais, intitulados, por esse motivo, como microvalores-notícia.

Nos propomos, neste estudo, analisar os microvalores-notícia de seleção, baseando-se na tipificação de Silva (2014a). A autora a elaborou a partir de um compilado de vários autores, entre eles, Lippman, Mauro Wolf, Michael Hunczik, Manuel Carlos Chaparro, Mario Erbolato e Nilson Lage Shoemaker, Galtung e Ruge, Bond, além de acréscimos próprios para aprimorar tal tipificação. Tomamos neste trabalho essas tipificações como categorias temáticas mediante análise de conteúdo, técnica que “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 2009, p. 131).

**Quadro 1 - Categorias dos microvalores-notícia de seleção (ordem alfabética) —
Silva (2014a)**

Categorias de valores-notícia de seleção	Conceito
Conflito	Esta categoria, bastante valorizada pela mídia, agrega fatos relacionados a guerras, rivalidades, disputas, brigas, greves e reivindicações.
Conhecimento	Relacionado a descobertas, invenções e pesquisas: bastante utilizado nas seções de ciência e de saúde que centram sua linha editorial na cobertura científica valorizando a descoberta de um novo medicamento e/ou tratamento de determinada doença.
Governo	Concentra fatos relacionados a temas de interesse nacional, decisões e medidas governamentais, inaugurações de instituições públicas, eleições, viagens e pronunciamentos de representantes do governo.
Impacto	Traz a dimensão numérica como um fator que impacta na hora de selecionar um fato para se tornar notícia: quanto mais pessoas são afetadas por determinado acontecimento, mais chances há desse fato ser noticiado. Também faz parte dessa categoria o número de pessoas envolvidas no fato; e grandes quantias de dinheiro. Há mais chances de ser veiculado determinado roubo, por exemplo, se for de uma cifra expressiva.
Justiça	Compreende acontecimentos relacionados a julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais e crimes. Este critério pode ter mais força se estiver relacionado, por exemplo, ao critério de proeminência, considerando a notoriedade da pessoa envolvida.
Polêmica	Este valor está relacionado a acontecimentos envolvendo escândalos e controvérsias. É, dependendo do veículo, um critério também bastante valorizado na hora de decidir o que será notícia. Em alguns casos, a própria mídia estimula controvérsias ainda não existentes. Como exemplo, o caso de contrapor depoimentos de personalidades para estimular uma controvérsia.

Proeminência	Está relacionada com a notoriedade do ator envolvido, sua importância social: se é alguém da elite e/ou uma celebridade. Às vezes, não há nenhuma informação relevante na notícia, mas o fato de um político, por exemplo, estar de passagem por determinada cidade já é notícia.
Proximidade	Geográfica ou cultural. Quanto mais próximo um acontecimento estiver do seu público, mais fácil de ser publicado.
Raridade	Fazem parte desta categoria os fatos considerados incomuns, originais ou inusitados. Aqueles que fogem à regra estabelecida socialmente. É um dos critérios considerados clássicos do jornalismo cuja premissa é que, quanto mais um acontecimento se desvia do padrão, mais chances tem de se tornar notícia.
Tragédia/Drama	Aqui compreendem as catástrofes, acidentes, risco de morte e morte, violência/crime, suspense e emoção e interesse humano. Outro critério que agrega mais valor a esta categoria é se estiver o de impacto, por exemplo, um acidente envolvendo várias pessoas, ou mesmo o de proeminência, a morte de alguém da elite ou uma celebridade.

Já os valores-notícia de construção são qualidades ou características que são destacadas durante a elaboração da notícia e estão relacionadas às escolhas de “como fazer” elegidas durante esse processo. Esses valores orientam quais são os elementos que devem ser realçados, em termos de angulação, ou omitidos (de informações, fontes, determinado enfoque, por exemplo) ou mesmo a própria forma como o texto é construído durante a elaboração da notícia. Eles funcionam como “linhas-guia para a apresentação da material, sugerindo (...) o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (Traquina, 2013, p. 75).

Os valores de construção da notícia adotados neste trabalho, descritos no Quadro 2, baseiam-se na tipificação realizada por Traquina (2013), a partir das elaborações de Galtung e Ruge (1964) e Ericson, Baranek e Chan (1987), entre outros. Esses autores não fizeram essa distinção entre valores-notícia de seleção da notícia e de construção, sendo uma contribuição de Wolf (1987) e de Traquina (2013).

Quadro 2 - Categorias de valores-notícia de construção — (ordem alfabética)
(Traquina, 2013)

Categorias de valores-notícia de construção	Conceito
Consonância	A faculdade de enquadrar um acontecimento em enquadramentos previamente existentes; encaixe da notícia em um molde conhecido, uma narrativa conhecida; uma pré-imagem mental; reforça estereótipos.
Dramatização	O potencial de dramatização da história; reforço dos aspectos críticos, dramáticos e conflituais dos fatos.
Personalização	O potencial de personalização da história; tendência a apresentar as notícias como frases em que existe um sujeito; como uma consequência das ações dessas pessoas.
Simplificação	Quanto menos ambígua e mais direta, mais possibilidades tem a notícia de ser publicada; reduzir a natureza polissêmica do acontecimento. Clichês e estereótipos são úteis.

Nos propomos, neste estudo, analisar especificamente os valores-notícia de seleção e de construção, assumindo, todavia, que há uma cadeia complexa de critérios de noticiabilidade que fazem parte de todo o processo de produção, conforme já explicitado na introdução, que não compuseram esta análise.

2.3. Valores-notícia e *habitus* jornalístico

Os critérios utilizados para caracterizar o fato jornalístico e de pauta seriam — conforme destacam Barros Filho e Sá Martino (2003) — frutos de uma interiorização da aprendizagem jornalística, de um *habitus* jornalístico, tomando como base o conceito de *habitus*, de Bourdieu (2005).

Neste ponto, encontramos uma conexão entre as abordagens de Bourdieu e Traquina. O autor português refere-se a uma cultura profissional e à posição dos agentes ao analisar o campo jornalístico, o que remete ao conceito de *habitus*, de Bourdieu²⁶. Para Traquina (2012), a existência de um campo implica: um número ilimitado de 'jogadores', isto é, agentes sociais que querem mobilizar o jornalismo como recurso para as suas estratégias de comunicação; um prêmio que os jogadores disputam, no caso, as notícias; e um grupo especializado, isto é, os profissionais do campo, que reivindicam

²⁶ Traquina dialoga, em vários momentos, no livro Teorias do Jornalismo — vol. 2, com Bourdieu, mas não se refere à expressão *habitus* jornalístico, e, sim, a uma cultura jornalística.

possuir um monopólio de conhecimentos ou saberes especializados, ou seja, o que é notícia e a sua construção.

A existência de um modo de ver o mundo, de agir, de falar, de escrever também compõem o *habitus*, colaborando para estabelecer um elo bastante forte entre os jornalistas (Traquina, 2012; Traquina, 2013). Para atingir um público heterogêneo, a linguagem jornalística deve ter certas características: “A utilização de frases e parágrafos curtos; palavras simples, uma sintaxe direta e econômica, concisão e a utilização de metáforas pra incrementar a compreensão do texto. Além de ser compreensível, o discurso jornalístico precisa provocar o desejo de ser lido, ouvido ou visto” (Traquina, 2012, p. 44). Alguns componentes que devem figurar no *habitus* jornalístico: estar em busca constante dos fatos, investigar, apurar e trazer dados com exclusividade (Sampaio, 2009).

Para Silva (2005), o conceito de *habitus* também se mostra fundamental para o entendimento da própria questão da noticiabilidade: os jornalistas têm um jeito próprio de ver os acontecimentos. Para Bourdieu (1997, p. 25), é por meio dos seus óculos particulares que os jornalistas “veem certas coisas e não outras; e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado”. Para Silva (2013, p.154), esse conceito bourdesiano mostra-se como uma “importante ferramenta para explicar o modo como os padrões culturais intrínsecos na sociedade são transcodificados e disseminados na prática noticiosa”.

Não nos propusemos, entretanto, analisar o *habitus* jornalístico. Trouxemos aqui esse conceito como um recurso que nos auxilia a entender os valores-notícia como parte de uma prática internalizada, atuando como um filtro no processo de seleção de notícias (Traquina, 2013).

4. Produção e análise dos dados

Para a escolha dos jornais estudados, foi utilizado como critério o jornal de referência em cada país, considerando o seu impacto em termos de circulação e de sua representatividade. Essa escolha metodológica — já bastante utilizada em outros estudos (Traquina, 2012) — nos levou a selecionar o diário brasileiro Folha de São Paulo e o

espanhol El País. Fundada em 1921, a *Folha de São Paulo* foi considerada, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), referente a 2012, o jornal com a maior média de circulação no país. Estrutura-se a partir de sete cadernos diários fixos (Brasil, Ciência, Cotidiano, Dinheiro, Esporte, Ilustrada, Mundo), além de cadernos semanais (Folha Informática, Equilíbrio, Turismo, Folhinha, Folhateen, Mais, Folha Veículos, Construção, Empregos, Negócios e Imóveis). Em relação a sua linha editorial, define-se como um jornal crítico, apartidário, moderno e pluralista (Manual Folha de São Paulo, 2002).

Fundado em 1976, El País é o jornal espanhol de maior difusão e influência na Espanha. O jornal se define como independente, nacional, de informação geral no continente europeu, defensor da democracia pluralista conforme os princípios liberais e sociais, além de se comprometer a manter a ordem democrática e legal estabelecida na Constituição (Manual de Estilo El País, 1996). Ambos os jornais publicam regularmente matérias ligadas à área de medicina e saúde.

Para a construção do *corpus* empírico, foram verificadas todas as 365 capas dos dois jornais, publicadas no ano de 2013, para selecionar todas as chamadas de capa relacionadas ao Sistema Único de Saúde, na Folha de SP, e Sistema Nacional de Salud no El País. O El País conta com uma edição nacional com páginas regionais dependendo das zonas de distribuição, como Madri, Catalunha, País Vasco, Andalucía, Valencia, Alicante, Castilha e León. Uma limitação desse estudo vem do fato de que as publicações analisadas correspondem às edições distribuídas em Madri. Entretanto, essas edições também trazem notícias relacionadas a outras comunidades autônomas.

Sobre as especificações utilizadas como critério no processo de seleção das notícias, buscou-se visualmente nas capas referência às palavras SUS, Sistema Único de Saúde, sistema público, saúde pública, e/ou referência a órgãos públicos federais, estaduais e municipais e seus representantes e/ou a programas, serviços e ações dessas instituições, bem como referências aos profissionais de saúde e usuários.

Em relação ao sistema espanhol, buscou-se visualmente, na capa, referência às palavras “Sistema Nacional de Salud”, “SNS”, “sistema sanitario”, “sistema público”, “salud pública”, e/ou referência a órgãos públicos federais, estaduais e municipais e seus

representantes e/ou a programas, ações e serviços relacionados a essas instituições, bem como referências aos profissionais de saúde e usuários.

Quando não foi encontrada, em ambos os casos, nenhuma referência nas capas a essas informações ou, em caso de dúvidas, se recorreu à matéria interna.

A escolha de analisar somente as matérias de capa remete ao destaque dado pelo jornal a essas notícias e sua proeminência quando ganharam a primeira página, nos mostrando assim o que realmente foi — entre tantas outras opções — considerado relevante para a imprensa investigada. Apesar de a escolha das notícias que somente figuraram na capa representar um número menor de matérias analisadas, o fato de fazer essa busca pelo período de um ano proporcionou uma visão mais ampla do desenrolar dos fatos durante o período.

Optou-se por escolher o ano de 2013 por ser bastante expressivo: a constituição federal brasileira — que deu as bases legais para a garantia do direito à saúde — completou 25 anos. Foi ainda a época em que houve uma série de manifestações nas ruas, conhecidas como “jornadas de junho”, que tiveram na saúde uma de suas principais reivindicações (Magno e Paim, 2015). Na Espanha, foi um ano após as mudanças desencadeadas pela publicação do *real decreto-ley* 16/2012, que impactaram os critérios de acesso ao Sistema Nacional de Salud.

Para caracterizar a cobertura jornalística realizada por esses meios, foram identificados e classificados os temas, quais deles tiveram mais destaque (manchete, com foto) e qual a frequência durante o ano analisado. Em relação aos critérios de noticiabilidade, os valores-notícia de seleção foram categorizados quantitativamente e analisados, conforme já especificado no Quadro 1.

Em relação aos valores-notícia de construção (Quadro 2), optou-se por selecionar as chamadas que mais expressassem as características e qualidades valorizadas durante a elaboração da notícia.

Para compor a análise dos temas, valores-notícia de seleção e de construção, foram verificados todos os elementos que compuseram cada chamada de capa, considerando que as notícias apresentaram a seguinte composição: a) só o título; b)

título, linha de apoio e resumo; c) título, linha de apoio, resumo, foto e legenda; d) título e resumo; e) foto e legenda.

Depois de categorizados, esses dados foram analisados em uma perspectiva comparativa, identificando as semelhanças e diferenças em relação à cobertura jornalística sobre os sistemas públicos de saúde do Brasil e da Espanha. Todos esses elementos reunidos na análise contribuíram para ampliar nossa compreensão sobre o tema estudado.

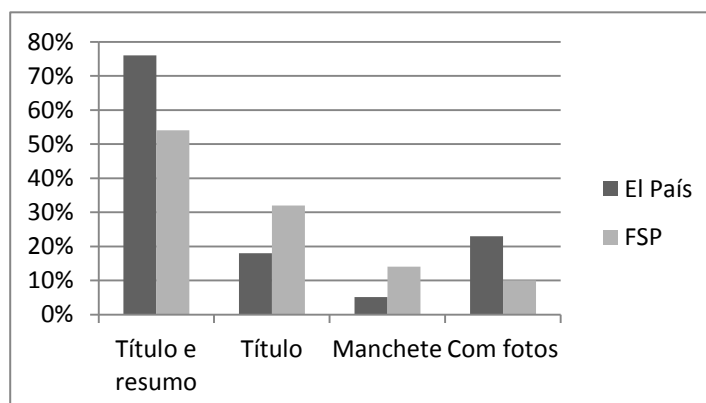
Apesar dessas categorias (de seleção e de construção) não serem estanques e se entrecruzarem, por questões operacionais e de análise, os resultados foram apresentados separadamente: uma caracterização da cobertura jornalística, os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Essa escolha possibilitou, assim, desenvolver de forma mais aprofundada os dados apresentados.

5. Resultados

5.1. Características gerais da cobertura na Folha e no El País

Ao analisar os dois jornais em 2013, verificamos quais acontecimentos foram os escolhidos para ganhar destaque nas capas, construindo, assim, uma realidade, editada, sobre os sistemas públicos de saúde. A Folha de São Paulo foi quem trouxe mais chamadas sobre temas relacionados ao Sistema Único de Saúde (SUS), com 88 capas, se comparada com o El País, que apresentou a seus leitores 35 capas, durante o ano de 2013, sobre o Sistema Nacional de Salud (SNS). Na Folha, as 88 capas contaram com 100 chamadas, sendo que 14 foram manchetes (título principal); em 11 edições, houve mais de uma chamada por capa. No caso do El País, as 37 capas contaram com 39 chamadas, sendo duas manchetes; em apenas duas edições, houve mais de uma chamada por capa. Durante a maioria dos dias investigados, não houve chamadas de capa na Folha (75,90%) e no El País (89,32%), evidenciando que esse tema — quando olhado em sua distribuição anual — foi tratado de forma periférica, recebendo pouco destaque na primeira página.

Gráfico 1 - Distribuição das chamadas da FSP e El País e a presença de fotos, em %.



As notícias que ganharam a primeira página da Folha de São Paulo centraram-se no Programa Mais Médicos, representando 48% do total de chamadas (Quadro 3). A implantação do programa ocorreu no ano de 2013 — com ampla repercussão nos meios de comunicação (Morais *et al.*, 2014) — e foi apresentado pelo governo federal como uma estratégia para o fortalecimento da Atenção Básica no país. Para Campos (2015, p. 641), o Programa “trouxo importante benefício imediato a milhões de brasileiros ao lhes ampliar o acesso e garantir o direito à saúde”, entretanto, o autor salienta o seu caráter “emergencial e complementar”.

Quadro 3 - Temas predominantes nas chamadas de capa veiculadas na Folha de São Paulo em 2013

Temas	Número	Frequência
Programa Mais Médicos	48	48%
Prestação de serviços	13	13%
Outros²⁷	11	11%
Ações e medidas Anvisa	10	10%
Planos de saúde e ANS	6	6%
Falta de médicos	5	5%
Aids/HIV	3	3%
Mudanças de gestor	2	2%
Gestão SUS	2	2%
Total	100	100%

²⁷ Os temas que apareceram somente uma vez foram contabilizados na categoria Outros.

Das 48 chamadas relativas ao Programa Mais Médicos, a maioria enfocou a participação de médicos estrangeiros no programa, com ênfase na presença dos médicos cubanos (10 chamadas); as questões envolvendo o registro desses profissionais (9); contratação e salário dos médicos cubanos (5); participação de médicos brasileiros (4); médicos reprovados no exame Revalida²⁸ (3); aprovação e início do programa (3); médico cubano hostilizado (3); mudanças de emprego (3); falta de estrutura nas unidades de saúde (2); convênio com cuba (2); e desafios para médico cubano (1).

Para exemplificar esse enfoque centrado na participação dos médicos cubanos, apresentamos a chamada, sem foto, intitulada “Entidades dizem que vão chamar a polícia contra médicos de Cuba” (24/08/13), acompanhada de um resumo enfatizando que essas medidas se referiam aos médicos cubanos. Não houve referência a outros médicos estrangeiros. Em um estudo sobre a cobertura do telejornal matutino Bom Dia Brasil sobre o Programa, Scremin e Javorski (2014) constataram que houve interferência por parte da mídia analisada na concepção que se tem sobre os imigrantes (no caso, os médicos estrangeiros) e na aceitação que o público poderia ter em relação a eles.

A notícia não se baseou em nenhum fato concreto, mas em suposições, endossada pelo verbo “dizem que vão chamar a polícia”. Caracteriza-se, segundo Mar de Fontcuberta (1993), como um não acontecimento jornalístico que implica transformar em notícia um fato que não se produziu nem está previsto quando vai se produzir. Para o autor, os meios cada vez mais utilizam informações baseadas na especulação, ganhando espaço em editorias representativas como Nacional, Internacional e Economia.

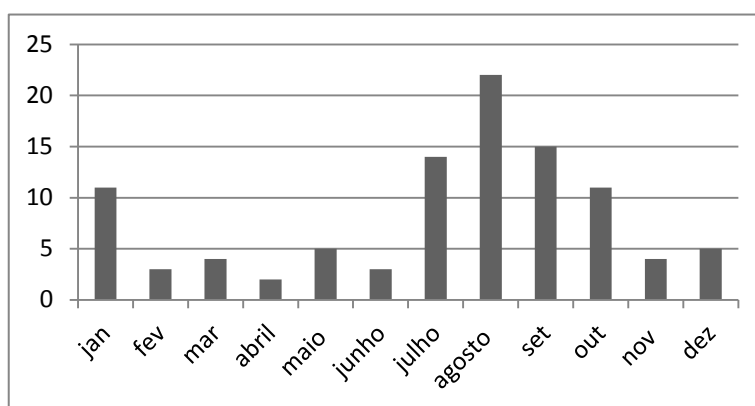
O outro grupo de chamadas enfocou a prestação de serviços (13 chamadas). A maioria das notícias estava relacionada ao Estado de São Paulo, como a redução de leitos para dependentes químicos pela prefeitura e o programa do governo estadual paulista para internação compulsória de dependentes de *crack*. O Hospital de Clínicas de SP foi a instituição hospitalar mais presente nas capas da Folha em relação à prestação de serviços, trazendo principalmente o diferencial em termos de atendimento e procedimentos cirúrgicos, como no título “Em caso inédito, HC retira cisto gigante por corte no umbigo (FSP, 16/10/13)”. Todavia, não houve referências ao fato de ser um

²⁸ Revalidação de Diplomas Médicos expedidos por Instituição de Educação Superior Estrangeira.

procedimento feito pela rede pública. Em termos de interesse nacional, houve duas notícias sobre a oferta de vacinas na rede pública.

Um dos órgãos do Ministério da Saúde mais presentes nas capas foi a Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa), enfocando suas ações e medidas, quando relacionadas principalmente a liberações ou restrições de medicamentos, cigarros, controle de produtos alimentícios, mas também pontuando posicionamentos da Agência, como “Célula-tronco de cordão não é seguro de vida, alerta Anvisa” (FSP, 24/05/13). Diferente de alguns títulos em que outros atores “dizem”, a Anvisa aparece como um ator mais valorizado como mostram alguns verbos: defende, libera, aprova, manda barrar, flexibiliza e alerta.

Ao olharmos a distribuição das chamadas de capa durante o ano, a maioria concentrou nos meses de agosto e setembro, período em que houve o lançamento do programa Mais Médicos.



Em relação à cobertura sobre o Sistema Nacional de Salud, assim como a Folha, o El País também enfocou notícias relacionadas à prestação de serviço, mas trouxe ainda a cobertura sobre a privatização da saúde pública, ambos os temas mais frequentes, conforme mostra o Quadro 4.

Quadro 4 - Temas mais frequentes publicados nas capas do El País em 2013

Temas	Número	Frequência
Prestação de serviços	9	23,07%
Privatização da saúde	8	20,51%
Crise saúde pública	5	12,82%
Financiamento farmacêutico	5	12,82%
Outros ²⁹	4	10,25%
Fechamento de urgências	3	7,70%
Gasto sanitário	3	7,70%
Irregularidades gestão	2	5,13%
Total	39	100%

No primeiro tópico, trazemos como exemplo uma notícia que se estruturou a partir de um enfoque individual, construída sobre o relato de um caso, para ampliar para o impacto que o aumento na lista de espera de cirurgias poderia representar para os usuários do sistema sanitário espanhol. O título “Hace siete meses que estoy tuerta”³⁰ (El País, 28/08/2013) foi composto de linha de apoio “Una barcelonesa espera desde febrero su tercer trasplante de córnea”³¹ e de resumo, contextualizando o problema e apresentando o número total de pessoas nas listas de espera.

O segundo tópico mais presente foi sobre a privatização da saúde pública, com ênfase nas demissões, manifestações contra esse processo e o impacto no acesso aos serviços de saúde. Para Ruane *et al.* (2013), já estava ocorrendo um progressivo desmantelamento e deteriorização do Sistema Nacional de Salud (SNS) nos últimos anos e, com o *decreto-ley* de 2012, o processo de privatização se acelerou de acordo com a estratégia neoliberal vigente na Espanha.

A chamada, por exemplo, “La privatización de la sanidad en Madrid causa 322 dimisiones”³² (El País, 09/01/13), refere-se a um anúncio de uma demissão coletiva por parte dos gestores dos centros de saúde, contrários ao processo em curso de privatização de ambulatorios e hospitais. Apesar de a demissão partir dos gestores, o enfoque dado pelo título responsabilizou a privatização da saúde por esse fato.

²⁹ Os temas que apareceram somente uma vez foram contabilizados na categoria Outros.

³⁰ “Faz sete anos que estou torta”.

³¹ “Uma barcelonesa espera desde fevereiro seu terceiro transplante de córnea”.

³² “A privatização da saúde em Madri causa 322 demissões”.

É relevante considerar ainda que as notícias relacionadas aos gastos sanitários, prestação de serviços e à crise na saúde pública também estavam relacionadas às mudanças desencadeadas a partir do *decreto-ley* publicado em 2012, que restringiu os gastos em saúde, como na chamada “Los recortes en sanidad disparan cifras récord las listas de espera (El plazo para una operación pasa en seis meses de 76 a 100 días)³³”.

Os achados dialogam com os encontrados por Revuelta e Oliveira (2008). Em um monitoramento dos cinco diários de maior difusão no território espanhol, entre eles, o El País, durante o período de 10 anos, os autores verificaram que a informação se concentrava em um grupo muito reduzido de temas, encabeçando esse rol a temática relacionada com o sistema de saúde (listas de espera, negligências, hospitais, gasto farmacêutico, reforma sanitária, gestão e política de saúde e coletivo de saúde). Costa (2008), ao analisar meios da Comunidade Autônoma da Galícia, constatou que a maioria do conteúdo divulgado relacionava-se à política sanitária. Em relação a Portugal, Lopes *et al.* (2012) também verificaram a predominância dessa temática nos jornais investigados.

Ao comparar se as chamadas da Folha³⁴ e do El País³⁵ estabeleceram alguma relação direta com os sistemas públicos de saúde de seus respectivos países (considerando todos os elementos que compõem as chamadas), só 17%, no caso da Folha, se enquadraram nesse quesito. No El País, esse valor foi superior, com 56,4%. No diário brasileiro, as referências mais utilizadas foram a sigla SUS e rede pública. Grande parte das matérias, por exemplo, sobre o Programa Mais Médicos, pareceram descoladas da rede pública. Podemos considerar que, ao não relacionar as ações e programas como pertencentes a Sistema Único de Saúde, pode-se contribuir para a sua invisibilidade. Essa ausência contrasta com os números reais: milhões de brasileiros são beneficiários do Sistema Único de Saúde. Em 2007, foram 610 milhões de consultas e cerca de 12 mil transplantes entre vários outros procedimentos com números igualmente expressivos (Santos, 2009).

³³ “Os recortes na saúde disparam em cifras recordes as listas de espera (o prazo para uma cirurgia passa em seis meses de 76 a 100 dias)”.

³⁴ Referência ao “SUS”, “Sistema Único de Saúde”, “rede pública”, “saúde pública”, “sistema de saúde” ou à palavra “público(a)”, quando se referia a algum serviço de saúde.

³⁵ Referência ao “SNS”, “Sistema Nacional de Salud”, “sistema sanitario”, “salud pública”, ou à palavra “público(a)”, quando se referia a algum serviço de saúde.

5.2. Valores-notícia nas capas de FSP e El País

A produção jornalística se alimenta e, ao mesmo tempo, alimenta o cotidiano. A sedimentação do que se convencionam ser os critérios de noticiabilidade colabora para que se escolham, entre vários fatos, aqueles que podem ser transformados em notícia, “conferindo a esses estratos do real ou status de realidade”. Os critérios de noticiabilidade colaboram para a construção social do que se entende por realidade (Ferreira e Dalmonte, 2008, p. 125).

Ao analisar os valores-notícia utilizados pelos dois jornais, verificamos que, das nove categorias de valores-notícia de seleção, os jornais investigados compartilham oito delas, entretanto com frequência bastante diversa, conforme especificado no Quadro 5. O **governo** foi um valor-notícia constante nos dois veículos. No caso da Folha, outro valor que se destacou foi o da **proeminência**, como veremos à frente.

Na categoria **governo**, a maioria das chamadas estava relacionada a decisões e medidas, mais especificamente no que se referia ao governo federal, como no título: “Mais Médicos é aprovado, e governo poderá dar registros” (FSP, 17/10/13). A chamada, sem foto, traz, abaixo do título, um resumo e chama para a matéria interna. Além de reforçar a informação do título, o resumo destaca o fato de o programa ser a bandeira eleitoral da então presidente Dilma Roussef, acrescentando que ainda havia sido criado “para enviar profissionais da saúde a regiões periféricas”. Assim como na Folha, no El País, o governo também foi um valor-notícia expressivo demonstrado, por exemplo, na chamada “La privatización de la sanidad en Madrid causa 322 dimisiones³⁶”.

Esses achados vão ao encontro do trabalho realizado por Gans (2004). O autor concluiu que as notícias que dominaram a cobertura de telejornais e revistas americanas estavam ligadas a assuntos do governo. Elas versavam sobre conflitos e desacordos; decisões e propostas governamentais e cerimônias; e pelas mudanças de cadeiras nos cargos públicos. O presidente dos EUA, por exemplo, sempre foi notícia, independentemente de ter feito algo significativo ou não.

³⁶ “A privatização da saúde em Madri causa 322 demissões”.

Algeri (2011), ao analisar as capas de dois jornais locais de Santa Catarina, constatou que o subitem com maior percentual foi o de decisões e medidas governamentais, concluindo que esses jornais foram pautados principalmente por notícias oficiais, assessorias de imprensa e informações de órgãos governamentais, como prefeituras e Câmaras de Vereadores. Para a autora, esses dados foram ratificados durante as entrevistas realizadas com jornalistas e editores desses veículos que relataram a importância dada à agenda oficial, ao contato com prefeitos, secretários municipais e fontes ligadas à administração pública. Já Franzon (2004), ao analisar as chamadas de dois telejornais, o Jornal Nacional, da TV Globo, e o Jornal da Cultura, da TV Cultura de São Paulo, concluiu que ambos deram destaque aos acontecimentos ligados à proeminência, ao governo e à justiça.

Quadro 5 - Comparativo, em números absolutos, dos valores-notícia de seleção nos jornais Folha de São Paulo e El País presentes nas capas analisadas

Valores-notícia de seleção	Folha de São Paulo (100 chamadas)	El País (39 chamadas)
Governo	53	12
Polêmica	21	3
Proeminência	9	1
Impacto	5	11
Raridade	5	1
Conflito	3	5
Conhecimento	2	0
Justiça	1	3
Tragédia/drama	1	4
Total	100	39

Entretanto, diferente da Folha, em que as decisões ou ações do governo ganharam força para serem lançadas à capa do jornal, o El País trouxe as ações governamentais quando estas estavam principalmente agregadas a outro valor-notícia, o **impacto**. O jornal veiculou notícias endossadas por números expressivos que envolveram uma quantidade grande de pessoas afetadas pelos acontecimentos, como no título “Las urgencias rurales cierran para 100.000 castellano-manchegos (15/01/13)³⁷”.

³⁷ “As urgências rurais fecham para 100 mil castello manchegos” (cidadãos que nasceram na comunidade de Castilla la Mancha).

Para Traquina (2013), os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas, e quanto mais elevado for o número de pessoas envolvidas, maior é a notabilidade desses acontecimentos. Rojo (2009) salienta que o valor impacto mostra-se determinante nas notícias que descrevem acontecimentos com efeitos, influência, consequências ou implicações importantes. Para o autor, esse é o caso de fatos relacionados à saúde como, por exemplo, aqueles que contam com um número elevado de pessoas afetadas por um problema de saúde ou por uma medida política em matéria de saúde.

Essa dimensão do impacto que uma medida política em saúde pode trazer para a sociedade esteve mais presente no El País do que na Folha de São Paulo. O jornal espanhol enfocou mais os fatos na perspectiva da população do que no caso da Folha, destacando as manifestações contrárias à privatização da saúde: “Miles de personas protestan en varias ciudades por los recortes”³⁸ (El País, 24/02/13). A Folha, mesmo com a maioria das chamadas relacionadas a um programa de governo, que se mostrava como uma alternativa para levar médicos aonde não havia, não trouxe a população para suas capas. Como não foi contemplada nos títulos, linhas de apoio ou nos resumos, o jornal não trouxe como essas medidas iriam representar ou impactar as pessoas que seriam diretamente afetadas. Chama atenção a sua ausência nas capas do jornal se partimos da premissa, como destacam Souza e Bahia (2013), que um dos componentes mais importantes de qualquer sistema público de saúde é exatamente a população porque demonstra o quanto esse sistema é capaz de resolver os seus problemas de saúde.

Essa não legitimação dos usuários demonstra que, na cobertura da Folha, estes não foram considerados como vozes importantes sobre o sistema público. É relevante ainda refletir para qual público esses jornais se destinam ou se comunicam. A Folha tem, na versão impressa nacional, como público leitor majoritariamente as classes B (44%) e C (37%) (Folha, 2017). Para Charaudeau (1997), cada meio de comunicação faz escolhas relacionadas ao seu público, considerando questões como a classe social e a faixa etária, mas o autor lembra que esses aspectos compõem uma ideia do que seria esse público que, entretanto, se mostra diverso e mutável. Nessa perspectiva, é possível

³⁸ “Milhares de pessoas protestam em várias cidades pelos recortes”.

inferir que os leitores da Folha não são vistos como um público usuário dos serviços públicos de saúde, o que não significa efetivamente que não o sejam.

Quem esteve presente nas chamadas da Folha foram as instituições, como o Ministério da Saúde, conselhos federais e regionais de medicina, Anvisa, entre outros. Tal constatação evidencia que outro valor-notícia, agregado ao valor governo, foi o da **proeminência do ator principal**, como no título: “Ministro diz que se consultaria com médico reprovado”. Esse é um valor considerado fundamental para os jornalistas. Como nos tempos das “folhas volantes”, a celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia, sendo o nome e a posição social importantes como fator de noticiabilidade (Traquina, 2013).

Diferente do que pode ocorrer na Espanha, que — apesar das deficiências atuais do sistema — é menos estratificado socialmente e mais abrangente em termos de cobertura, em que pesem as especificidades de cada comunidade autônoma. É possível supor que o El País, conforme mostram as chamadas, ainda fala para um público usuário do sistema sanitário, tanto no sentido de se referir e/ou focar esse público quanto a utilizar as próprias falas dos usuários na chamada: “Me negaron el antitumoral por caro” (EP, 15/06/13).

Segundo Camacho (2010), nos últimos 30 anos, os meios de comunicação na Espanha têm aumentado sua atenção à temática sanitária. Com a chegada da democracia, os meios começaram a se interessar pela reforma sanitária, alcançando o seu apogeu, na década de 90, quando a notícia sanitária se transforma, segundo Jurado Salvan (2003), em “acontecimento sanitário”. Nesse momento, o interesse volta-se para as pautas relacionadas à lista de espera, erros médicos e falhas na assistência, como reflexo de um período de deteriorização política dos últimos anos do governo socialista. Na avaliação do autor, o momento atual é marcado pela informação sanitária voltada para o cidadão-consumidor.

Para García-Latorre e Gobantes-Bilbao (2014), a saúde é um dos pilares do Estado de Bem-Estar Social espanhol³⁹, contando, por isso, com um alto valor-notícia.

³⁹ A partir dos anos 80, o Estado de Bem-Estar Social se estrutura na Espanha, em torno de quatro áreas principais: saúde, educação, segurança social e serviços sociais.

Como desperta o interesse da população, é um conteúdo constante na cobertura jornalística espanhola tanto nacional quanto nas comunidades autônomas. Em comparação com os outros países da União Europeia, a Espanha tem gasto social médio-baixo com grandes *deficit* na qualidade de grande parte dos serviços, exceto no que se refere à saúde (Matos-Silveira, 2013). A autora, entretanto, faz uma ressalva em relação às mudanças resultantes do *decreto-ley*, de 2012, que impactaram o acesso dos estrangeiros ao sistema e diminuíram os investimentos na área.

García-Latorre e Gobantes-Bilbao (2014) comentam:

No resulta extraño que la Salud Pública sea un área de interés periodístico, ya que cubre temas más cercanos a la calle y a los ciudadanos-lectores. Es normal que despierten más atención, dado que afectan directamente a la población y lo hacen también en mayor número que el descubrimiento de un gen o una nueva terapia.

No Brasil, o SUS também surge como uma política de Bem-Estar Social, quando a saúde passa a ser um direito (Castellanos, 2017). Para o autor, entretanto, o caso brasileiro comporta especificidades devido aos “muitos limites, contradições e frágeis bases de sustentação”. A sua formação e implantação coincidem com a onda neoliberal nos países da América-Latina, pela forte crise econômica mundial e, nesse jogo, pela disputa das elites e do capital financeiro para definir quais seriam as políticas econômicas e sociais. Tais fatores dificultaram uma real sedimentação do Estado de Bem-Estar Social brasileiro.

5.2.1. Valores-notícia: da polêmica ao drama

Outro valor-notícia bastante recorrente na Folha foi a **polêmica**, principalmente abordando questões e embates entre o Ministério da Saúde e os conselhos federal e regionais de medicina, no que se referia à contratação dos médicos estrangeiros, com especial atenção dada aos cubanos. É importante considerar, entretanto, que o próprio jornal pôde, a partir desse enfoque, construir ou mesmo alimentar essas controvérsias. Ponte (2002), ao analisar “notícias europeias” que cobriram eventos sobre o bem-estar

das crianças europeias, identificou vários valores-notícia, mas a polêmica foi um dos atributos mais utilizados. No caso do El País, entretanto, esse valor esteve pouco presente no tema investigado.

O valor-notícia **tragédia/drama** que engloba, nessa categoria, os casos de morte, esteve presente nas chamadas do El País, como foi possível identificar nos títulos: “Una inmigrante con sida murió mal atendida por descoordinación del Estad” (10/04/13); “Un hombre muere tras nueve meses en lista de espera para operarse”⁴⁰ (18/04/13), valor que não esteve presente nas capas da Folha relacionado ao tema investigado. Para Traquina (2013), a morte é um valor-notícia absoluto. O El País, com esses títulos, recorreu ao drama humano, trazendo para a capa elementos que poderiam sensibilizar os leitores mas, ao mesmo tempo, enfatizou a negligência dos serviços de saúde.

Para Ponte (2005), os valores-notícia devem ser entendidos e interpretados levando em considerando os modelos sobre a sociedade e os seus consensos. Nessa mesma linha, conforme destacam Traquina (2013) e Ponte (2005), citando Stuart Hall⁴¹, os valores-notícia são mais do que uma listagem de atributos das notícias porque ajudam a construir a sociedade como consenso, marcando as fronteiras entre o que é socialmente considerado “normal” ou “desviante”, por exemplo, o que requer um conhecimento consensual sobre a sociedade (Traquina, 2013). Campos *et al.* (2009) afirmam que a noticiabilidade de um acontecimento apoia-se, ao mesmo tempo, em dois suportes: de um lado, nas expectativas sociais a ele relacionadas e, de outro, de acordo com as especificidades da produção noticiosa.

Para os autores (2009, p. 22), funcionam como:

Funcionando como decodificadores sociais dos fatos fora do comum, invulgares, imprevisíveis, conflituosos e problemáticos, os absorvem e constroem, ao mesmo tempo, o consenso social. A sociedade necessita entender o seu entorno, cada vez mais segmentado, especializado e media complexificado.

⁴⁰ “Uma imigrante com sida morreu mal atendida por descoordenação do Estado”; “Um homem morre depois de nove meses na lista de espera para se operar”.

5.3. Estratégias do El País e da Folha na construção das notícias

Mais do que entender as similaridades que os dois jornais compartilharam em relação aos acontecimentos que selecionaram para transformá-los em notícias, nos interessa compreender as diferenciações que se apresentaram na construção da notícia. Verificamos que os jornais analisados adotaram estratégias distintas na forma como apresentaram suas notícias. Nos voltamos para aquelas que mais representaram essas estratégias para destacar as especificidades que compuseram esse processo.

A Folha, na cobertura sobre o Programa Mais Médicos, por exemplo, ao focar prioritariamente a participação dos médicos vindos de Cuba, reduziu, de certa forma, o programa aos médicos cubanos ou mesmo aos “médicos de Dilma”, como na manchete “Prefeitos demitirão médicos locais para receber os de Dilma” (FSP, 30/08/2013). Foi possível ainda constatar que, no decorrer da cobertura, o programa perdeu a sua contextualização ocorrendo, assim, uma simplificação na abordagem. O valor-notícia simplificação “assegura uma aparente clareza que decorre do controle da diversidade de interpretações potenciais e da escolha de um enquadramento e de uma focalização em termos de escrita e de imagem” (Ponte, 2005). Segundo Traquina (2013), daí decorrem as ideias feitas, os estereótipos e os clichês. Para Ericson, Baranck e Chan (1987), “quanto mais um evento é desprovido de ambiguidade e de complexidade, mais possibilidades tem a notícia de ser notada e compreendida”, o que sustentaria esse tipo de escolha na elaboração das notícias.

O jornal El País utilizou outras estratégias na forma como destacou e apresentou suas notícias, como os valores de personificação e de dramatização para construir a sua relação com o leitor. A personificação é considerada um valor fundamental no discurso jornalístico (Traquina, 2013). Por personalizar, entende-se valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa. O jornal lançou mão das falas dos entrevistados nos títulos das chamadas, como nos exemplos: “No se imagina la catástrofe que viene”⁴² (15/06/13).

A personalização é uma estratégia para seduzir o leitor, fazer com que ele se identifique porque as pessoas se interessam por pessoas. “Quanto mais personalizado é

⁴² “Não se imagina a catástrofe que está vindo”.

um acontecimento, mais possibilidades tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação desse fato em termos “negativo” ou “positivo” (Traquina, 2013). Outro valor-notícia foi a dramatização, recorrendo a um apelo emocional, enfatizando as notícias com carga dramática (Silva, 2011). No caso do título já citado no El País, “Hace siete meses que estoy tuerta” (28/08/13), o jornal recorreu a dois valores-notícia, o da personalização e o da dramatização, já identificados como recursos associados por Ericson *et al.* (1987).

A notícia deve estar em consonância com as normas, valores e atitudes socialmente compartilhados, estando implicadas as opiniões e as atitudes preexistentes. É de compreensão e de aceitação mais fácil a notícia consonante com atitudes de jornalistas e leitores, ou seja, com o consenso ideológico de uma sociedade e determinada cultura (Van Dick, 1999; Ponte, 2005).

Esse valor tende a enquadrar um acontecimento em enquadramentos previamente existentes, encaixando as notícias novas em um molde já conhecido, em uma pré-imagem mental. Para Ericson, Baranck e Chan (1987), essa pré-imagem mental pode contribuir para a sedimentação de muitos estereótipos na cobertura midiática. Considerado um valor relevante para esses autores, o significado de um acontecimento é muitas vezes julgado antes, ao ponto em que o repórter visualizará o que vai acontecer e produz uma notícia totalmente previsível, construindo um conhecimento estereotipado.

Os autores trouxeram como exemplo o caso das manifestações de rua em que os repórteres fazem a cobertura jornalística buscando os conflitos e as brigas sem valorizar o motivo da manifestação. O estudo clássico desse fenômeno foi o realizado por Halloran *et al.* (1970). Os autores verificaram que a cobertura de notícias da manifestação antiguerra do Vietnã em Grosvenor Square, em Londres, em 1968, concentrou-se quase que exclusivamente no que se esperava — a saber, a violência. Entretanto, esta, de fato, pouco ocorreu, mas foi relatada massivamente, enquanto as questões relacionadas à manifestação foram ignoradas.

No caso da saúde, os comportamentos e atitudes em relação ao sistema público, conforme destaca Silva (2011), não são definidos apenas pelas características da própria rede de cuidados que compõe o sistema, mas ainda pelos valores culturais de

determinado entorno social: a configuração do sistema pode ser ela própria a expressão dos valores dominantes numa dada sociedade, em relação aos quais os meios de comunicação assumem um papel relevante na sua disseminação e legitimação.

Nos interessa refletir sobre quais são esses moldes que podem sedimentar estereótipos em relação à cobertura dos sistemas públicos de saúde investigados. Paim (2012) identifica que há quatro SUS que convivem entre eles: o formal (assegurado pela legislação, ainda que distante do cotidiano dos cidadãos e dos trabalhadores de saúde); para pobres (vinculado à ideologia liberal e derivado das políticas focalizadas onde a falta de recursos é a regra); o real (subordinado aos desígnios das áreas econômicas, onde viceja o pragmatismo, conciliando interesses clientelistas, partidários, corporativos e econômicos) e o *democrático* (concebido pela RSB, vinculado a uma democracia substantiva comprometida com os direitos da cidadania, com a participação política e com os valores da igualdade, solidariedade e emancipação). Podemos supor que a pré-imagem do SUS possivelmente esteja relacionada a um sistema para pobres, e não como um direito do cidadão, a partir dos enfoques já discutidos anteriormente.

No caso do diário espanhol, percebemos que a narrativa noticiosa foi construída com o enfoque centrado nos problemas e dificuldades enfrentados pelo sistema. Cada nova história era encaixada nesse mesmo molde.

Considerações finais

Este estudo se debruçou sobre a cobertura jornalística de dois sistemas públicos de saúde, o brasileiro e espanhol, buscando encontrar suas similitudes e diferenças. Verificamos que a Folha de São Paulo trouxe mais chamadas de capa que o El País, todavia seu enfoque centrou-se precisamente em um evento, o Programa Mais Médicos, com seus desdobramentos. No caso do El País, o tema principal foi a privatização da saúde, mas composta de vários eventos, como as manifestações contrárias, as demissões de funcionários e gastos sanitários, entre outros.

Os critérios que nos levaram a selecionar o ano de 2013 para análise na Folha — os 25 anos da constituição federal, que garantiu o direito à saúde, e as reivindicações sobre a saúde presentes nas manifestações de junho — ambos não subsidiaram o

enfoque presente nas capas desse veículo. O jornal chegou a trazer chamadas e manchetes sobre as manifestações, mas sem mencionar esse tema. O enfoque relacionado ao direito à saúde também não foi considerado uma escolha relevante para compor suas capas.

No El País, nossa escolha se guiou pelas mudanças ocorridas em decorrência do decreto-lei, publicado em 2012, que impôs recortes e restrições ao acesso à saúde. A cobertura do jornal espanhol esteve mais alinhada ao impacto que tal medida poderia acarretar à população, trazendo as repercussões e desdobramentos em decorrência dessas mudanças.

Verificamos ainda que, das nove categorias de valores-notícia de seleção, os jornais compartilharam de oito deles, entretanto com frequências diversas. O valor-notícia mais presente nos dois foi **governo**, com destaque para as ações e medidas governamentais. Como segunda categoria, na Folha, prevaleceu a **polêmica**, enfocando precisamente o embate que se formou entre os conselhos federais de medicina e o Ministério da Saúde. No caso do diário espanhol, a segunda categoria mais presente foi o **impacto** em que as chamadas destacaram fatos embasados em números expressivos, como o fechamento de urgências rurais que iria afetar 100 mil pessoas.

Em relação aos valores-notícia de construção, constatamos que os jornais utilizaram recursos diversos no processo de elaboração da notícia. Consideramos, neste estudo, o que foi possível apreender do texto já publicado e o que mais se destacou em termos de estratégias utilizadas. A Folha lançou mão da **simplificação** em relação à abordagem adotada sobre o Programa Mais Médicos que, em certa medida, se reduziu aos “médicos cubanos”, ou aos “médicos da Dilma”. O El País investiu na **personalização** e na **dramatização** para sensibilizar os leitores ao trazer relatos e até títulos com fala dos usuários e profissionais de saúde em que, em muitos casos, o pano de fundo era o processo de privatização da saúde.

Cabe ainda destacar que novos estudos devem ser realizados incluindo os novos formatos midiáticos, analisando se, nessas dinâmicas, os processos de seleção e

construção das notícias sofrem mudanças e de que forma se adaptam em relação aos novos formatos e tecnologias disponíveis.

CONCLUSÕES FINAIS

Diz o poeta alemão Rilke que temos que amar as próprias perguntas, “como se fossem salas fechadas ou livros escritos numa língua muito diferente das que conhecemos”, e talvez um dia possamos “viver as respostas”... Creio que este é o desafio de qualquer investigador. Nossa pergunta foi motivada pelo desejo de saber como e quando os sistemas analisados foram notícia. Chegamos ao final dessa investigação trazendo algumas respostas, modestas diante da complexidade do fenômeno midiático e dos próprios objetos de investigação: Sistema Único de Saúde e Sistema Nacional de Salud.

Percorremos uma trajetória que partiu da busca por compreender a formação da notícia em seu contexto histórico, quando, já no século XVIII, ela começou a ganhar centralidade e se tornou, nesse decorrer, a cereja do bolo no jornalismo. Apresentamos alguns caminhos teóricos trazendo como vários estudos têm olhado para esse fenômeno, que comporta especificidades. E nos debruçamos especificamente no processo de seleção e construção da notícia motivados pelo fato de haver poucos estudos relacionados a sistemas públicos no mundo que vêm utilizando e/ou aprofundando essas questões.

Partimos do pressuposto que os fatos contêm atributos ou características, denominados valores-notícia, que os lançam a candidatos à notícia. Os meios de comunicação precisam que o processo de produção das notícias seja rápido, o que faz com que os jornalistas lancem mão desses critérios na hora de selecionar os fatos noticiáveis, incorporando essa prática em sua rotina produtiva. Entretanto, ficou claro que a produção jornalística se alimenta e alimenta o cotidiano, que compõe o universo da produção jornalística. Tanto os critérios são incorporados na rotina noticiosa quanto compartilhados pelos meios, que pesem as especificidades. Entretanto, o que é ou não notícia precisa fazer sentido e se locomover nesses limites conformados pelo consenso social.

Apresentamos e discutimos ainda as diferentes tipificações propostas por Traquina e Silva e nos detemos nos macro e microvalores-notícia por perceber a

potencialidade de se trabalhar com esse duplo sentido de valores, principalmente aqueles valores que comportam todos os valores, como o “importante” ou “interessante”.

O segundo artigo ajusta o foco para os estudos que analisaram a cobertura jornalística sobre temas de interesse para a saúde pública brasileira. Esta revisão trouxe um amplo panorama sobre essa produção científica na área da saúde, de 2000 a 2015, apontando que as doenças foram o principal tema investigado. Apesar de o SUS figurar como o segundo tema mais frequente, foram poucos os estudos e, aqueles realizados, enfocaram a produção de sentidos e discursos midiáticos sobre esse sistema. O que nos levou a ampliar nosso interesse em trazer outra abordagem teórico-metodológica. Ainda constatamos serem poucos os estudos comparativos na amostra realizada.

O terceiro manuscrito traz a minha produção de dados e, como disse Geertz: “sejam quais forem os seus defeitos, tem pelo menos a virtude de ser meu”⁴³. Este estudo se debruçou sobre a cobertura jornalística de dois sistemas públicos de saúde, o brasileiro e espanhol, buscando encontrar suas similitudes e diferenças. Verificamos que a Folha de São Paulo trouxe mais chamadas de capa que o El País, todavia seu enfoque centrou-se precisamente em um evento, o Programa Mais Médicos, com seus desdobramentos. No caso do El País, o tema principal foi a privatização da saúde, mas composta de vários eventos, como as manifestações contrárias, as demissões de funcionários e gastos sanitários, entre outros.

Verificamos ainda que, das nove categorias de valores-notícia de seleção, os jornais compartilharam de oito deles, entretanto com frequências diversas. O valor-notícia mais presente nos dois foi **governo**, com destaque para as ações e medidas federais. Como segunda categoria, na Folha, prevaleceu a **polêmica**, enfocando precisamente o embate que se formou entre os conselhos federais de medicina e o Ministério da Saúde. No caso do diário espanhol, a segunda categoria mais presente foi o **impacto** em que as chamadas destacaram fatos embasados em um número expressivo de pessoas afetadas pelos acontecimentos. Em relação aos valores-notícia de construção, constatamos que os jornais utilizaram recursos diversos no processo de elaboração da notícia. Cabe ainda destacar que novos estudos devem ser realizados incluindo os novos formatos

⁴³ Na verdade, é “nosso”, mas não posso desvirtuar a frase de Geertz.

midiáticos, analisando se, nessas dinâmicas, os processos de seleção e construção das notícias sofrem mudanças e de que forma se adaptam em relação aos novos formatos e tecnologias disponíveis.

REFERÊNCIAS

- ABRIL, G. **La noticia**, el cotidiano y el espejo de la ficción. C n9 2. 57-62 Servicio de Publicaciones UC, 1996.
- ALGERI, C. O local e o global: fatores que definem a pauta em dois jornais do oeste de Santa Catarina. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. 2ª ed. Barcelona: Paidós, 1993. 208 p.
- ANJ. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Os maiores jornais do brasil de circulação paga por ano, 2014. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>.
- AÑÓN, C. L. La titularidad del derecho a la salud en España. ¿Hacia um cambio de modelo? **Revista de Bioética y Derecho**, n. 31, 2014, p. 3-16.
- ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007. 152 p.
- ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 8, n. 1, 19-32, 2005.
- AYESTARÁN YARZA, A.; CAMACHO MARKINA, I.; R. L. M. La salud en la prensa vasca. Análisis de contenido de la década 2001-2010. In: Actas del IV Congreso Internacional Latina de Comunicación Social. La Laguna: Universidad de La Laguna, 2012.
- BACCEGA, M.A. A construção do real e do ficcional. In: FIGARO, R. (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70; 2009.
- BARROS FILHO, C.; SÁ MARTINO, L. M. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BERTOL, S. Comunicação da saúde: um estudo comparado sobre a divulgação do câncer de mama Brasil-EUA. **Revista Famecos**, n. 39, 2009.
- BEVILACQUA, P. D. PAIXÃO, H. H.; CASTRO, M. C. P. S.; MODENA, C. M. Leishmaniose visceral: história jornalística de uma epidemia em Belo Horizonte, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, n. 7, p. 83-102, 2000.
- BOE. Boletim Oficial del Estado. *Real Decreto-ley 16/2012, de 20 de abril de 2012*. Espanha, 2012.

- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1997.
- CABRAL, M. S. A. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1. 287 p.
- CAMACHO, I. Noticias sobre salud y medicina: mucho más que información, p. 145- 165. *In*: CAMACHO, I. (Coord.). **La especialización en el periodismo**. Formarse para informar. Sevilla/Zamora: Comunicación Social, 2010.
- CAMPO, G. W. S. Mais médicos e a construção de uma política de pessoal para a Atenção Básica no Sistema Único de Saúde (SUS). **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 19, n. 54, 2015.
- CAMPOS, M. A. T. F.; VIEIRA, C. D. D.; MOTA, J. A. C. A infância sem segredos: a noticiabilidade jornalística do crime de exploração sexual de crianças e adolescentes. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 13, n. 30, pp. 17-29, 2009.
- CAMPOS, M. A. T. F.; VIEIRA, C. D. D.; MOTA, J. A. C. A infância sem segredos: a noticiabilidade jornalística do crime de exploração sexual de crianças e adolescentes. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 13, n. 30, p. 17-29, 2009.
- CASTELLANOS, M. E. P. Right to health care and inequalities in public health system in Brazil: some vulnerabilities contexts. *In*: Ewa Bogalska-Martin, E.; Matteudi, E. (Org.) **Social issue in the global world, seeking an effective paradigm**. Cambridge Scholar Publishing, 2017 (no prelo).
- CASTRO, C. Câncer na mídia: uma questão de saúde pública. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 55, n. 1, p. 41-48, 2009.
- CAVACA, A. G.; GENTILLI, V.; MARCOLINO, E. M.; EMMERICH, A. As representações da Saúde Bucal na mídia impressa. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 16, n. 43, p. 1055-68, 2012.
- FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 5, p. 1334-1341, 2004.
- CAVACA, A. G.; GENTILLI, V.; CORTELLETE JÚNIOR, M.; ZANDONADE, E.; EMMERICH, A. A saúde bucal na mídia impressa: análise das matérias jornalísticas nos anos de 2004-2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, pp. 1333-1345, 2012.
- CAVALCANTE, C. C. Os sentidos do Sistema Único de Saúde na mídia impressa do Ceará – Um estudo do jornal O Diário do Nordeste. Dissertação. Instituto de

Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde(Icict/Fiocruz). Rio de Janeiro, 2014.

CHARAUDEAU, P. ¿Nos manipulan los medios? **Cuadernos de Información y Comunicación**, pp. 319-330, 2005.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique**. Paris, Nathan / INA, 1997, 286 p.

CONASS. Breve história do SUS. *In: SUS: avanços e desafios*. Brasília: CONASS, 2006.

CONCEIÇÃO, M.C.G. Pobreza, política social e saúde na América Latina. **Diálogos Possíveis**, v. 11, n. 2, 2012.

CONCEIÇÃO, V. M.; SILVA, S. E. D.; ARAUJO, J. S.; SANTANA, M. E.; VASCONCELOS, E. V. As representações sociais da bebida alcoólica e suas consequências na sociedade expressas pela mídia impressa. **Enfermagem em Foco**, v. 3, n. 1, pp. 42-45, 2012.

CONILL, E.; GIOVANELLA, L.; ALMEIDA, P. F. Listas de espera em sistemas públicos: da expansão da oferta para um acesso oportuno? Considerações a partir do Sistema Nacional de Saúde espanhol. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n. 6, p. 2783-2794, 2011.

CONILL, E. M.; MENDONÇA, M. H.; SILVA, R. A. P. R.; GAWRYSZEWSKI, V. Organização dos serviços de saúde: A comparação como contribuição. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 7, n. 3, p. 328-346, 1991.

CÔRTEA; B.; KHOURY, H. T. T.; MUSSI, L. H. Suicídio de idosos e mídia: o que dizem as notícias? **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, pp. 253-261, 2014.

COSTA SÁNCHEZ, C. Medicina y salud en la prensa. Las noticias de salud en los principales diarios de Galicia. **Revista Latina de Comunicación Social**, 63, p. 15-21, 2008.

CYRINO, A. P.; LIMA, E. A.; GARCIA, V. L.; TEIXEIRA, R. R.; FORESTI, M. C. P. P.; SCHRAIBER, L. B. Um espaço interdisciplinar de comunicação científica na Saúde coletiva: a revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 20, n. 7, pp. 2059-2068, 2015.

DAVIS, F. J. Crime News in Colorado Newspapers. **American Journal of Sociology**, v. 57, n. 4, pp. 325-330, 1952.

DESLANDES, S. F.; IRIART, J. A. B. Usos teórico-metodológicos das pesquisas na área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. **Cad. Saúde Pública**, v. 28, n. 12, pp. 2380-2386, 2012.

DI GIULIO, G. M.; PEREIRA, N. M.; FIGUEIREDO, B. R. O papel da mídia na construção social do risco: o caso Adrianópolis, no Vale do Ribeira. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 15, n. 2, p. 293-311, 2008.

DI GIULIO, G. M.; FIGUEIREDO, B. R.; FERREIRA, L. C.; ANJOS, J. A. S. Experiências brasileiras e o debate sobre comunicação e governança do risco em áreas contaminadas por chumbo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 2, p. 337-349, 2012.

DIEZHANDINO NIETO, M. P. **El quehacer informativo**: el arte de escribir un texto periodístico. Bilbao, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 1994.

DINIZ D.; CASTRO R. O comércio de medicamentos de gênero na mídia impressa brasileira: misoprostol e mulheres. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 1, p. 94-102, 2011.

DINIZ, D.; GUEDES, C. Informação genética na mídia impressa: a anemia falciforme em questão. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 11, p. 4, p. 1055-1062, 2006.

ELEONOR MINHO CONILL, E. M.; MENDONÇA, M. H.; SILVA, R. A. P. R.; GAWRYSZEWSKI, V. Organização dos serviços de saúde: A comparação como contribuição. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 7, n. 3, pp. 328-346, 1991.

ERICSON, R. V.; BARANEK, P. M.; CHAN, J. **Visualizing seivance**: A study of news organization. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

FERNANDES, M. L. A proximidade como critério de noticiabilidade. *In*: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

FERRAZ, L. M. R; GOMES, I. M. A. M. A construção discursiva sobre a dengue na mídia. **Rev Bras Epidemiol**, v. 15, n. 1, p. 63-74, 2012.

FERREIRA, G. M.; DALMONTE, E. F. Webjornalismo, critérios de noticiabilidade e efeitos de sentido. **Comunicação: Veredas**, v. 7, n. 7, 2008.

FLEURY-TEIXEIRA, P.; BRONZO, C. Determinação social da saúde e política. *In*: Nogueira, R. P. (Org.). **Determinação Social da Saúde e Reforma Sanitária**. Rio de Janeiro: Cebes, 2010.

FONTCUBERTA, Mar de (1993): **La noticia**. Pistas para percibir el mundo. Barcelona, Paidós. 1993. 158 p.

FONTES, M. L. A. O enquadramento do aborto na mídia impressa brasileira nas eleições 2010: a exclusão da saúde pública do debate. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 7, p.1805-1812, 2012.

FRANZON, E. Os valores-notícia em telejornais. Monografia. III Curso de Especialização em Estudos de Jornalismo (lato sensu), Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

GALTUNG, J.; RUGE, M. H. The structure of foreign news: the presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. **Journal of International Peace Research**, n. 1, 1965.

GARBIN A. C.; FISCHER F. M. Assédio moral no trabalho e suas representações na mídia jornalística. **Rev Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 417-24, 2012.

GARCÍA-LATORRE, F. J.; GOBANTES-BILBAO, M. La información sanitaria autonómica en la prensa diaria: el caso de Aragón. **Rev Esp Comun Salud**, v. 5, p. 2, 149-167, 2014.

GODOI, G. C. S. A cobertura sobre saúde relativa à infância e à adolescência: uma análise comparativa do material veiculado por 50 jornais brasileiros. In: Santos, A. (Org.) **Caderno Mídia e Saúde Pública**. Organizado por Adriana Santos. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/Funed, 2006. 128 p.

GOMES, I.; FERRAZ, L. M. Ameaça e controle da gripe A(H1N1): uma análise discursiva de Veja, IstoÉ e Época. **Saúde Soc.**, v. 21, n. 2, p. 302-313, 2012.

GOMIS, L. **Do importante ao interessante** - ensaio sobre critérios para a noticiabilidade no jornalismo. Pauta Geral 4, 2002.

GONÇALVES, D. M.; KAPCZINSKI, F. Prevalência de transtornos mentais em indivíduos de uma unidade de referência para Programa Saúde da Família em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública** v. 24, n. 9 Rio de Janeiro, 2008.

GUARNIERO, F. B.; BELLINGHINI, R. H.; GATTAZ, W. F. O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 39, n. 3, pp. 80-84, 2012.

GUTMANN, J. F. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting? **Contemporânea**, Salvador, v. 4, n. 1, pp. 25-5, 2006.

HALL, S. The narrative construction of reality: an interview with Stuart Hall, *Southern Review*, v. 17, n. 1, 1984. *Apud*: TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. v. 2. Florianópolis: Insular, 2013.

HALLORAN, J. D.; Elliott, P.; Murdock, G. **Demonstrations and Communication**: a Case Study. Harmondsworth: Penguin Books Ltd, 1970.

HARTLEY, J. **News values**: selection and construction from Hartley, John, *Understanding news* pp. 75-86, London: Routledge, 1988.

HUGHES, H. *News and the Human Interest Story*. 1a ed, Chicago University Press, 1940. *Apud*: ROTTER, N.J.; PONTES, F.S. As notícias e as histórias de interesse humano: interfaces da reportagem com a literatura popular na obra de Helen M. Hughes. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, pp. 1-11, 2016.

JOBIM, D. *Espírito do Jornalismo*. São Paulo: Edusp: ComArte, 1992. *In*: Demeneck, B-H. **Objetividade jornalística**: o debate contemporâneo do conceito. Tese de dissertação, Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

JURADO SALVÁN, E. *Evolución de la información sanitaria en la prensa escrita durante la transición española*. Tesis doctoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2003.

JURBERG C., GOUVEIA M. E., BELISÁRIO C. Na mira do câncer: o papel da mídia brasileira. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 52, n.2, p. 139-146, 2006.

JURBERG, C.; MACCHIUTE, B. Câncer nas ondas do rádio. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 53, n. 3, p. 291-296, 2007.

JURBERG, C.; MACCHIUTE, B. Um olhar sobre as revistas: o caso da divulgação em câncer. **Revista Intercom**, v. 29, n. 2, pp. 119-132, 2006.

JURBERG, C.; VERJOVSKY, M. Nunca aos domingos: um estudo sobre a temática do câncer nas emissoras de TV Brasileiras. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 1, jul. 2010, p. 149-163.

JURBERG, C.; VERJOVSKY, M.; PEREIRA, G.; TEIXEIRA, L. A. Perfis das notícias sobre o câncer no correio da manhã e no the New York times nos anos 1931-1932 e 1948-1949. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 58, n. 2, p. 143-152, 2012.

KUSCINSKY, B. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Saúde e Sociedade**, v. 11, n. 1, p. 95-103, 2002.

LACERDA, A. E.; MASTROIANNI, F. C.; NOTO, A. R. Tabaco na mídia: análise de matérias jornalísticas no ano de 2006. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 725-731, 2010.

LANGBECKER, A.; CATALÁN-MATAMOROS, D. Las secciones de salud en los periódicos brasileños: el caso del diario Folha de São Paulo. *In*: TERRÓN, J. L.; PEÑAFIEL, C.; CATALÁN-MATAMOROS, D. (Orgs.). **Avances en investigación y buenas prácticas en comunicación y salud**. Cuadernos Artesanos de Comunicación. Tenerife, Latina, 2017. 123 p.

LEANDRO, J. A.; SANTOS, F. L. História da talidomida no Brasil a partir da mídia impressa (1959-1962). **Saúde Soc.** São Paulo, v. 24, n. 3, p. 991-1005, 2015.

LEGIDO-QUIGLEY, H.; URDANETA, E.; GONZALEZ, A.; LA PARRA, D.; MUNTANER, C.; ALVAREZ-DARDET, C.; MARTIN-MORENO, J. M.; MCKEE, M. Erosion of universal health coverage in Spain. **The Lancet**, v. 382, n. 9909, p. 1977, 2013.

LEI Nº 8.080, DE 19 DE SETEMBRO DE 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm.

MAGNO, L.D.; PAIM, J. S. Dos clamores das ruas aos rumores no Congresso: uma análise da conjuntura recente da saúde no Brasil. **RECIIS**, v. 9, n. 4, 2015.

LÓDOLA, S.; GÓIS JUNIOR, E. Teorias sobre a propagação da febre amarela: um debate científico na imprensa paulista, 1895-1903. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, 2015, p. 687- 704.

LOPES, F.; RUÃO, T.; MARINHO, S.; ARAÚJO, R. A saúde em notícia entre 2008 e 2010: retratos do que a imprensa portuguesa mostrou. **Comunicação e Sociedade**, número especial, pp. 129-170, 2012.

LÓPEZ-FERNÁNDEZ, L. A.; MARTÍNEZ MILLÁN, J.I.; AJURIAB, A.F.; MARCH CERDÀ, J.C.; SUESSA, A.; DANET DANET, A.; PRIETO RODRÍGUEZ, M. A. ¿Está en peligro la cobertura universal en nuestro Sistema Nacional de Salud? **Gac Sanit.**, v. 26, n. 4, p. 298-300, 2012.

LUZ, C.; CAMBRAIA, C. N.; GONTIJO, E. D. Monitoramento de terminologia na mídia: o Programa Mais Médicos. **TradTerm**, São Paulo, v. 25, pp. 199-233, 2015.

MACEDO, F. S.; ROSO, A.; LARA, M. P. Mulheres, saúde e uso de crack: a reprodução do novo racismo na/pela mídia televisiva. **Saúde Soc.**, v. 24, n. 4, p. 1285-1298, 2015.

- MACHADO, A. L. Reforma psiquiátrica e mídia: representações sociais na Folha de S. Paulo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p.483-491, 2004.
- MACHADO, E. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, 2005.
- MACHADO, E.; PALACIOS, M. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.
- MACIEL-LIMA, S. M.; RASIA, J. M.; BAGATELLI, R. C.; GONTARSKI, G.; COLARES, M. J. D. A repercussão da gripe A (H1N1) nos jornais paranaenses. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 22, n. 1, p. 273-291, 2015.
- MALINVERNI, C.; CUENCA, A. M. B.; BRIGAGÃO, J. I. M. Epidemia midiática: produção de sentidos e configuração social da febre amarela na cobertura jornalística, 2007-2008. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 22 , n. 3, p. 853-872, 2012.
- MANUAL da Folha de São Paulo. 5ª ed. São Paulo: Publifolha, 2002.
- MANUAL de Estilo del Diario “El País” de España, 1996. Disponível em <http://www.estudiantes.elpais.es/EPE2002/libroestilo/indice_estilos.htm>.
- MARSIGLIA, R. M. G. Temas Emergentes em Ciências Sociais e Saúde Pública/Coletiva: a produção do conhecimento na sua interface. **Saúde Soc.**, v. 22, n. 1, p. 32-43, 2013.
- MARTÍN, M. S. Ideas fuerza em salud pública. In: CUESTA, U.; PEÑAFIEL, C.; TERRÓN, J. L.; BUSTAMANTE, E.; GASPAS, S. **Comunicación y Salud**. Madri: Dextra editorial, 2017.
- MATOS-SILVEIRA, R. Trabajo Social en España: contextos históricos, singularidades y desafíos actuales. **Rev. katálysis**, v. 16, p. 101-109, 2013.
- MEDEIROS, F. N. S.; MASSARANI, L. A cobertura da gripe A(H1N1) 2009 pelo Fantástico. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 34, n. 1, p. 41-59, 2011.
- MEDEIROS, F. N. S.; MASSARANI, L. Pandemic on the air: a case study on the coverage of new influenza A/H1N1 by Brazilian prime time TV news. **Journal of Science Communication**, v. 9, n. 3, 2010.
- MENEGON, V. S. M. Crise dos serviços de saúde no cotidiano da mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, Edição Especial, p. 32-40, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

MORAIS, I; ALKMIN, D.; LOPES, J.; SANTOS, M.; LEONEL, M.; SANTOS, R.; ROSA, W.; MENDONÇA, A.; SOUSA, M. Jornais Folha de São Paulo e Correio Braziliense: o que dizem sobre o programa mais médicos?. **Rev Esc Enferm**, v. 48 (Esp2), p.112-120, 2014.

MOREIRA, F. B. Os valores-notícia em O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

MSSSI. Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad. Informe anual del Sistema Nacional de Salud 2013. Madrid, 2014. Disponível em: www.msssi.gob.es.

MUÑOZ ÁLVAREZ, E. Análisis de los contenidos sanitarios en prensa nacional: ABC y La Razón. **Revista Española de Comunicación en Salud**, v. 2, n. 1, p. 3-12, 2011.

NASCIMENTO, M. C. Medicamentos, comunicação e cultura. **Ciencia & Saude Coletiva**, 10 (sup), pp. 179-193, 2005.

NAVARRO, V. Concepto actual de salud pública. In: MARTÍNEZ, F.; CASTELLANOS, P. L.; NAVARRO, V. (org.) **Salud Pública**. Ciudad de México: Mc Graw-Hill, p. 49-54, 1998.

NEVES, R. F.; NUNES, M. O.; MAGALHÃES, LILIAN. As interações entre os atores no retorno ao trabalho após afastamento por transtorno mental: uma metaetnografia. **Cad. Saúde Pública**, v. 31, n.11, p. 2275-2290, 2015.

NJAINE, K. Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 10, n. 20, p. 381-92, 2006.

NORONHA, J. C.; LIMA, L. D.; MACHADO, C. V. O Sistema Único de Saúde – SUS. In: GIOVANELLA, L.; ESCOREL, S.; LOBATO, L.V.C.; NORONHA, J.C.; CARVALHO, A.I. (org). **Políticas e Sistema de Saúde no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2012. 1100 p.

NOTO, A. R.; BAPTISTA, M. C.; FARIA, S. T.; NAPPO, S. A.; GALDURÓZ, J. C. F.; CARLINI, E. A. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. **Cad. Saúde Pública**, v.19, n. 1, p. 69-79, 2003.

OLIVEIRA, M. S.; PAIVA, L. H. C.; COSTA, J. V.; PINTO-NETO, A. M. Saúde da mulher na imprensa brasileira; análise da qualidade científica nas revistas semanais. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 13, n. 30, p. 7-16, 2009.

OLIVEIRA, V. C. Media communication and the Single Healthcare System, **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 4, n. 7, p. 71-80, 2000.

OLIVEIRA, V. C. Os sentidos da saúde nas mídias jornalísticas impressas. **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4 – Suplemento, Fev., 2013.

ORTEGA, F.; BARROS, D.; CALIMAN, L.; ITABORAHY, C. JUNQUEIRA, L.; FERREIRA, C. P. A ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, 2010.

ORTONA, C.; FORTES, P. A. C. Jornalistas que escrevem sobre saúde conhecem a Humanização do Atendimento. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 21, n. 4, p. 909-915, 2012.

PAIM, J. S. O futuro do SUS. Editorial. **Cad. Saúde Pública**, v. 28, n. 4, p. 612-613, 2012.

PAIM, J. S. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 148 p.

PAIM, J. S.; TRAVASSOS, C.; ALMEIDA, C.; BAHIA, L.; MACINKO, J. O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. **The Lancet**, Saúde no Brasil maio de 2011, p. 11-31.

SILVA, L. M. V.; PAIM, J. S.; SCHARAIBER, L. B. O que é Saúde Coletiva? In: PAIM, J. S; ALMEIDA-FILHO, N. (Org.). **Saúde Coletiva – Teoria e Prática**. 1 ed. Rio de Janeiro: MedBook, 2014.

PARK, R. News as form of knowledge: a chapter in the Sociology of knowledge. **The American Journal of Sociology**, v. 45, n. 5, p. 669-685, 1940.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, pp. 23-30, 2004.

PONTE, C. Cobertura jornalística da infância: definindo a “criança internacional”. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 38, pp. 61-77, 2002.

PONTE, C. **Para entender as notícias**: Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

QUILES, J. T. Por un sistema nacional de salud de acceso universal. **Revista de Bioética y Derecho**, n. 29, 2013, p. 89-95.

RANGEL-S, M. L. Epidemia e Mídia: sentidos construídos em narrativas jornalísticas. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 5-17, 2003.

RANGEL-S., M. L. Imagens e sentidos no discurso da mídia impressa acerca de uma epidemia de intoxicação ocupacional por benzeno. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 10, n. 19, p. 77-92, 2006.

REPULLO JR, FREIRE JM. Gobernabilidad del Sistema Nacional de Salud: mejorando el balance entre los beneficios y los costes de la descentralización. Informe SESPAS 2008. **Gac Sanit**, v. 22, supl. 1, p. 118-125, 2008.

REVUELTA, G.; OLIVEIRA, J. M. La salud y la biomedicina en la prensa diaria. Un análisis de diez años. **Periodista**, n. 11, 2008.

RIOS, C.; ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R.; NASCIMENTO, L. F. Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface** v. 19, 53, p. 325-35, 2015.

ROJO, J. A. D. La polémica, las «buenas noticias» y las «malas noticias» como valores noticiosos predominantes en el discurso sobre la salud en tres diarios nacionales españoles. Retórica y cultura en la información periodística sobre salud, Ministerio de Ciencia e Innovación (España), 2009.

ROMANINI, M.; ROSO, A. Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n.1, p. 82-97, 2012.

RONZANI, T. M.; FERNANDES, A. G. B.; GEBARA, C. F. P.; OLIVEIRA, S. A.; SCORALICK, N. N.; LOURENÇO, L. M. Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 5, p. 1751-1762, 2009.

ROSSETTO, G. P. N.; SILVA, A. M. Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria? **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 26, p. 98-114, 2012.

RUANE, S.; BAYLE, M. S.; GURUCELAIN, J. L.; PALOMO, L.; LORES, M. L.; LLOPIS, E. S. **Las cuestiones clave de la sanidad pública**: un diagnóstico comparado de los Sistemas Públicos Sanitarios de España y el Reino Unido. Madrid: Fundación 1 de maio. Colección Estudios, 2013.

SAMPAIO, A. O. A marca em produtos midiáticos: o estudo do posicionamento discursivo aplicado ao telejornalismo. *In*: FERREIRA, M.F.; SAMPAIO, A.O.; FAUSTO NETO, A. (org). **Mídia, Discurso e Sentido**. Salvador: Edufba, 2011.

SANTOS E. G., SIQUEIRA M. M. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **J Bras Psiquiatr.**, v.59, n.3, p.238-246, 2010.

SANTOS, N. R. A Reforma Sanitária e o Sistema Único de Saúde: tendências e desafios após 20 anos. **Saúde em Debate**, v. 33, n. 81, p. 13-26, 2009.

SARAIVA, E. R. A.; COUTINHO, M. P. L. Meios de comunicação impressos, representações sociais e violência contra idosos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 205-214, 2012.

SARAIVA, J.; SILVA JÚNIOR, L. R.; MORTARI, R.; PORTO, D. A ética da responsabilidade no discurso de revistas semanais brasileiras. **Revista Bioética**, v. 13, n. 1, 2005.

SCHMIDT, M. I.; DUNCAN, B. B.; SILVA, G. A.; MENEZES, A. M.; MONTEIRO, C. A.; BARRETO, S. M.; CHOR, D.; MENEZES, P. R. Doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: carga e desafios atuais. **The Lancet**, Saúde no Brasil maio de 2011, p. 61-74.

SCHNEIDER, C. M.; TAVARES, M.; MUSSE, C. O retrato da epidemia de meningite em 1971 e 1974 nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. **RECIIS**, p. 1-13, 2015.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SCHUTZ, A. El problema de la realidad social. Buenos Aires. Amorrortu, 1974. Apub: ABRIL, G. **La noticia**, el cotidiano y el espejo de la ficción. C n9 2. 57-62 Servicio de Publicaciones UC, 1996.

SCREMIN, L.; JAVORSKI, E. O enquadramento das notícias sobre os estrangeiros do Programa Mais Médicos. **Cadernos da Escola de Comunicação**, n. esp, p. 1-15, 2014.

SCREMIN, L.; JAVORSKI, E. O enquadramento das notícias sobre os estrangeiros do Programa Mais Médicos. **Cadernos da Escola de Comunicação**, n. esp, p. 1-15, 2014.

SILVA, A. B.; CAMARGO, B. V. A difusão científica da Aids na mídia impressa. **PSICO**, v. 35, n. 2, pp. 169-176, 2004.

SILVA, A. E. F. A.; PEREIRA, J. R.; LOPES FILHO, B. B. Doação de sangue: a cobertura do jornalismo local e sua contribuição para a formação da opinião pública. **RECIIS – Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde**, v. 9, n. 4, 2015.

SILVA, C. E. L. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991. *In: In: Demeneck, B-H. Objetividade jornalística: o debate contemporâneo do conceito. Tese de dissertação, Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.*

SILVA, G. M.; RASERA, E. F. A construção do SUS- problema no jornal Folha de S. Paulo. **Manguinhos - História, Ciências, Saúde**, v. 21, n. 1, p. 61-76, 2013a.

SILVA, G. M.; RASERA, E. F. Desqualificação do SUS na *Folha de São Paulo*: Construção Discursiva de Gestores e Usuários. **Psico**, v. 44, n. 1, pp. 82-91, 2013b.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, pp. 95-107, 2005.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. *In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.* Florianópolis: Insular, 2014a.

SILVA, M. P. Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade. *In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.* Florianópolis: Insular, 2014b.

SILVA, G.; MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, v. 10, n. 5, 2011.

SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações.** Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, G.; SOARES, R. L. O método *Análise de Cobertura Jornalística* e o acontecimento noticioso da doença do ex-presidente Lula. **Rumores**, v. 7, n. 14, 2013.

SILVA, J. P.; BOUSFIELD, A. B. S.; CARDOSO, L. H. A hipertensão arterial na mídia impressa: análise da revista *Veja*. **Psicologia e Saber Social**, v. 2, n. 2, p. 191-203, 2013.

SILVA, M. P. A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade cotidiana. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Metodista de São Paulo. 2013.

SILVA, P.A. **A saúde nos mass media**. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2011.

SOARES, G. B.; CAPONI, S. Depressão em pauta: um estudo sobre o discurso da mídia no processo de medicalização da vida. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 15, n. 37, pp. 437-46, 2011.

SOUSA, J. P. Tobias Peucer: Progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, 2004.

SOUSA, J.P. **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SOUSA, J. P.; LIMA, H. A teoria da noticiabilidade de Nelson Traquina aplicada a periódicos portugueses do século XVII – Os casos da *Gazeta* e do *Mercúrio Português*. **Labcom**, 2012.

SOUZA, L. E. P. F.; BAHIA, L. Componentes de um Sistema de Serviços de Saúde: população, infraestrutura, organização, prestação de serviços, financiamento e gestão. *In*: PAIM, J. S.; ALMEIDA-FILHO, N. **Saúde Coletiva**: teoria e prática. Rio de Janeiro: MedBook, 2013.

SOUZA, R. A.; BRANDÃO, E. R. À sombra do aborto: o debate social sobre a anticoncepção de emergência na mídia impressa brasileira (2005-2009). **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 16, n. 40, pp. 161-75, 2012.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos na Mídia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 151-164, 2002.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MENEGON, V. M.; LYRA, J.; LIMA, H. A construção da AIDS-notícia. **Cad. Saúde Pública**, v. 17, n. 4, pp. 851-862, 2001.

STACHESKI, D. R.; MASSI, G. A. A. Índices sociais de valor: mass media, linguagem e envelhecimento. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v. 15, n. 37, p. 425-36, 2011.

TEIXEIRA, C.; SOUZA, L. E.; PAIM, J. S. Sistema Único de Saúde (SUS): a difícil construção de um sistema universal na sociedade brasileira. *In*: PAIM, J. S.; ALMEIDA-FILHO, N. (Org.). **Saúde Coletiva – Teoria e Prática**. 1 ed. Rio de Janeiro: MedBook, 2014.

- TERRÓN, L. B.; LEYVA, F. M. R.; FERNÁNDEZ, S. V.; JACOBETTY, P. Los contenidos sobre comunicación en las revistas de salud pública. El caso de SCIELO. *In: Del verbo al bit. Universidad de Laguna*, Laguna, 2016.
- TOMITA, N. E.; PADULA, N. A.M. R. Intoxicação por chumbo em crianças e o discurso da imprensa. **Ciencia & Saude Coletiva**, 10 (sup), pp. 111-119, 2005.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. v. 2. Florianópolis: Insular, 2013.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. v. 1. Florianópolis: Insular, 2012.
- TRAQUINA, N. Theory Consolidation in the Study of Journalism: A Comparative Analysis of the News Coverage of the HIV/AIDS Issue in Four Countries. **Journalism**, v. 5, n. 197-116, 2004.
- TUCHMAN, G. **Making News**. A Study in the Construction of the Reality. New York: The Free Press; London: Collier Macmillan Publishers, 1978.
- VALDIVIESO, A. P. La salud y su manipulación. Análisis de dos periódicos nacionales: El País y El Mundo. **Revista Española de Comunicación en Salud**, v.2, n.1, p. 13-23, 2011.
- VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso**. Comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona, Paidós, 1990.
- VILLELA, E. F. M.; NATAL, D. Mídia, saúde e poder: um jogo de representações sobre dengue. **Saúde Soc.** v. 23, n. 3, pp. 1007-1017, 2014.
- VILLELA, E. F. M.; NATAL, D. Encefalite no Litoral Paulista: a emergência da epidemia e a reação da mídia impressa. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 4, pp. 756-761, 2009.
- WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- XAVIER, C. Mídia e saúde, saúde na mídia. *In: SANTOS, A. (org.) Caderno mídia e saúde pública*. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/Funed, 2006.